

170 Quarta. Classe. Vocabulário de Moraes Rego
offerece
padr. Castello-Branco

SELECTA ESCOLAR

ORGANISADA PELO

ORMA
469.
e 348/p
35-754

Padre Dr. J. S. Castello-Branco,

Lente substituto de lingua franceza, no

Lyceu Maranhense.

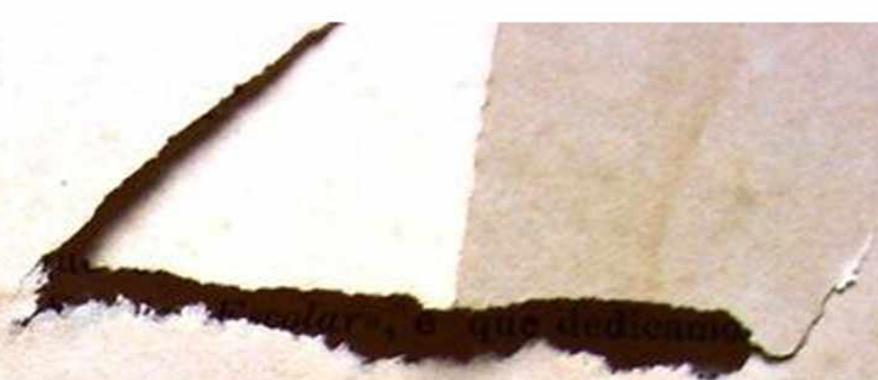
BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

REGISTRO SETORIAL
Seção Obras Raras
No. 154
Data 7 / 12 / 73

SÃO LUIZ-1886
Typ a vapor de Frias & Filho.

1ª parte

886/57
A:A.

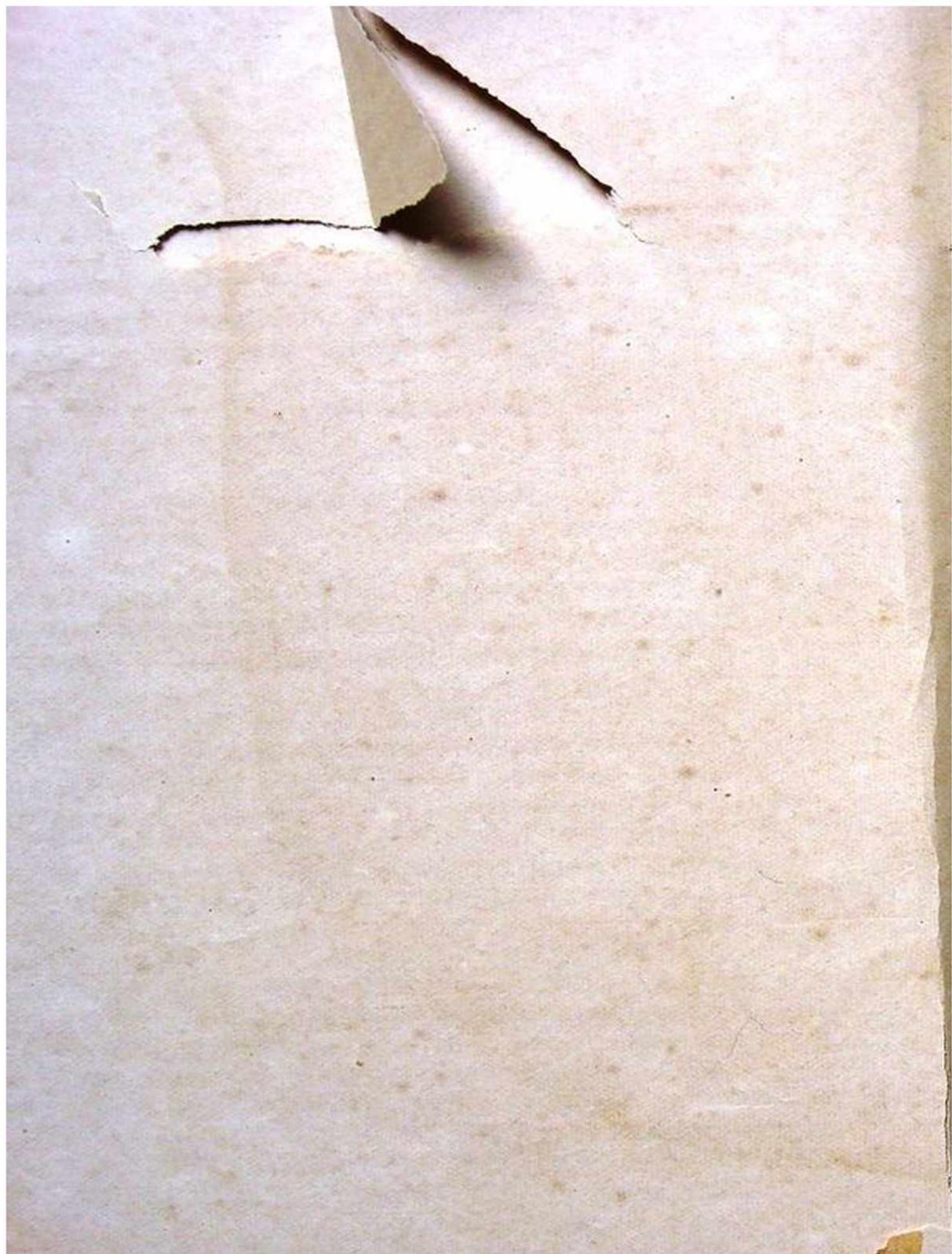


A'

Juocidade Maranhense

DEDICA

© Director.



P R E F A C I O

O livro que ora entregamos á luz da publicidade, sob o titulo de «*Selecta Escolar*», e que dedicamos á Mocidade Maranhense, não é uma obra original, nem quanto a essencia, nem quanto a forma: Não o é quanto a essencia, pois os artigos que encerra são de lavra alheia; não o é quanto a forma, pois nada mais commum do que essas collecções de trechos litterarios, que por ahi correm, sob titulos variados de *Selecta*, *Trechos selectos*, *Thesouro litterario* etc. etc.

Deixará por isso de ser util um livro n'estas condições? Por certo que não.

A vulgarisação mesmo das obras n'este genero, já é uma prova em favor de sua utilidade.

Com effeito, proporcionar em pequenos volumes ao alcance de todos, paginas de leitura variada, colhidas em auctores de nota, sobre assumptos de sciencias, lettras ou artes, é sem contestação alguma, de vantagem não pequena para a instrucção.

E si a escolha dos trechos for feita com intelligencia, criterio, discernimento e bom gosto não caberá, ao organisador de um livro d'esta ordem, um certo merito embora não seja o da originalidade?

Procuramos preencher essas condições organisando este livro, cuja necessidade reconhecemos principalmente no exercicio do magisterio, e cujo merito deverà ser calculado pelo valor litterario dos nomes que n'elle figurão.

* * *

Nosso primeiro pensamento antes de encetarmos a presente publicação, foi o de colleccionar apenas um certo numero de trechos curtos dos melhores auctores portuguezes, para servirem aos nossos alumnos de francez, como materia de versão para a lingua franceza.

Reconhecendo em breve que uma obra com taes proporções

teria uma applicação e utilidade praticas muito limitadas, pois destinava-se á um circulo muito acanhado de pessoas, entendemos alargar as proporções do plano primitivo, e organizar esta *Selecta*, em que cada pequeno artigo formando como um assumpto completo, embora breve, serve perfeitamente para o fim a que a destinavamos, tornando-se ao mesmo tempo um livro de leituras agradaveis e instructivas, que poderá com proveito ser adoptado nas escolas e collegios.

D'ahi lhe vem mesmo o titulo de *Selecta Escolar*.

* * *

Afastando-nos um pouco do systema habitual dos organisadores de *Selectas*, extractamos os artigos principalmente de escriptos de auctores modernos, não só para tornar desde logo mais conhecidos da mocidade, os nomes dos actuaes cultores das letras, como tambem por ser a linguagem d'estes mais adaptada á comprehensão e ao gosto dos alumnos.

Não ha duvida que a leitura feita nos escriptos dos velhos classicos é de summa vantagem, mas em geral esses esses escriptos, por muito conhecidos e analysados, já não offerecem attractivos, e o estylo as vezes pesado e os termos antiquados, que não raro encerrão, desagradão á mocidade, que inicia os estudos e ainda não tem instrucção sufficiente para apreciar as bellezas e primores d'esses monumentos litterarios.

E demais perguntaremos: Seria privilegio exclusivo d'esses homens, o bem escrever a lingua portugueza?

Não terão continuadores? não terão ao menos deixado imitadores?

Entre os auctores modernos de cujos escriptos extractamos, figurão em larga escala, nomes de maranhenses distinctos, que confirmão o glorioso e justo titulo de *Athenas Brasileira*, dado ao nobre torrão que serviu de berço á

VII

Odorico Mendes, Gomes de Souza, João Lisboa, Gonçalves Dias e outros.

~~*

Fizemos escolha principalmente de assumptos historicos por serem os que melhor allião o util com o agradavel. Desejariamos offerecer uma collecção ainda mais abundante e variada do que a que esta *Selecta* encerra, mas a necessidade em que estamos de entregal-a, sem mais demora aos alumnos, obriga-nos á brevidade.

Aguardamo-nos para fazer, em uma segunda edição as precisas ampliações, si a presente edição obtiver benevola acceitação dos Srs. Professores e Directores de Collegio.

Maranhão, 20 de Março de 1886,

Padre Dr. J. S. Castello-Branco.

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

21
SELECTA ESCOLAR.

PRIMEIRA PARTE

À CRUZ.

(Padre Senna Freitas)

Todo o christão esclarecido, ao reflectir um pouco sobre a transformação operada pelo sagrado madeiro, onde se consummou a redempção do mundo, facilmente encontra n'elle um argumento invencivel em favor da divindade da religião a que pertence.

O que era a cruz nos cyclos pagãos, e até na propria letra da lei de Moysés? Era um instrumento infame, um supplicio mais do que nenhum outro ignominioso, destinado a ser a extrema pena do crime.

O mais negro ferrete imposto sobre a fronte do réo era a condemnação a um tal supplicio.

A cruz symbolisava a accumulção das maldições com que a sociedade excluia o scelerado do seu seio, e aos olhos da propria divindade, segundo a linguagem do Pentateuco, era maldito o homem que pendia do Lenho.

N'uma palavra, já que a sociedade não podia impedir o grande criminoso de cabir na valla commum dos mortos, queria primeiro forçal-o a estender-se

fôra da terra, sobre um leito de martyrio e de es-carneo.

O Homem-Deus, Jesus Christo conseguiu conver-ter n'um symbolo de amor, de esperança, e de im-mortalidade, o estigma da maldição—o *madeiro da cruz*.

E eis que por ella tudo se rehabilita, que tudo n'ella se instaura, se transforma, e se vivifica, e sem ella tudo é noite profunda, degradação total.

O mundo sem a cruz foi por muito tempo um ca-daver d'onde se retirára a vida, e a vida das nações robustece-se, ou escaceia, conforme o pharól da re-dempção resplandece mais ou menos sobre ellas.

Fazei o parallelo do universo além da cruz, com o universo d'áquem da cruz.

Que era outr'ora a mulher, a consorte inseparavel dos nossos destinos, o anjo da especie humana, crea-do por Deus para emparadisar a nossa existencia, e que expulso comnosco do Eden, tornou-se o anjo da dor que entorna sobre as chagas do homem a lagri-ma do lenitivo; que era a mulher do paganismo se-não a demittida por força do seu nobre sexo, para ser a serva submissa da crueldade do nosso ?

Que era a criança senão uma planta sem valor que o lacedemonio, como o romano, arrancavam do solo da existencia, se tinha a desventura de não nas-cer perfeita ?

Que era o escravo senão o *pariá* da sociedade, um ser sem personalidade, sem direito a ser coisa alguma mais do que... uma *cousa* ?

Mas na cruz se corrigiram estes enormes erros sociais, se aproximaram estas distancias, se restituiram todos os direitos postergados.

Jesus Christo, expirando pela humanidade inteira, nivelou, por esse mesmo facto, todas as classes, todas as condições, todas as idades, todos os povos debaixo do nivel da sua caridade universal, e rehabilitou-as ao contacto do seu sangue divinamente precioso.

A mulher é admittida, segundo o plano primitivo do Creador, aos segredos mais intimos e ás alegrias mais puras da nossa vida; a criança é o mais terno e precioso deposito que o céu póde collocar entre as mãos de dous conjuges; o escravo não passa d'um nome que em breve será riscado do dictionario christão.

Uma nação havia ainda que não tinha por ora applicado á sua legislação esta modificação profunda realisada pela virtude da cruz, era o Brazil; mas dous annos ha que a lei da emancipação do filho do escravo alli foi promulgada. (1) O pae do recém-nascido sem ser homem completo, porque ficou escravo, já póde produzir um homem, ou le sorri á liberdade, que em si proprio não conhece.

Os paizes que o sol do cruzeiro não illumina, ja-

(1) A lei é de 28 de Setembro de 1871. O autor d'este artigo escreveu-o em 1873.

zem nas trevas da mais profunda ignorancia, do mais completo atrazo moral, social, litterario e religioso, como a maior porção da Africa, da Azia e da Oceania; os paizes onde a cruz domina e é adorada, são os unicos que representam o verdadeiro progresso intellectual, scientifico, industrial, commercial, moral, social e religioso, sendo assim que a cruz fez mais pela humanidade do que todos os tratados philosophicos de Socrates. Platão, Aristoteles, e todos os outros sabios da antiga Grecia, e da Roma pagã.

Os seculos XVIII e XIX teem-nos aturrido os ouvidos com os principios humanitarios de *liberdade, igualdade e fraternidade*, de que teem immensamente abusado, e com que pretendem abolir o reinado do Christo Redemptor, e passar acta de condemnação á sua religião como antiquada e insufficiente; mas os apostolos d'esses principios não veem que o que n'estes póde haver de grande, de nobre, de legitimo desceu em linha recta do alto do Calvario, d'entre os braços estendidos do Homem-Deus, para mudar a face da terra.

O divino Martyr levou para cima do seu leito de dor todas as tyrannias, todos os privilegios odiosos, todas as oppressões sociaes, e o seu sublime—*consummatum est*—foi a consummação e a extincção *em direito* de todas as dominações baseadas no abominavel *direito do mais forte*.

Salve, pois, ó cruz que datas a época da nossa verdadeira prosperidade, porque és o symbolo e o instrumento da nossa regeneração moral.

E a humanidade catholica reconheceu-o.

A cruz é o precioso ornato que domina os templos da christandade, que realça a corôa dos reis, que brilha sobre o seio virginal da donzella, que ostenta sobre a farda o soldado condecorado, que pende do peito nú e tostado do galé

A cruz illumina o primeiro dia da nossa existencia no sacramento do baptismo, symbolisa o perdão outorgado ao arrependido pelo deputado de Deus, santifica a união nupcial do homem com a mulher, refulge como um raio de esperanza e de conforto por entre as vascas do moribundo, e vêla triumphante sobre o pó dos cemiterios.

Ah ! sim, a cruz desmente as cinzas da sepultura: —a cruz domina sobre a louza do cadaver, como a linha de vida, a linha vertical, dominando a linha de morte.

Ella è o laço mysterioso que prende o tempo á eternidade, o finito ao infinito; é o arauto da immortalidade que diz á mãe inconsolavel que chora sobre o sepulchro do filho, á esposa que deplora a morte do esposo: — «elle não morreu, espera um pouco, amanhã vos abraçareis.»



Os romances.

(Padre Senna Freitas).

E' publico e palpavel que existe no seio da nossa sociedade uma colleção sinistra de principios morbidos, de virus perniciosos, de elementos de morte, que se communicam aos membros que a constituem, e que ameaçam atrophiar-lhes toda a vida e accção moral.

O primeiro virus é o romance immoral.

Em si, o romance é uma producção indifferente, que se presta á fórma que se lhe quizer dar, e cujo merito se póde limitar a um merito puramente litterario e esthetico.

Assim o bom romance, como os do grande cardeal Wiseman, os de Bresciani, de Franco, de Willefranche, Newman, do conselheiro Bastos, etc., são verdadeiros livros de ouro, amigos salutaes da juventude, preciosos manuaes de bons costumes, iniciadores faceis da consciencia, que eu desejava ver entre as mãos de todos os adolescentes, de preferencia a muitos outros, e ornarem as estantes de todas as familias, em cujo recinto medra essa planta mimosa e tão delicada, chamada — um filho.

Mas o romance immoral é um elemento formidavel de corrupção, um traidor insigne que, disfarçado sob a apparencia attractiva d'uma linguagem elegan-

te e especiosa, se insinúa no espirito incanto do joven, e perverte insensivelmente um coração só feito para amar a virtude: é um celebre criminoso que, ha mais de quarenta ou cincoenta annos, tem commettido mais delictos, realisado mais dissencões domesticas, consummado mais desordens sociaes do que todos os supplicados, e residentes dos calabouços d'esse tempo para cá.

O mau romance é o conselheiro disfarçado das paixões, o mau romance é a faisca da impudicia lançada e ateadada no coração, o mau romance é o apolo-gista e o advogado de todos os vicios, o mau romance é a litteratura do crime, o mau romance é a serpente do Eden lavrando através das paginas d'um livro, é o introductor do prostibulo, o scelerado que violou a pureza do leito nupcial, o rowolver que perpetrou o homicidio, o mau romance é o evangelho do inferno

Não haverá na sociedade uma cadeia onde tão enorme criminoso seja retido, e isolado até vir a resipiscencia ?

Existe sim uma cadeia, uma penitenciaria estabelecida pela Igreja para a novella immoral, onde seria efficazmente coarctado do mal que opéra na sociedade, se fosse fielmente observada a lei que lá a encerra, é o *Indice dos livros prohibidos*.

O Messias promettido. Espectativa universal.

(Dr. Egydio Azevedo.)

Gosava assim as doçuras da paz o velho mundo, que ainda arquejava fatigado de longas e porfiadas luctas e sanguinolentas guerras, que haviam ceifado milhares e milhares de preciosas existencias.

.....
E não obstante estes tempos felizes, que haviam voltado, a prazer de todos; não obstante esta tranquillidade, que reinava geralmente; lavrava comtudo nos animos uma grave preocupação, e um certo presentimento se espalhava entre os povos.

Jamais havia sido vista e apreciada uma tão pacifica serenidade, como a que estavam gozando agora; paz mais bella ainda não tinha existido; e comtudo ella não podia satisfazer as necessidades, que experimentava a geração, que vivia n'aquelle tempo.

No seio das cidades surgiam e levantavam-se rumores mysteriosos, que eram espalhados logo pelas aldeas; os oraculos eram a cada passo consultados, e as poesias sibyllinas eram lidas com profunda anciedade

As tradições cumêas e hebraicas, as que gozavam de maior celebridade, fallavam d'um *rei*, que havia de vir do oriente da Judéa governar o mundo.

Na tenda do arabe, na choupana do dacio, nas ruas, nas quintas, nas praças, á beira dos rios, no alto mar, em toda a parte cada qual se inqueria do novo seculo, que estava por vir.

Excitados pela mesma anciedade, os homens agitavam-se.

Os do septentrião e do poente voltavam os olhos para o oriente, e os das regiões da aurora dirigiam-os para o occidente; de maneira que n'este tempo, pela vez primeira, se encontraram as vistas de todos os habitantes da terra quasi no mesmo lugar, que foi o berço da humanidade !

Os palacios e as cabanas, as cidades e as aldeas esperavam com impaciencia o dia annuciado

Nunca se havia experimentado um alvoroço tão geral, nunca havia existido uma semelhante expectativa.

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO
Nascimento de Jesus.

(Dr. Egydio Azevedo.)

Por esse tempo ordenou Octaviano Cesar Augusto, por um edicto de censo, o arrolamento dos habitantes do seu imperio, para saber quantas cabeças protegia a sua espada sempre victoriosa.

Decahia já o triste outono; as chuvas torrencias, despenhando se com estrepito, e o vento silvando nas franças copados das arvores, nas alturas, das montanhas, annunciavam que a estação desabrida do inverno, que se aproximava, não concedia senão inclemencias e fadigas.

Nuvens pesadas e sombrias corriam velozes, pela atmosphera humida.

Começava rigoroso o inverno d'aquelle anno, sempre memoravel nos fastos da humanidade:—o do anno 750 da fundação de Roma.—

As estradas do imperio eram percorridas em todas as direcções por milhares de pessoas, que regressavam á terra da sua naturalidade, para dar cumprimento ao edicto de Augusto.

Entre ellas caminhava um humilde e obscuro carpinteiro, que, vindo da Galilêa, se dirigia a Bethlem na Judêa, d'onde era natural.

Acompanhava-o Maria, sua esposa.

A sua florente mocidade; os seus louros cabellos; a sua casta e singular formosura deslumbrante; a fraqueza da sua compleição; o encanto, doçura e alegria de seus olhos de um verde fino, mas não claro; a meiguice e brandura do seu tracto; um composto de perfeição, que nunca teve igual; e as esperanças que tinha de gozar em breve das doçuras da maternidade, tudo concorria para que Maria fosse respeita-

da e venerada com entranhavel amor por todos aquelles, que a contemplavam.

Chegados os dous esposos a Bethlem, não acharam hospedagem alguma; as opulentas familias não consentiram em seu seio quem era tão pobre e tão obscuro; as portas dos grandes e dos pequenos achavam-se fechadas para aquella que trazia em seu ventre o Senhor dos mundos:—*Aquelle*, que dá o orvalho á flor, a chuva aos campos, a fertilidade ás terras, o sol ás searas, os fructos ás arvores, e a existencia e a vida ao nada !

Acharam, porem, agazalho e conforto, onde não havia corações humanos, que sentissem ternura e compaixão por uma joven mãe; encontraram hospedagem, onde não havia a soberba dos grandes, nem a vaidade dos opulentos; mas, sim, a humildade e o desconforto da pobreza !

Nasceu, finalmente, *Jesus*, —um pobre infante, que nem sequer teve como Moysés, um berço de junco, e que os homens não quizeram hospedar em suas cazas, mas que era o alvo de todas as vistas, a conversação constante, tanto nos palacios, como nas choupanas; á beira-mar, como nos montes; nas florestas, como nos campos; o annuncia-do pelos prophetas, o desejado das nações, o Messias prometido, o Libertador do genero humano, que vinha ao mundo, por amor dos homens, ensinar as eternas verdades do bem e da justiça, pregar a lei da fraternidade, unir os

mesmos homens, tornal-os irmãos e abrir-lhes as portas da Jerusalém celeste.

Raiára, enfim, a aurora brilhantissima da nossa redempção !

Os trabalhos e soffrimentos de Jesus.

(Dr. Egydio Azevedo.)

Jesus encheu o mundo com seus maravilhosos prodigios; admirou os sabios com a sua angelica doutrina; verberou e amaldiçoou os hypócritas e os maus; fulminou o orgulho e o despotismo; exaltou e engrandeceu os fracos e os pobres; acariciou e amimou as crianças; e tinha sempre para cada tristeza uma consolação; para cada mágoa um conforto; para cada doença um balsamo; para cada pobre uma esmola; para cada injuria um perdão; e para todos uma doutrina nova, sublime, admiravel, celestial, que a todos convencencia, a todos dominava e a todos arrastava após de si.

Elle, que viera ao mundo ensinar a verdadeira e sincera piedade, que se manifesta por um culto todo do espirito, tinha, para as exagerações supersticiosas e apparatus das longas preces dos phariseus, sempre uma arguição constante, sempre uma aspera censura.

Elle, que era casto, affavel e triste, cujos labios raras vezes se abriam em um sorriso repassado de tristezas e amarguras, cujos olhos azues como o céo, suaves como a brisa fagueira da tarde, malancolicos como a solidão, ~~derramavam~~ ardentes lagrimas, ao ver os males da humanidade afflicta; elle, que era benigno e pacifico, enche-se d'uma santa cólera e de uma justa indignação, ao expulsar do templo de seu Pai aquelles que n'elle mercadejavam !

As multidões seguiam-o desde os montes da Galilèa até a beira do lago de Tiberiades; desde as cidades até aos campos da Judèa; e por toda a parte o acompanhavam, arrastadas pela singela eloquencia da sua divina palavra

Os enfermos, os cegos, os rachiticos, todos a porfia o procuravam, e sempre encontravam n'elle o remedio efficaz para as suas molestias do corpo, e doutrina benefica e reparadora para suas almas, sequiosas da verdade.

Na mais obscura aldèa da pequena Judèa, como na mais famigerada synagoga; no ermo como na cidade, elle sempre exaltou a humildade e a virtude, sempre condemnou a soberba e o vicio, sempre espalhou, a mãos abertas, as benções e os beneficios, sarando os leprosos, curando os enfermos, dando vista aos cegos, vida aos mortos, e sobretudo, o perdão aos pecadores !

Que sublime e divina missão ! que sympathico e

generoso Nazareno ! que excelso e adoravel Jesus !

«Creado no trabalho, diz um grande orador, desconhecido dos seus, perseguido pelos tyrannos, insultado pelos sacerdotes, casto, meigo, triste, os labios se lhe abrirão para a pregação da doutrina tão singela como um idyllio e tão profunda como o mar; e a sua palavra, que podia ser mais pavorosa do que o trovão, é a palavra branda do amor; a sua guerra aos inimigos, são lagrimas e orações; o seu raio vingador é o olvido e o perdão das injurias; o seu sceptro o soffrimento; e o seu diadema uma corôa de espinhos.

Não encontra um azylo, tendo creado o Universo; tem frio, tendo formado o sol; padece sede, tendo feito apparecer todas as aguas; sente fome, sendo seus todos os alimentos; é victima dos juizes do mundo, havendo em si todos os poderes. E depois de confundir os fortes e exaltar os debéis; depois de afagar as criancinhas e instruir as mulheres do povo; depois de ter alumiado os ignorantes, consolado os opprimidos, alentado todos os que padecem as inclemencias e as injustiças da terra, supporta o supplicio affrontoso dos ultimos criminosos, estende os braços sobre a cruz, e inclina a cabeça sobre o peito, como para abranger a humanidade e chamar a si todos os homens, porque em verdade a sua morte era a vida do mundo.»

Bens transitorios.

(Padre Antonio Vieira.)

O que mais pesa e o que mais luz no mundo são as riquezas. E que cousas são as riquezas, senão um trabalho para antes, um cuidado para logo, e um sentimento para depois ?

As riquezas, diz S. Bernardo, adquirem-se com trabalho, conservão-se com cuidado, e perdem-se com dor.

Que cousa é o ouro e a prata senão uma terra de melhor côr ? E que são as perolas e os diamantes senão uns vidros mais duros ?

Que cousa são as galas senão um engano de muitas cores ? cabellos de Absalão, que parecião madeixas e erão laços.

Que cousa é a formosura senão uma caveira com um volante por cima ? tirou a morte aquelle véo, e fugis hoje de quem hontem adoraveis

Que cousas são os gostos, senão as vespas dos pezares ? Que cousas são as delicias senão o mel da lança de Jonathas ? junctamente vão á bocca o favo e o ferro.

Que cousa são todos os passatemplos da mocidade, senão arrependimentos depositados para a velhice ? e o melhor bem que podem ter é chegarem a ser arrependimentos.

Que cousa são as horas e as dignidades senão

fumo ? fumo que sempre cega e muitas vezes faz chorar.

Que cousa é a privança senão um favor de pouca dura ? um raio do sol o levanta e outro o desfaz.

Que cousa são as provisões e os despachos grandes, senão umas cartas de Urias ? todas parecem cartas de favor e quantas forão sentença de morte !

Que cousa é a fama senão uma inveja comprada ? uma funda de David, que derruba o gigante com a pedra e ao mesmo David com o estalo.

Que cousa é a prosperidade humana, senão um vento que corre todos os rumos ? se diminue, não é bonança, se cresce é tempestade

Finalmente, que cousa é a mesma vida, senão uma alampada accesa, vidro e fogo ? vidro —que com um assopro se faz, fogo —que com um assopro se apaga.
(Padre Antonio Vieira.)

O sacerdote christão.

Dirigir e governar espiritualmente os milhões de catholicos, que povôam o universo; leval-os pelas estreitas veredas da verdade e do bem, afim de alcançarem a vida eterna, que lhes fora promettida por nosso Senhor Jesus Christo, é o *munus* pastoral.

E' este o ministerio mais augusto e santo que existe no mundo.

Não ha principe na terra que tenha um poder igual, não ha potentado algum que tenha uma authoridade, quer ella derive da riqueza, quer da intelligencia, quer d'ambas juntamente, que se assemelhe ao brando e suave dominio sobre as consciencias, estabelecido por Jesus Christo.

Senão, que digam os factos.

O poder politico, obrando sobre as vontades, muitas vezes rebeldes dos seus subditos, leva-os contrangidos ao cumprimento dos seus preceitos; as leis civis cahindo a prumo sobre a cabeça d'um desgraçado, que teve a infelicidade de perpetrar algum crime, não lhe concedem meios para elle se regenerar, não lhe dão subsidios para que, sob um castigo suave e moderado, elle se arrependa e se rehabilite perante a sociedade offendida.

Pelo contrario, ao pastor evangelico, ao sacerdote christão, é que compete o direito santo de mitigar nossas dores, de nos aconselhar a fazer o bem por amor do bem, a sermos virtuosos por amor da mesma virtude; só o sacerdocio christão—catholico é quem cura e cicatriza as feridas de nossa alma, só elle é quem lava as nodoas do peccado, só elle nos consola, só elle aconselhando-nos a pureza de intenção e a submissão da vontade, nos leva ao exacto cumprimento das leis.

Bate o infortunio á porta d'uma familia ? ahi ao seu lado é que é o posto do pastor christão !

Periga a salvação d'um enfermo ? em sua casa é que é a sua habitação; e, consolando os moribundos, fallando-lhes na recompensa dos justos, na misericordia de nosso Senhor Jesus Christo, enxugando as lagrimas da fome com o óbolo da caridade, e fazendo correr amargo pranto pelas macilentas faces do arrependido, elle espalha ás mãos cheias, as graças e beneficios que Christo legou á sua Egreja.

Reprehende, aconselha, implora, tranquilisa em nome de nosso Pai celestial.

Entra em toda a parte; não se impõe, insinua-se; não coage, aconselha; não castiga, attrahe

Ha poder mais santo ? ha ministerio mais augusto do que o do sacerdocio christão ?

Quando os grandes do mundo, os ricos da fortuna procuram alegrar os sensabores da sua vida; quando elles, no meio dos festins e dos banquetes, deixam passar desapercibidas as horas; quando nos bailes ostentam as galas da sua educação palaciana; quando a deshoras o céu todo coberto de nuvens prenes de electricidade, que, chocando-se, produzem pavorosas detonações; quando a chuya se despenha como que de cataractas; quando fuzila o relampago e ribomba o trovão nas planicies da atmosphera, é então, a essas horas de tempestuosa noite, que o pastôr é chamado ao cumprimento do seu augusto ministerio !

E elle vai, n'essa hora mesma, ministrar o balsemo de consolação a um moribundo, que se estorce e revolve no seu leito de agonia e de cruciantes dôres, a quem lacera o remorso da sua vida desregrada, angustiando-se, n'esta hora extrema da sua existencia, de não poder reparar os delictos que commetteu na sua mocidade !

E o pastor christão fortifica-o, consola-o, dizendo-lhe que tenha fé na misericordia divina, aconselhando-o a que tenha uma verdadeira dôr e um sincero arrependimento das suas culpas e peccados, para que Deus lh'os remitta; e d'esta sorte faz brotar lagrimas de arrependimento n'aquella alma, até então arida e embotada para o sentimento, e resolve-o á reparação dos males, que cauzou com seus desatinos e extravagancias.

E o pastor catholico, aquelle que dá a vida pelas suas ovelhas, aquelle que as consola na desgraça, que as reprehende no vicio, que reprime suas paixões,—procura encaminhar á salvação eterna aquella alma, feita a imagem do seu Creador, subministrando-lhe os santos sacramentos da penitencia e da Eucharistia: tranquilisa-o sobre o seu destino, patenta-lhe as portas do céu, e o introduz nos côros angelicos, na morada celeste, na felicidade eterna, que, com os seus desvios e negligencias, havia perdido, mas recuperou pela grande misericordia do nosso Salvador.

E o pobre, sem conforto e sem esperança até então, n'esta hora suprema do seu passamento, *sorri e espera* em Deus, seu Redemptor; bendiz o santo pastor e entôa hymnos de gratidão, em sua alma, ao Deus das misericordias, exaltando-o e louvando-o, a Elle, que teve compaixão de tão grande peccador, e expira, gozando a felicidade eterna, que lhe fôra promettida.

A Igreja e seus Apostolos. (1)

(D. Antonio de Macedo Costa Bispo do Pará.)

Abri a historia ! Lêde ! Todas as instituições humanas desabrocham dentro dos limites exclusivos de uma escola, de uma nacionalidade, de uma raça quando muito, para ahí definir e morrer.

Mas uma instituição que tem a força de expansão necessaria para abranger em sua vasta unidade todos os povos, todas as civilisações, todas as forças vivas da humanidade, e que as contem de facto inviolavelmente unidas a um centro commum de auctoridade, a qual sem meio algum humano, se faz acceitar, res-

(1) Primeira carta pastoral, por occasião da entrada na Diocese, a 1.º de Agosto de 1861.

peitar e bemdizer de uma a outra extremidade do universo por dusentos milhões de consciencias, dizei o que quizerdes, — nós reconhecemos o dedo de Deus nesta admiravel organisação do Apostolado Catholico.

A domino factum est istud.

E esta bella obra dura ha já desenove seculos; outro signal de divindade que destingue o Apostolo da Egreja: sua pasmosa duração no meio da caducidade das cousas terrenas.

Os imperios nascem e morrem; surgem e desaparecem as dynastias; as gerações succedem as gerações no mar incapellado das idades: e o Apostolado sempre o mesmo, sempre vivo, proseguindo atravez das vicissitudes humanas sua missão civilisadôra.

Não ha obstaculos que elle não haja superado; não ha ruinas a que elle não haja sobrevivido; não ha vortice de revolução em que elle não tenha sobrenadado.

Elle vive, elle respira na Egreja, hoje, nos dias de Pio IX, com tanta juventude e vigor como nos dias de S. Pedro, confessa-o neste seculo o protestante Macauley em face da Europa.

Quando os impios julgaram tê-lo empobrecido, vilipendiado, suffocado na deshonra; quando depois de lhe haverem chumbado um feretro, bateram palmas, disendo :

«Feito é do Apostolado; morreu com o ultimo Pon-

tifice !», — nesse mesmo dia resuscitou elle mais florido, mais robusto que nunca, e foi derramar tranquillamente suas benções sobre povos inteiros que o estavam aguardando !

Fazei ou dizei o que quizerdes; eil-o ali em face das gerações inimigas ou indifferentes; eil-o com a palavra de Deus sempre solta nos labios, sem que nenhuma tyrannia a encadêie.

Sim, mesmo em nossos dias, dias tristes e máus, em que as verdades se acham por toda parte tão diminuidas e os mais nobres caracteres enervados pela acção dissolvente do egoismo e do interesse material; mesmo em nossos dias, pode a terra, mercê de Deus ! consolar-se com o magnifico espectáculo dessas sublimes dedicações dos Apostolos da verdade, que se lançam com uma cruz na mão para a conquista do mundo !

Vêde-os, vede-os, como avançam para todos os pontos de horisonte, cheios de santa coragem .

O oriente e o occidente os reconhecem; desde os desertos gelados da Siberio até as ilhas inhospitas da Oceania, retroou o som da voz dos novos Apostolos do Christo, e todos os paizes vendo-os vir ao longe, como nuvens bemfazejas impellidas pelo sôpro de Deus, se levantam para saudal-os.

Oh ! quão formosos são os passos dos que evangelizam a paz, dos que evangelizam os bens do Senhor !

Que beneficios derrama sobre a terra este divino Apostolado !

Nenhum erro ameaça seduzir as intelligencias que elle não se apresente para condemnal-o; nenhuma perversa tendencia se insinúa nos costumes, que elle não appareça para corrigil-a.

Santamente encarniçado contra a mentira, como contra as más paixões, elle nunca chama bem o que é mal, nem mal o que é bem; não diz que as trevas são luz, nem a luz trevas.

Tocado de compaixão pela pobre humanidade, que elle deseja salvar, não consente que o infortunio ou o vicio façam n'elle qualquer chaga sobre que não applique logo, mas com uma delicadeza infinita, o conveniente apparelho; tem balsamos para todas as dores, e sua caridade é tão engenhosa quanto fecunda.

Assim tem o Apostolado catholico atravessado perto de dous mil annos. sempre fazendo o bem: *Pertransiit benefaciendo.*

Elle é a luz do mundo, destinada a esclarecer os que dormem assentados á sombra da morte.

E' o sol da terra, que unico pode preservar da corrupção esta carne humana, tão facil de corromper-se.

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

A preguiça.

(Raphael Bluteau.)

Na preguiça que, segundo Cicero, é um vil receio do trabalho que acompanha o obrar, tem o commum dos homens outro impedimento para a cultura das sciencias.

Todo o curioso tomára ser na poesia um Homero, na oratoria um Cicero, na astronomia um Ptolomeu, um Euclides na geometria, na philosophia um Aristoteles, um S. Thomaz, na theologia, mas tanto que se reflecte no trabalho com que se vencem as faldas do Parnaso; tanto que se lhe representa a difficuldade de penetrar nos gabinetes da eloquencia: tanto que se põe a considerar na ambiguidade das observações astronomicas, na impertinencia dos principios geometricos, nos labyrinthos da philosophia, nos pinaculos da theologia, já não se quer ser, nem poeta, nem orador, nem astronomico, nem geometra, nem theologo; mas antes se quisera entrar na cathegoria dos brutos, do que ter logar no catalogo dos sabios, com laboriosa applicação e desvelo.

Para este genero de homens, seria preciso que, assim como as aguas do Lethes causavão esquecimento

de todo passado, houvesse outro rio, cujas aguas infundissem o conhecimento de todo o scivel.

Mas não é potável o ouro da sciencia; e ainda que o fôra, sempre havia de amargar a bocca, e só depois de embebido nas entranhas se havia de lograr sua preciosa doçura.

Lá dizia Socrates, que as raizes das virtudes são amargosas, e os fructos d'ella suaves; symbolo natural d'esta verdade é a herva loto, amargosa nas raizes e doce nos fructos; se na arvore da sciencia as raizes teem fel, os fructos d'ella são nectar.

Não se devem estranhar principios escabrosos a que se seguem deliciosos progressos.

Os principios de todas artes teem tropeços, mas continuados produzem habitos que facilitão os actos, recreião as potencias, e alegrão o artifice.

Nas primeiras viagens, com mão tremula, governa o piloto o leme, mas depois de practico na arte nautica, acommette confiado o fluctuante abysmo

A mulher no mundo pagão

(Dr. Egydio Azevedo)

A historia da mulher em épocas remotas, anteriores ao christianismo, é negra, horrenda ! 4

Compulsae esse livro de paginas luctuosas, chamado,—a historia dos povos antigos—, abri e lêde

Horrorisar-vos-heis da degradação e vileza, a que os homens fizeram descer aquella, que devera ser a sua fiel consorte, a depositaria da sua honra e a alegria da sua vida domestica

A mulher,—diziam,—é fera indomesticavel.

O marido tem o direito de a vender e matar.

Victima muitas vezes, resignada de taes principios, a mulher nascia, morria e vivia sob o latego da escravidão vil e degradante do pai, do marido ou do senhor.

Com pincel de mestre, Michelet descreve a sombria e atribulada existencia da mulher na sociedade romana.

«Por numerosa que se junte a familia em roda do lar—diz elle— não descubro senão uma pessoa unica, —o pai, o possuidor actual, a acção domestica, o deus vivo da esposa, dos filhos, dos escravos

A indole antiga é feroz e exclusiva; a mulher, os filhos e servos são corpos, são cousas, mas não representam pessoas.

Pertencem ao chefe; este pode varal-os, vendel os ou matal-os »

E deste modo, o marido e o senhor exerciam a tyranica supremacia do mais forte sobre o ente mais fraco; e a vontade d'este era, destruida, aniquilada pela acção da omnipotencia d'aquelle.

E' por isso que a indifferença conjugal, as torpezas, o odio, as scenas monstruosas, o adulterio, as sevicias domesticas foram as tristes consequencias de um tal estado de cousas.

As mulheres, offendidas no seu melindre, desconsideradas por os que mais as deviam engrandecer, apeadas do throno da sua dignidade pessoal, vingavam-se, descendo até enterrar-se no lodo dos vicios e engolfar-se nos prazares lubricos e libidinosos.

Se no meio de tamanha degradação appareceu uma Cornelia, mãe dos Gracchos; se vivem honestamente Octavia, mai de Augusto, typos nobres e elevados pelas suas virtudes, ganhando a veneração e os louvores das idades por vir; ao seu lado appareceu tambem uma Serviola, repudiada por asquerosas e repugnantes devassidões; Tulliola, a filha predilecta de Marco Tullio Cicero, maculada pelas suspeitas de incestuosa com seu proprio pai, e a irmã de Claudio, em tenra idade. furtando-se aos criminosos amores do irmão para se entregar á libertinagem com Metello !

«A castidade da romana, diz um escriptor d'aquella época, é uma prova da sua fealdade !»

O que eram os mysterios de Adonis, de Cybele, de Priapo e de Flora, senão o theatro de estrondosas devassidões, o charco immundo da libertinagem, da prostituição e de vilezas ? !

Lactancio, o Cicero christão, no seu livro *I De falsa religione*, diz a este respeito: «que alli se via á luz do

sol o que se costuma sumir nas trevas, gelando ás vezes o suor do pejo, o vigor infame dos actores.»

Mas para que admirar-nos de tantas torpezas, de tamanhas libertinagens, se a propria religião as consentia, quando não as preceituava ? !

Que moralidade, que castidade podia haver, deificando-se um Jupiter seductor, uma Venus impudica, um Marte adultero ?

O vicio, a libertinagem, a prostituição eram representadas n'essa religião por outros tantos *deuses*, que eram adorados sem pejo, nem vergonha.

E a mulher por toda a parte era tida e considerada como unico meio de reproducção; mas nunca como a carinhosa e solícita companheira do homem !

A mulher e o christianismo

(D. Antonio da Costa).

A mulher, tal como hoje ella é, devemos-a á reforma sublime operada por Jesus Christo, que, com a sua salutarissima doutrina, com as suas maximas e pensamentos celestes e com seu divino exemplo, veio partir as apertadas cadêas e quebrar as duras alge-mas que arroxavam os pulsos dos escravos, dos fracos e dos opprimidos

«Tudo mudou (depois da vinda de Jesus de Nazareth). A doçura embalsama os domesticos aposentos.

O esposo encontra dentro da propria habitação a felicidade, que procura inutilmente fóra de casa.

A força cahe aos pés da virtude, e a graça impera no lar.

Assim como a desestima fazia da antiga mulher um ente desconfiado, a consideração, que a mulher pudibunda recebe do marido e da familia, eleva-a aos proprios olhos.

Era devassa, quando a lei a obrigava a ser virtuosa; a virtude appareceu na mulher, quando o amor entregou a honra á confiança d'ella.

A escravidão aviltava-a, foi a liberdade, que a enobreceu e salvou.

O christianismo, disse á mulher: *ama e sé o anjo da tua familia*; e a mulher amou.

Do seu coração brotaram torrentes de carinho e de sentimentos.

Aquella sombra, que passa pelo interior da habitação, vai exhalando aroma de bem.

Aquelle rosto de bondade alegre a familia.

O filho valido é aquelle que mais necessita dos cuidados d'ella.

O que adoece, vê-a chegar á cabeceira, como a dôce imagem do allivio, e o beijo, que sente na frente, consola-o, como um balsamo.

O mais novo advinha-a, quando ella se aproxima do berço, e cala-se lhe o chôro ao advinhal-a.

Os pobresinhos da semana abençoam a nivea mão da caridade, d'onde lhes cabe acostumada esmola.

O esposo regressa do trabalho diurno, presentindo os braços abertos da esposa do seu amor.

A mulher, assim dulcificada com o amor que dá e que recebe, adoça por seu turno o homem, salva-o em vez de o perder, e, abrindo então ás mãos cheias o cofre infinito da alma, fechado havia tantos seculos, cahem-lhe d'elle sorrisos, lagrimas, affectos, sacrificios, abnegação, que nem sequer tem o merito de avaliar, porque os dá sem calculo, recebendo o premio na espontanea satisfação com que os dá.

A mulher, regenerada assim na familia, tambem o foi na vida social.

Vendo-se elevada pela consideração pessoal, a mulher dá a mão á sociedade e concorre para lançar por terra os elementos de ferro do mundo antigo

Purifica pela castidade os costumes, visita o encarcerado e o pobre, funda o hospicio, inventa as mil formas de beneficencias, e deixando de ser a comparsa inutil na labutação do mundo, vem estrear um papel grandioso na scena universal; entra no trafego social com o seu magico prestigio, exercendo salutar influencia em qualquer das situações do seu estado, e, realisando assim a nobre missão que lhe é aberta, converte-se, de inutilidade que era em cada paiz, no

primeiro elemento da moralidade da familia e da civilização na sociedade.

Jogos. Damnos que causam.

(Padre Antonio Vieira.

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

Sendo tão frequente e ordinaria no jogo a perda do dinheiro e da fazenda, isto é o menos que n'elle se perde, porque são muito mais preciosas, e para sentir, as outras perdas ou perdições, em que a cegueira da cobiça não repara.

Perde-se a autoridade, porque se diz que a meza do jogo a todos iguala, com tanto que tenham que perder; o que é contra todas as leis da decencia e honra.

Alexandre Magno, convidado para que quizesse entrar nos jogos Olympicos, respondeu que o faria, se tivesse reis com que emparelhar na contenda.

Perde-se o tempo, que como discorre Seneca, é o maior thesouro que a natureza fiou dos homens, e perde-se com perdição maior e mais desesperada: porque o dinheiro que se perde em uma mão póde se recuperar na outra, o tempo uma vez perdido não se pode restaurar.

Perde-se a amizade, porque quando jogamos com um amigo, a nossa tenção é que o que é seu seja nosso, e a sua, que o que é nosso seja seu. Aqui se quebra a santissima lei da verdadeira amizade: *Tudo entre amigos é commum*. Porque o amigo nenhuma cousa pode ter tão propria sua, que não seja do outro amigo, pois o amigo é outro eu: *alter ego*.

Perde-se a piedade, porque pela impaciencia, rai-va, inveja, e mofina de que o jogo não favoreçe, saem da sua bocca juramentos e execrações contra o céu e contra os proprios companheiros

Perde-se a mesma liberdade, como se escreve dos antigos Germanos que depois de perdido quanto tinham, a jogavam, ficando perpetuamente captivos, e o mesmo se uza hoje nas galés do Mediterraneo, em que os homens, se homens se podem chamar, se vendem a retro aberto; com condição que se ganham no jogo, restituem o preço; e se perdem, se sujeitão para sempre ao infame e duro captiveiro, ferrolhados os pés ao banco, e as mãos atadas ao remo.

Perde-se a religião, porque o tãful, que não tem que jogar, nem que furtar no profano, se arrojará facilmente no sagrado, e a despir os altares, como fizerão em figura os algozes que crucificarão a Christo, e depois de o pregarem despido na cruz, lhe jogarão as vestiduras.

Finalmente perdem-se ou acabão de se perder as

quasi perdidas almas, como muitas, por não ter que jogar e perder, se entregaram ao demonio.

E outros, por extrema desesperação, se mataram a si mesmos, ultimo arrojo a que pode chegar o delirio humano

O tempo

(Da «União Catholica»)

BIBLIOTHECA PUB
do
ESTADO DO MARAN

O caracteristico do tempo é fugir e desapparecer incessantemente.

Em seu rapido curso regula as horas, dias, annos, isto é a vida. Arrasta-nos comsigo, mão grado nosso, e nos impelle para a eternidade, assim como a gravidade impelle os rios para o Oceano. Estas aguas se despenhão no mar que as deve engulir, nem se quer uma gotta pode subir ou demorar sua marcha, cedendo ao impulso que a domina.

Eis o simile da vida; caminhamos sob a irresistivel pressão do tempo, sem jamais retroceder.

O tempo encurta o instante que accrescenta á nossa vida; um anno de mais d'ella, é um de menos de existencia terrestre; quanto mais nos adiantamos,

mais proximos estamos do fim. Em ultima analyse, a vida é apenas caminho para a morte.

O ponto de partida é o berço; a méta é o sepulchro, a distancia que os separa é o tempo. O sepulchro não é fim, como o berço é principio; o ultimo é precedido pelo nada, mas além do tumulo campeia a eternidade; o tempo transpõe o espaço de um a outro.

Embora fugitivo, o tempo é mui precioso, pois do uso que d'elle faremos á medida que se escôa, depende nossa ventura ou desventura eterna. O tempo bem empregado é o thesouro independente da ferrugem e dos ladrões, em que falla o Salvador. thesouro que nos exortou a adquerir para obter o céu.

Ah! se tivéssemos sempre estampado na mente o pensamento que cada momento da nossa vida mortal, deve ter para nós consequencias eternas! seriamos mais prudentes, sensatos, zelosos na practica das boas obras.

Semelhantes ao negociante que deseja enriquecer, aproveitariamos todos os instantes; como elle, cada anno regulariamos nossas contas; fariamos de tudo exacto inventario, e quando descobrissemos a causa de nossas perdas e proveitos, o passado nos serviria de regulador para o presente, que nos ensinaria a aperfeiçoar o futuro

E' urgente proceder assim visto a incerteza do tempo. Si estendemos as vistas em roda de nós, o anno passado não deixou vacuo? Nosso coração não

foi traspassado com o pungir de dolorosas separações? Se escapamos a recentes perdas d'aquelles que amamos, será possível recuar muito espaço para achar em nossas reminiscencias profundos pezares, crueis perdas ?

Estes successos dolorosos fallam eloquentemente, e nos mostram quanto é incerto o tempo; para o anno que entra poderemos estar vivos ou mortos; talvez um dia proximo seja o derradeiro de nossa vida.

Consideremos: verei o fim do anno que começa, será este em que se decida minha sorte eterna? Reflexão propria para nos impressionar profundamente, excitando-nos a empregar bem o tempo que a Providencia misericordiosamente nos concede. Se todos os dias este pensamento nos occupasse, quão santa seria nossa vida ! Busquemos compenetrar-nos d'elle.

Não esperemos do tempo felicidade completa e permanente, pois não póde dal-a; é fugitiva como elle, e entrelaçada de mil penas, o tempo é a vereda que conduz á felicidade, mas não é a propria felicidade. O viajante que percorre este caminho, deve estar precavido para supportar os incommodos da jornada, que sempre existiram e existirão; não busquemos com vãos systemas mudar a marcha das cousas. Deus para castigar nossa loucura, acrescentará aos males de que nos queixamos, outros que seriam obra nossa, e perderíamos, a paz e a esperanza, que são preferiveis a todos os bens que o mundo pode dar.

Já que o passado nos não pertence, nem por ora o futuro, que dominio temos sobre o tempo? O momento actual, nada mais. Expiemos o passado pelo arrependimento e penitencia, realisemos os bons propositos adoptados, formemos outros mais perfectos, principalmente mas firmes para o futuro.

Sejamos mais christãos; então cessará o sensualismo de absorver todas as nobres faculdades da nossa alma. Então as paixões deixarão de separar os homens; a verdadeira liberdade, a equitativa igualdade, a doce fraternidade, felicitarão o mundo, serão o seguro presagio de nossa ventura na eternidade.

Amor dos inimigos.

(Padre Antonio Vieira.)

E' possivel, (diz a razão revestida em cada um de nós, ou cada um de nós n'ella) é possivel que haja eu de amar a quem me aborrece; desejar bem a quem me faz todo o mal, que póde; honrar a quem me calumnia; interceder por quem me persegue, e não me desaffrontar de quem me affronta: e que tudo isto ha de acabar em um coração de barro? — Abalão-se, e rebentão os montes; sahe de si o mar; enfurecem-se os ventos; fulminão as nuvens; escurece-se e descompõe se o céu; nem cabe em si mesmo

o mundo com quatro vapores insensíveis, que se levantão da terra: e que em um vaso tão estreito, e tão sensitivo como o coração humano, hajão de caber juntas, e estar em paz todas estas contrariedades? Alma, corpo; que dizeis a este preceito? Ajunte-se a republica interior, e exterior do homem, chame a còrtes, ou a conselho todas suas potencias, todos seus sentidos e sejão ouvidos nesta causa todos, pois toca a todos.

Que é o que dizem? Todos repugnão, todos reclamão, todos se alterão, todos se unem, e conjurão em odio, e ruina do inimigo. A memoria sem jamais se esquecer, representa o aggravo: o entendimento pondera a offensa: a fantasia afêa a injuria: a vontade implora, e impera, a vingança

Salta o coração, bate o peito, mudão-se as côres: chammeão os olhos, desfazem se os dentes, escuma a boca, morde-se a lingua, arde a colera, ferve o sangue, fumeão os espiritos, os pés, as mãos, os braços, tudo é ira; tudo fogo, tudo veneno.

Accende, e provoca esta batalha a trombeta da fama, disendo, e bradando, que é honra: põe-se da parte do odio e da vingança o Mundo todo, que assim o julga, que assim o applaude, que assim o tem estabelecido por lei.

Sobre tudo o tribunal supremo da rasão assim o prova; porque amigo de amigos, e inimigos de inimigos, é voz, que sôa justiça, merecimento, propor-

ção e igualdade. Finalmente o mesmo Deus condemna a meu inimigo, porque é meu inimigo; pois se Deus o condemna, e aborrece, porque o hei de amar eu? Deus que isto manda não é o auctor da natureza? E que faz a mesma natureza movida, e governada pelo mesmo Deus? Vingão-se por instincto natural as feras na terra; vingão-se as aves no ar; vingão-se os peixes no mar; vinga-se a mansidão de animaes domesticos: vinga-se, e cabe ira n'uma formiga; e basta que a natureza viva n'aquelles atomos, para que n'elles offendida se dòa, n'elles aggravada mor-da, n'elles tome satisfação da sua injuria.

E se a natureza, onde é incapaz de rasão não é incapaz de sem rasão; que o homem, creatura racional a mais nobre, a mais viva, e a mais sensitiva de todas com a balança da mesma rasão no juizo, não haja de pezar aggravos, antes contra a força e violencia do mesmo pezo haja de pagar odios com amor? Não é homem quem aqui não pasma, ou não diga olhando para si: «Não posso.»

A razão de termos inimigos.

(Padre Antonio Vieira.)

Estas são as difficuldades, que todos reconhecem,

e chamão grandes neste preceito, que verdadeiramente é o grande.

Mas com estarem tão declaradas, e por ventura encarecidas, eu espero mostrar que não só não é tão difficil, como parece, o amor aos inimigos, senão muito facil, e natural ao homem.

Primeiramente, isto de ter inimigos é uma sem rasão ou injuria tão honrada, que ninguem se deixe dôer ou offender d'ella. Quem a não acceita como adulação, e lisonja de sua mesma fortuna, ou tem pequeno coração, ou pouco juizo.

Se o ter inimigos é tentação, antes é tentação de vaidade, que de vingança.

E' motivo de dar graças a Deus, e não de lhe ter odio a elles.

Sabeis porque vos querem mal vosses inimigos ?

Ordinariamente é, porque vêm em vós algum bem, que elles quizerão ter, e lhes falta. A' quem não têm bens, ninguem lhe quer mal.

Se cavarmos bem ao pé de todas as inimizades do mundo, acharemos, que estas são as raizes.

Assim como o motivo de amar é o bem proprio, assim o de aborrecer são os bens alheios. Nem Saul havia de aborrecer a David, se não fôra mais valente nem Abimelech a Isaac si não fôra mais rico, nem os Satrapas a Daniel, se não fôra mais sabio.

E se passarmos dos solios aos estrados, tambem acharemos nos toucados estes malmequeres.

Nenhuma gentileza ha tão confiada, a que não fique os alfinetes de ver a outrem mais bem prendida.

Mofino e miseravel é a puelle que não tem inimigos.

Ter inimigos parece um genero de desgraça; mas não os ter é indicio certo de outra muito maior.

Ouçamos a Seneca não como mestre da estoica, mas como estoico da côrte romana.

Uma das mais notaveis sentenças deste philosopho, é: *Transiisi sine adversario vitam.*

Foste tão mofino, que passaste toda a vida sem ter inimigo.

Não ter inimigos, tem-se por felicidade; mas é uma tal felicidade, que é melhor a desgraça de os ter, que a ventar de os não ter.

Pode haver maior desgraça que não ter um homem bem algum digno de inveja? Pois é o que se segue de não ter inimigos.

Themistocles em seas primeiros annos andava muito triste; perguntado pela causa, sendo amado e estimado de toda a Grecia, respondeu: *Por isso mesmo.*

Signal é o ver-me amado de tolos, que ainda não tenho feito acção tão generosa e honrada, que me grangeasse inimigos.

Assim foi, creceu Themistocles, e com elle a fama de suas victorias: e não destruia tantos exercitos de inimigos na campanha, quantos se levantarão contra elle na patria. Para que vejão os odiados, ou

pensionados do odio, se se devem prezar, ou offender de ter inimigos.

Aquelles inimigos erão as trombetas da fama de Themistocles: e os vossos são testemunhas em cauza propria de vos ter dado Deus os bens, que lhes negou a elles.

Ama o teu inimigo

(Padre Antonio, Vieira.)

Ainda que Deus nenhuma rasão deu quando estabeleceu este preceito, comtudo infinitas rasões e motivos pódera dar para persuadir o que mandava.

Ama o teu inimigo (pódera dizer) para que elle tambem te ame; porque não ha modo, nem meio, nem diligencia, nem feitiço mais efficaz para ser amado, que amar.

Ama o teu inimigo: porque amigos já os não ha, e se não amares os teus inimigos estará ociosa a tua vontade, que é a mais nobre potencia, e privarás o teu coração do exercicio mais natural, mais doce, e mais suave, que é amor.

Ama o teu inimigo: porque se o seu odio vil é filho da inveja, mostre o teu amor generoso, que por

isso não é digno de vingança, senão de compaixão.

Ama o teu inimigo: porque Deus perdôa a quem perdôa: e mais nos perdôa elle na menor offensa, do que nós ao odio de todo o mundo nos maiores agravos.

Ama o teu inimigo: por que as settas do seu odio, se as recebes com outro odio, são de ferro, e se lhe respondes com amor são de ouro.

Ama o teu inimigo: porque melhor é a paz, que a guerra; e nesta guerra a victoria é fraqueza, e o ficar vencido, triumpho

Ama o teu inimigo: porque esse mesmo inimigo, se bem o consideras, é mais verdadeiro amigo teu, que os teus amigos; elle estranha e condemna os teus defeitos, e elles os adulão, e lisongeão.

Ama o teu inimigo: porque se o não queres amar, porque é inimigo, devel-o amar porque é homem.

Ama o teu inimigo: porque as maiores inimizades cura-as o tempo, e melhor é que seja o medico a razão, que o esquecimento.

Finalmente ama o teu inimigo: porque ou elle é mais poderoso que tu, ou menos: se é menos poderoso perdôa-lhe a elle; se é mais poderoso perdôa-te a ti.

O grãde Plutarco escreveu um famoso e doutissimo tratado dos bens e utilidades, que o homem pode tirar do odio de seus inimigos.

Si das feras e serpentes tirarão tantas utilidades

os homens, porque as não tirará a mansidão d'uns da fereza dos outros ?

Hercules da pelle do leão fez a sua maior gala: Salomão dos dentes do elephante fez o seu throno: a medicina da cabeça da vibora fez a melhor triága: e não ha veneno tão mortal, que, calcinado e temperado como convém, não se converta em antidoto.

BIBLIOTHECA PUBLICA
A palavra. do
ESTADO DO MARANHÃO

(Dr. Egydio Azevedo).

Parece, à primeira vista, que nada ha mais forte, nem mais formidavel do que uma espada bem manejada por um habil guerreiro; nada mais poderoso do que uma *metralhadora* varrendo as fileiras dos inimigos em batalha campal; nada mais robusto do que a força desenvolvida pela electricidade.

Ha, porem, uma cousa bem mais formidavel do que tudo isso: — é a *palavra*.

Com ella opera-se a união mais inteira dos homens e das sociedades.

Com ella, com a palavra, abate-se a soberba, eleva-se a humildade, instrue-se a ignorancia e protege-se a fraqueza !

Com a palavra move o general as suas hostes agueridas a ferir batalhas e ganhar victorias.

Com a palavra alarga-se e aprofunda-se a intelligencia, desenvolve-se a industria e fomenta-se a civilisação dos povos.

A palavra é a luz, que espanca as trevas do erro, guia que nos conduz nas agitadas scenas da nossa atribulada existencia, conforto para cada desalento, conselho para cada desesperança, e balsamo que cicatriza todas as feridas do coração.

E ella umas vezes exprime os nossos desejos e as nossas ternas afeições simplesmente e sem ornatos; outras vezes guinda-se ás altas regiões, vestindo as galas e louçanias da mais rica poesia.

E' por ella, pela palavra, que ascendem ao excelso throno do Omnipotente, os suaves e agradaveis perfumes do nosso piedoso reconhecimento e profundo amor para com Elle; e foi d'ella mesmo que o proprio Deus se serviu para ensinar a verdadeira religião aos homens, regenerar a sociedade e pregar a lei do amor universal.

Mas, quando a perversidade dirige a palavra, e esta é proferida pelos labios impuros da calumnia, não ha males, que não cause, injurias, que não commetta, attentados, que não realise !

A maledicencia.

(Dr. Egydio Azevedo.)

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

Deprimir virtudes, morder reputações, denegrir a honra, propalar vícios que se não tem, detrahir e infamar o bom nome, são factos condemnaveis, não só como attentatorios da dignidade pessoal, mas também como a maior das infamias, que se pode cometer contra o individuo e contra a familia.

A *maledicencia* — esse mar tempestuoso, cujas ondas encapelladas vão muitas vezes bater-se e quebrar-se contra o credito de nosso semelhante, fazendo tremar no seu pedestal a sua honra, dignidade e boa fama; a maledicencia — essa bocca do inferno, que cospe fogo e incendios, que vão devorar as reputações mais solidamente estabelecidas, e ennegrecer as que não podem reduzir a cinzas, — entra em toda parte armando intrigas e cavando abysmos; e por onde quer que passa, causa dores, só derrama lagrimas e só deixa ruinas, onde faz sepultar a dignidade moral do individuo — a melhor riqueza, que n'esta vida se pode conseguir a casta das mais acrisoladas virtudes.

Esse monstro hediondo, vomitado pelas furias infernaes, abala e quebra amisades, semeia discordias

entre as familias, desafia odios, excita malquerenças, arrasta-nos á vinganças mesquinhas, revolta os pacíficos, inficiona a honra, insulta e destroe a boa reputação, e arma o filho contra o pae, o irmão contra o irmão, a familia contra a familia !

E' horrivel esta nefanda paixão !

Pode o homem esconder as suas riquezas, repellir com força os salteadores, que pretendem rouba-las, furtar-se mesmo ao bacamarte do assassino, mas aos tiros da calumnia, aos golpes da maledicencia não podem resistir nem a força robusta, nem a coragem provada, nem a fuga rapida, nem a mais incontestavel probidade, nem a melhor das reputações !

Nada escapa á esta hydra, que tudo devora: as honras mais insignes, as glorias mais distinctas, e as virtudes mais extremadas !

Ninguem pode furtar-se ás tão cavilosas, como infames armas da maledicencia !—nem o sabio, que se entrega no seu gabinete ás mais profundas meditações, nem o virtuoso, que se esconde aos olhos do mundo para mais facilmente conseguir a sua salvação eterna, nem o rei que faz a felicidade dos seus povos, nem os capitães famosos que engrandeceram a sua nação, augmentando consideravelmente as suas conquistas, nem os proprios santos, que vivem em gloria com Deus, e, o que é mais para contristar, nem Deus mesmo escapa aos seus tiros !

Monstro mais horrivel e mais fatal á sociedade não podia de certo ser produzido, senão pelo inferno, que sempre se tem empenhado para perder o homem !

E' por isso que as Sagradas Escripuras combatem energicamente e condemnão repetidas vezes esta paixão vil, este sentimento depravado — a *maledicencia*;

Não ha seres mais abominaveis que os maldizentes; os seus olhos accendidos parecem assassinar-nos; a sua voz prende-se-lhe na garganta, como que recusando-se a commetter as vilezas, que elles intentão; os seus discursos são o tufão, que tudo arrasta, tudo destroe e tudo arremessa no abysmo da deshonra !

Leva muitas vezes a consternação e as lagrimas ao seio das familias, convertendo as doçuras da amizade nos furores da vingança; transformando a familiaridade na desconfiança e tornando a fé e a lealdade em suspeita; — murcha e fana as mimosas flores da reputação d'uma donzella, cresta as suas radiantes esperanças e aniquila o seu futuro risonho; — abala e faz perder o credito d'um negociante, paralysa-lhe o commercio, excita contra elle a má fé e, muitas vezes, abre-lhe fallencia; — perturba o socego e a paz dos esposos, separa aquelles sempre unidos corações, faz-lhes derramar copiosissimas lagrimas e infelicita as pobres crianças filhas d'esta malfadada união !

.....

Aos tiros da maledicencia tudo succumbe, tudo seca, tudo esterilisa; é como o sol ardente do deserto, que faz murchar as boninas do deserto, que n'elle desabrocham, é como o furacão que tudo assola, devasta e arruina; é peor que a morte, que só extingue a vida do corpo, mas que acção nenhuma pode exercer sobre a alma !

Ai dos homens que uzão d'uma arma tão terrivel em detrimento do credito de seu semelhante ! Para esses já não ha tranquillidade de consciencia, já não ha paz de espirito, já Deus não volve os olhos da sua infinita misericordia !...

Oh ! Deus se compadeça de suas almas; Deus os regenere com a sua divina graça, para que elles se arrependão das suas iniquidades, e fujão do caminho da perdição; para d'este modo alcançarem a sua salvação eterna, que lhes desejamos bem do coração

A Igreja.

(Luiz Veuillot:—*Traducção.*)

O mundo está cheio de construcções formidaveis.

armadas de canhões; mas só ha realmente uma fortaleza; o mais tudo é poeira e ludibrio dos ventos.

A Egreja é como uma grande arvore periodicamente sacudida por terriveis vendavaes, que lhe arrancam folhas, lhe quebram ramos, e os dispersão; mas os ramos quebrados brotam raizes onde o vento os leva; o tronco, sempre indestructivel, cobre-se logo de novos rebentões, a copa se estende, e já não apparecem as mutilações, tanto está fresco e renovado.

Tantas potencias abatidas, tantos imperios gigantes destruidos, tantas instituições robustas envolvidas na poeira dos séculos, proclamam bem alto que essa Egreja é divina.

A sua prodigiosa vida durante tantos seculos prova que ella achou graças diante da Soberana Justiça, e só a virtude acha graça á seus olhos.

Continuamente está Deus punindo o mundo; sua mão temerosa tem cavado, para os povos mais poderosos, fossos tão profundos, que a grandeza d'elles fulminada não os pode entulhar.

Quem vemos no meio dessas ruinas? A Egreja sempre juvenil sobre a rocha em que Deus a cimentou.

Aonde está o imperio de Tiberio? Mostrem-me o imperio de Carlos V! O de Bonaparte, onde está?

Todos se arrojaram contra a Igreja; todos, arremessando-se contra ella, com seu pezo immenso esphacelaram-se, e seus despojos se amontoaram em roda do templo onde está em perenne oração um velho coberto de cans

O catholicismo possui elementos de vida e de força, cujo segredo não foi ainda roubado pelas dynastias e pelas instituições humanas.

Nos ferem, nos encarceram, nos matam... E não morremos !

O tempo enferruja e destrõe nossas algemas, sem offender nem de leve nossa invencivel vida. Nosso sangue, quando o derramam, afoga os nossos carcascos.

Muitas vezes tem visto a Igreja os mares deste mundo sacudidos pelos ventos; mas ella conhece o poder d'aquelle que véla quando parece dormir. Ella o chama, e quer elle acalme de repente a procella, quer deixe correr seus furacões, a barca ameaçada não sossobra.

Pelo contrario, a propria tempestade a protege com os naufragios que multiplica, querendo submergil-a; e Pedro, de pé, no posto do Mestre, governa, nos perigos, com firmeza que nenhum terror perturba.

Deus não permittio que as aguas do diluvio submergissem a Arca e ha desoito seculos, esse sym-

bolo da Barca de Pedro, não enganou ainda a fé dos christãos.

Eram apenas doze os que emprehenderam submeter o mundo ao Crucificado: e o mundo se submetteu; o Crucificado reinou por toda a eternidade

Muitas vezes permittia Elle que o seu eterno vencido lhe disputasse o imperio; o inferno vomitou então seus diluvios, á semelhança d'aquelle que a colera do céo derramou sobre o mundo, e o inferno não poude prevalecer; derrocou muralha; arrancou pela raiz as arvores mais robustas, quebrou, misturou, e arrastou cajados de pastores com sceptros de reis; mas potente dominador da immensidade, vio sempre suas ondas, escravas da eterna promessa, embalar o humilde baixel onde triumphavam o verbo de Deus e a vida.

São estas as nossas memorias de desoito seculos, a nossa historia de hontem, a nossa historia de amanhã. Rompam se embora todos os diques, sabemos já que os oceanos não teem bastantes aguas para submergir o Baixel do Pescador, e que seu destino é ser batido por todos os ventos.

Stabat mater. Juxta crucem.

(Dr. Egydio Azevedo.)

Ha desenove seculos, que no cume do Calvario se passou a scena mais lugubre e mais pathetica, que a humanidade tem presenciado !

D'um madeiro, posto ao alto, pendia agonisante um sympathico Nazareno, cuja vida foi uma maravilhosa epopéa de virtudes e de beneficios espalhados á sociedade !

A plebe amotinava-se ante as cruezas d'uma agonia, que mais desafiava as lagrimas da compaixão do que as aleivosas affrontas dirigidas ao resignado padecente.

A soldadesca infrene e violenta embriagava-se com aquelle penoso martyrio e postergava a honra, jogando, na presença da innocente Victima, a tunica inconsutil do Divino Martyr.

Junto á cruz estava lacrimosa e inconsolavel a — Virgem.

Aquella Mãe infeliz, com os olhos embaciados de lagrimas, com o coração retalhado de angustias, com as faces macilentas e dechotadas pelo soffrimento e com a alma envolvida na caliginosa noite da sua solidade, estava ali como viva estatua da dôr, dando

ao mundo o espectáculo sublime da mais santa das resignações e do mais amargurado dos martyrios !

É que n'aquella cruz agonizava o seu estremoso Jesus !

Acerbo era o soffrimento e pungentes as dôres, que sentia Jesus pendente d'aquelle ignominioso madeiro: porque as quedas e os rojos que deu, os dilacerantes ferros, que rasgaram as suas mãos, sempre abertas para espalhar o bem, e os seus pés, sempre incansaveis nas suas evangelisadoras peregrinações pela Judéa, os sarcasmos com que o aviltaram, a affrontosa corôa de espinhos, e, sobretudo, a obstinada cegueira dos homens, que, desvairados, commettiam um tão nefando crime, tudo concorria para amargurar os ultimos momentos d'Aquelle cujo delicto era ter semeado beneficios, ensinado o amor universal, curado os enfermos, resuscitado os mortos, alumiado os ignorantes e os cegos, e perdoado os peccados !

E Maria desmaiava ante tão crueis soffrimentos !

Os pregos rasgavam aquellas carnes, creadas nas suas purissimas entranhas, os espinhos circumdavam aquella nobre fronte, que tantas vezes havia reclinado em seu virgineo seio, e o sangue corria d'aquelle corpo, que Ella por tantas vezes havia estreitado em seus braços !

E esta pobre Mãe, que se havia escondido, quando

o seu estremecido Filho entrou triumphante em Jerusalem, não o desamparara nas amarguradas horas da paixão! *Stabat juxta crucem!*

A sua alma afflicta, trespassada de cruellissimas dores, presenciou no Golgotha, á face de Deus e do universo, o mais hediondo dos crimes, a mais sordida libertinagem e a mais aviltante scena que jamais teve semelhante na historia da humanidade!

O seu querido Jesus contorcia-se nas vascas agonisantes da morte, para todos volvia os seus olhos já quasi sem vida, e balbuciava ainda palavras d'amor e perdão, que vieram repercutir se nas idades futuras com assombroso pasmo das gerações!

E quando o vaso querido das predilecções d'esta Mãe amargurada, foi arremessado pelas iniquidades dos homens contra a fria campa da morte, vertendo no seio de seu eterno Pai a sua alma divina, em resgate das tyrannicas gargalheiras de Satanaz; quando o archanjo da morte pairou sobre a loura e ensanguentada cabeça do Divino Martyr e, com as suas engras azas, apagou n'Elle o pallido reverbéro d'aquella vida, cortada pelas ingratições dos homens, o mundo cobriu-se dos negros crepes de pezado luto pelo Author da natureza, os homens entre olharam-se pasmados ante o tristissimo espectaculo da mysteriosa morte d'um Deus, e a Virgem, ao afundar-se nas escurentadas sombras da morte aquelle sol es-

plendidissimo de virtudes e de innocencia, sentiu em seu alanceado coração a ultima e agudissima dôr da sua inconsolavel soledade!

N'aquella hora de profundissima tristeza, a populaça tripudiava ao redor da cruz, Maria derramava copioso e amargo pranto, a terra estremecia em seus fundamentos, o sol escurentava os seus resplendores, Jesus morria e resgatava assim a triste humanidade!

E as dores d'aquella Mãi amarguradissima, profundas como o oceano e amargas como as suas salsas ondas, proclamaram-n'a — *Rainha dos Martyres*!!—

A Religião.

(Alexandre Herculano)

Tomaremos a defeza da religião; porque sem ella não ha civilisação verdadeira; sem civilisação não ha bons costumes, e sem estes não só a liberdade não é possivel, mas nem sequer a sociedade.

. . . Os templos cada vez se vão tornando mais ermos; os crimes multiplicam-se; a moral expira; as ultimas esperanças dos homens honestos e crentes resolvem-se em fumo; o assassinio é um desafogo, a dobrez um merito, o perjuro um calculo de interesses, e apenas o parricidio será um feito, não horrendo, não

abominavel, não maldito, mas digno de se reprehender nos jornaes !

. . . E todavia, não fora melhor que, em vez de tantos escriptos cheios de má vontade, que temos visto apparecer nestes ultimos annos, se houvesse dado aos pequenos o ensino da bôa moral e as provas claras da verdade da sua crença? que a lei do Evangelho lhes fosse demonstrada ao coração e ao espirito?

Certo que melhor fôra . . .

. . . A incredulidade e a immoralidade têm feito populares os principios, e já ha muito que nós lhe colhemos os fructos.

Nos catalogos dos artifices e dos vendedores, pelas moradas de obreiros, de soldados, e até de proletarios sem modo de viver conhecido, se encontram livros immoraes, e que seriam ridiculos, se na impiedade e dissolução tal circumstancia se pudera dar.

Bôas almas, que em nenhum tempo faltam, têm traduzido e multiplicado esses livros (cujos nomes enxovalhariam o papel) para traficarem na corrupção publica, em que ganhem ouro, que menos infamemente ganhariam sendo assassinos por salario; porque estes matam o corpo e elles o espirito; estes muitas vezes arriscam a vida no seu horrivel officio, elles não arriscam o corpo, na paz de seu gabinete, nem a alma, porque essa já não tem que perder.

É contra semelhantes livros que importa premunir os animos impotentes e desprecatados: é preciso que o homem do povo tenha aonde ir buscar abrigo, quando a sua fé vacillar.

Quantas vezes não vemos individuos sem educação litteraria, e só lidos em 2 ou 3 miseraveis livros de sophistas, escarneerem o Evangelho no meio de homens humildes, que não sabem como rebater argumentos capciosos e narrações mentirosas, e em cujos corações vai, por uso, calando, agora o duvidar, logo o descrer, d'ahi a pouco o blasphemar ?

Desgraçadamente o philosophismo já se aquece ao soalheiro da praça e encosta-se ao balcão da tenda; a religião, porem, não sahe dos cathedros da escola, ou dos livros dos theologos; a impiedade pavoneia-se descaradamente por palacios e choupanas, por salas e tavernas; e se lhe perguntaes donde veio, que bem fez a humanidade, em que titulos funda seu modo senhoril, deprezador do passado, responde-vos que sois fanatico, supersticioso, e intolerante; falla-vos da idéa do seculo, de philantropia e de mil outras algaravias ôcas de sentido; e com isto segue avante quebrando na passagem os laços sociaes e os do santo amor da familia, desenfreando as paixões e precipitando o povo no lodaçal dos vicios e de mil generos de prostituições

Fizera rir, se com materia de lagrimas se pude-

ra misturar o riso, ouvir ainda hoje na boca dos inimigos do christianismo a accusação de intolerancia.

A intolerancia! Sabeis vós homens do phylosophismo o que dizeis?

Não; que é vosso costume não pensar antes de falar e escrever.

A intolerancia? Intolerantes sois vós. Emquanto o que confessa o Christo vai por senda coberta de espinhos, aberta por todos os lados ao sopro rijo das affrontas e vituperios, vós caminhaes pela estrada larga e chã de quem nada respeita, nem acredita.

Uma cruz pobre e esquecida, não já triumphante e dominadora, é o termo da viagem do crente e sobre o montão de pedras asperas, em que é hasteada, vai elle repousar a cabeça emquanto vós, por vossos caminhos de boninas e relvas, e sombras suaves, colheis a cada passo prazeres variados, embora lá ao cabo morem remorsos, e além d'elles os martyrios e terrores da sepultura.

Hoje é necessario ao christão ter valor para dizer o que é, quando vive com as classes mais elevadas da sociedade; porque o desprezo é muitas vezes recompensa de tal confissão

Sois vós os que reinaes e pondeis sobre a cabeça do christão uma lenda de escarneo como os Judeus fizeram ao nosso Mestre.

A Alma.

(Padre J. Gaume.—*Traducção*).

Depois de ter formado o corpo do homem do limo da terra, inspirou-lhe Deus um sopro de vida, e o homem ficou vivo e animado; quer-se dizer por isto, que Deus uniu a um corpo material uma alma espiritual

A nossa alma é pois um sopro aspirado dos labios e do coração de Deus; é este principio espiritual, livre, immortal, que cogita em nós, que ama, quer, raciocina, e nos distingue essencialmente dos brutos.

Querer provar que temos uma alma seria fazer insulto á fé e á razão humana.

A detestação e o desprezo são a unica resposta que convêm ao grosseiro absurdo do materialismo.

«A muitas cousas desculpo, dizia Napoleão, mas causa-me horror o atheu e o materialista. Como quereis que eu tenha alguma cousa de commum com um homem, que não crè na existencia da alma? que se julga um monturo de lixo, e quer que eu seja como elle?

Mas que dizer da excellencia da alma humana? Tenho visto todas as bellezas da terra, admirado as

magnificencias dos Céos, contemplado as obras primas da arte; mas vi eu já uma alma? Oh! não.

A alma é uma cousa tão nobre, perfeita, elevada acima dos seres corporeos, que não chega a imaginar-se a belleza e a perfeição d'este assopro divino: tal um cego, que nunca viu a luz do dia, não alcança representar o brilho e a variedade das graciosas côres.

Emquanto que meu corpo, obra prima da criação, se envelhece e altera, a minha alma integra sempre em sua substancia, permanece a mesma: nem se resente dos estragos da doença, nem das rugas da ancianidade.

Em quanto que meu corpo, pesadamente inclinado á terra, não vive, senão do presente, a minha alma, pendendo para o infinito, abraça todas as relações do tempo e do espaço.

Vive no passado, remonta-se à origem dos tempos, resuscita, para praticar com ellas, as gerações sepultadas na cinzas dos seculos.

Vive no presente, sem sahir de si mesma; percorre o universo, n'um relance de olhos; transporta-se d'um pólo a outro; vóa do oriente ao occidente; visita as nações; vê seus costumes, usos e leis; penetra os segredos da natureza; descobre as propriedades dos vegetaes e mineraes; desce ás entranhas da terra; estuda sua estructura, e extrahe suas riquezas;

depois, como brincando, eleva-se aos Céos; mede a extensão do firmamento e a grandeza dos astros.

Vive no futuro devassa-lhe os segredos, por meio de raciocínios e cojecturas solidas: e ainda isto é a menor parte de sua gloria.

Achando estreita a vastidão do universo, arremessa-se para além dos sóes e dos mundos; eleva-se até aquelle Ser, que é a origem dos seres; e, comquanto habite uma luz inaccessivel, descobre-o pela intelligencia, e une-se a elle pelo amor.

Augusta e sublime união, que, deificando a alma, expulsa para uma distancia immensa as alianças dos principes e dos monarchas!

Farei a mesma pergunta aos sabios e aos prudentes, á terra e aos Céos; e, para me responder, esgotam sua eloquencia; ou recolhem-se em um silencio ainda mais eloquente.

Endereço-me ao mesmo Deus: e este grande Ser, tomando-me pela mão, eleva-me á coròã d'uma montanha; e ahi, levantando um véu embebido em sangue, indigita-me seu Filho morto sobre uma cruz, e diz-me: Eis aqui o valor de tua alma! *Anima, tanti vales.*

Caridade.

(Vieira de Castro).

Muitas e eloquentissimas definições nos hão dado altos espiritos destes divinos sentimentos.

Procuremos nós porem modestamente uma diante de um quadro que de certo se não volta á nossa humildade.

E' o quadro das trez grandes virtudes theologaes. Aqui estão: a *Fé*, a *Esperança*, a *Caridade*.

Vejamos: a Fé está em cima, com a mão esquerda sobre o coração; a Esperança a um dos lados, com a sua encostada á ancora; a Caridade, essa traz os seus bracinhos e ambas as suas mãos n'uma roda viva por cima de umas cabeças loiras que lhe brincam aos pés. e ainda por sobre outra que lhe dorme no regaço!

A Fé segura o coração para que não vacille!

A Esperança põe os olhos e o pensamento no Senhor para que Elle a salve n'aquella ancora!

A Caridade, essa não tem que segurar, nem que pedir todas as suas ancias e os seus estremecimentos todos, por ali lhe andam a rolar á mistura com as mãosinhas, umas vezes por baixo, outras vezes por cima, no gyro travesso e encantador d'aquelles novelinhos d'ouro.

A caridade não tem tempo para pensar de si; ella sente, logo que nasce, fugir lhe a alma e a vontade para todos os nús, que não tem vestido, e corre depois a vida toda atraz d'aquellas, que não se deixam agarrar nunca, pousando uma farta porção de seu manto em cada nú, onde o seu correr descança!

Por isso eu a defino assim: a Caridade é o amor fóra de nós; é o amor das almas boas em romaria piedosa pelas almas afflictas.

Quando nasceu este sentimento? Quando nasceu o primeiro homem.

A Caridade é um sentimento innato de todos os seres, coevo de todos os tempos, filho, e irmão de todas as idades.

Dia de finados'

Dia de finados! Posto o pé sobre a campa e prestes a afundar n'ella, ergue hoje a humanidade suas mãos ao céu, orando pelos mortos de todos paizes e de todos os seculos.

Elles povoaram a terra, riram e tambem como nós, choraram.

Que é feito de seus reis que resplandecendo se levantam no meio do silencio das nações ?

Aquelles homens de ferro, que as faziam tremer ao tinir de sua espada onde estão ? Onde os principes da intelligencia, que liam na flôr e nos astros, e em bocca de ouro fallavam do céu e explicavam as leis da terra ? E as que em amor deleitavam e incitavam, anjos com vestes de mulher, onde as veremos ?

Gozaram, aformosearam ou ensanguentaram um dia a terra; esse dia passou, e pela estreita porta do sepulchro baixaram todos e entraram n'essa vasta, obscura e silenciosa região. Porem ao entrar n'ella despojou a morte de suas joias á dama, de sua espada ao guerreiro, e derribou das fontes reaes as corôas. Porque então termina toda farça; então ao menos uma vez são iguaes todos os homens; não se espantam então os reis ao vêr-se mesclados com os mendigos.

Dia de finados ! Estas casas que nós habitamos, outros as edificaram; outros andavam hontem por nossas ruas, reuniram-se em nossas praças, e cheios de vida, riam olvidados da morte. . .

Ah ! quando as vezes em brilhantes salões, ao som de encantadora musica, passam dançando, como aladas sombras aos nossos olhos, guapos cavalheiros e formosissimas mulheres, parece-nos aquella harmoniosa dança, dança dos mortos.

As flores, uma agora, outra depois, vão cahindo murchas; os rostos empallidecem; um fantasma horri-vel, um esqueleto, que se adorna de pedraria e an-drajos, preside a buliçosa diversão.

Elles não o veem, elles não o sentem, e está ao seu lado quando riem, e no meio de suas cadencia-das voltas os toca, e os impelle, e não pensão para onde os impelle, os miseraveis !

Passa um dia. e outro dia, porem breves ambos, e vê-se um homem subir uma escada silenciosamente, e bater com mão tímida á uma porta.—Vive ainda ?—Divisa lagrimas nos olhos do que a abriu... com mudos e tardios passos vae aproximando-se á outra porta... applica o ouvido, e percebe apenas um rui-do estranho que eriça os cabellos: alonga pouco a pou-co a cabeça, e ai ! a morte está sentada á cabeceira de um leito !

Quando pensamos seriamente que havemos de mor-rer, ficamos as vezes tristes; nos assombramos. Em verdade que somos imbecis: deviamos então gozar e rir, porque depois da redempção, a morte é o dom mais precioso que Deus fez aos homens.

Uma vida eterna !... antes do peccado poderia ser na terra um paraizo; pore.n depois d'elle, não fôra senão um inferno. Viver eternamente entre ingratos, perfidos e oppressores !

Oh ! quão grande é a Igreja de Nosso Senhor Je-sus Christo !

Hontem celebrava cantando a festa de todos os Santos; hoje recorda chorando á todos os mortos.

A Egreja visivel celebra, digamol-o assim, desposorios annuos com essa outra Egreja para a qual não existe já o tempo.

Quando passou o outomno, e é fria a brisa da tarde, o insecto se envolve como para morrer, sobre a folha, joguete do vento: porem quando a aura fagueira da primavera vem embalal-o amorosamente, toma brilhantes azas e desprende o vôo.

No sepulchro deixou o homem seu corpo miseravel; o que pensa, o que crè, o que ama n'elle, o nobre hospede que anima aquelle barro, não entrou no sepulchro, esse vôou ao céu.

O Mundo.

(Padre Manoel Bernardes.)

Se alguém visse, de um posto eminente, todas as mudanças que no mundo succedem em espaço de meia hora, que admirado ficára de ver a furia com que esta roda se revolve !

Veria aqui prantos, acolá festas; aqui banquetes, acolá brigas; agora desposorios, e logo enterros; por uma parte exercitos trabalhando, por outra navegando armadas; estes edificam, aquell'outros, destroem; estes sobem pelos degraus da honra, aquell'outros, descem; eis-alli pede esmola quem ha pouco tempo foi rei, acolá tiram a outro da mão o cajado, para lhe metterem o sceptro.

Veria (reparando no mesmo homem) como nunca permanece no mesmo estado, succedendo-se como revoluções da roda, a saude, e a infermidade; o trabalho, e o descanso; a honra, e o desprezo; o tormento e o deleite; o temor, e a esperança

Então admirado diria comsigo: Isto é o mundo, ou o mar? São homens, ou são ondas? E' vida humana, ou é roda?

Tudo é, irmão, porque sua perpetua instabilidade tornou o mundo em mar, e os homens em onda, em roda a vida humana.

Que quereis vós ver na roda senão voltas ou no mundo, senão mundo, isto é, inconstancia, e vaidade?

O que se deve estranhar é, que sendo mar, sendo roda este mundo, e esta vida, fundemos tão grandes torres sobre a nossa vida, fazamos tanto fincapé no mundo!

Os escandalos.

(Do Bazar Litterario.)

Ai do mundo por causa dos escandalos.

E' pasmosa esta palavra do Evangelho. Como foi possivel que a Alma benigna e tolerante, o Coração elemente do Salvador Jesus, com tanta energia pronunciasse maldições ? Elle que tão facilmente perdôa ao peccador, que deffende contra os que a accusão, a pobre mulher reconhecida culpada !

O Senhor que depois havia de desculpar seus verdugos e orar por elles morrendo, vêde-o levantando as mãos cheias de anathemas ?

Contra quem, meu Deus ?

Contra o mundo que veio salvar, a quem traz a paz e a misericordia ! Oh ! porque motivo Aquelle que só soube amar, absolver e abençoar, usa de tanto rigor; e palavras desusadas nos labios, que só manifestavão mansidão: *Ai do mundo ?*

Ah ! seu divino olhar abrangeu os seculos, e na serie d'elles, viu levantar-se entre os seus um inimigo destruidor da Redempção, que viria perder as almas que Elle comprava pelo preço de seu sangue, perdel-as não uma por uma, mas aos milhares; ha-

via visto, ó dor ! lobos devoradores introduzir se no prezado rebanho, e devastal-o ás claras; e o escandalo percorrendo o mundo, innundando a terra, deixando após si lugubres vestigios de sangue e ruinas; então sua alma transbordando em amargura desabafava em dolorosas ameaças; *Ai do mundo por causa dos escandalos !*

Chegou o tempo em que se multiplicão os escandalos em torno de nós.

Tremula abertamente o estandarte dos prazeres, e sob os passos da multidão, em toda a parte se estende a rede das seducções, de que um Santo viu a terra envolta.

Tudo que pode fascinar os olhos, encantar os ouvidos, embriagar os sentidos, estimular a curiosidade, lisongear a vaidade, luzes, flores, harmonias... tudo se converte em apello e cilada para almas vãs e sedentas de emoções, se reune para as enlaçar, atiral-as na dissipação, desordem e morte.

.....
A Religião, acreditai-o, não é uma dominadora de frente sempre austera, disposição sombria, como diz o mundo: não, a Religião comprehende a juventude; apraz-lhe a alegria, comtanto que seja pura e o sorriso de vossos labios, porem sorriso embellecido pela modestia; a Religião não se offende que busqueis variar e distrahir a primavera da vida; permit-

te que a passeis entre flores, mas que sempre a regue limpida agua em que o Céu se espelhe; concede-vos Anjos para vos conduzir em toda parte em que podeis achar descanso e prazer, mas pede-vos que não esqueçais as vistas celestes que se fitão em vós, e que nunca as obrigueis a desviarem-se chorando

Os máos livros,

Assim como um bom livro é o melhor amigo, assim tambem o peor e mais perigoso inimigo, especialmente da juventude, é o máo livro

Por isso á vós, oh ! jovens, me dirijo pedindo-vos encarecidamente que reflectaes sobre os immensos males que produz a leitura de livros e publicações más.

Ha duas especies de máos livros, os que extraviam o entendimento e os que corrompem o coração; contudo, o entendimento está tão intimamente ligado ao coração que a perversão de um traz ordinariamente emparelhada a do outro.

Os primeiros são os que combatem a verdade da religião, sua doutrina é um laço do qual escapam raras vezes a curiosidade e o orgulho. Inspiram despre-

zo a tudo o que ha de mais santo e mais sagrado; debilitam nossas crenças religiosas; extraviam nosso espirito, o qual achando-se em trevas mil vezes mais espessas que as do Egypto, vai errando de opinião em opinião, precipita-se de systema em systema sem achar um ponto fixo onde possa deter-se.

D'ahi procede a incredulidade e o atheismo. Então não ha freio algum que o contenha, zomba das leis humanas e divinas, segue as inclinações desregradadas de seu coração, e se faz uma diversão dos crimes mais enormes.

A segunda especie de máos livros comprehende todos os que inspiram a impureza e o amor profano e corruptor. Seu primeiro effeito é manchar a imaginação. Mas é um veneno tão subtil, que breve ganha o coração, se não se tomam as maiores precauções.

Um antidoto activo poderia accaso neutralisal-o, se fôra tomado a tempo; mas quando lá se tem infiltrado e penetrado até o coração, que meio ha para evitar seus mortiferos effeitos? O homem entrega-se aos immundos prazeres desordenados dos sentidos; sua alma sente-se opprimida desde logo pelas ominosas e duras cadeias de suas paixões sem freio, sua perdição é inevitavel.

Se o ambicioso imita aos anjos máos peccando, e o avaro pecca como homem, póde se dizer que o voluptuoso se faz semelhante aos seres irracionaes.

Com effeito, afinal a razão não tem nenhum imperio sobre elle, um instincto brutal é o seu unico movel; perde o conhecimento de si mesmo, de seu proprio peccado e o de Deus. D'aqui se segue uma serie de crimes e de peccados.

Oh ! quantos jovens de quem a sociedade podia e devia esperar grandes serviços, que foram á um tempo a esperança de seus pais e o objecto de todas as complacencias paternas e maternas, não tem vivido senão para perder-se á si mesmos, para corromper aos outros e para cavar a ruina de suas proprias familias !

Pais e mãis de familia, arrancai das mãos de vossos filhos o máo livro se quereis conserval-os no caminho da virtude, se não quereis chorar um dia com lagrimas amargas sua irreparavel perda.

O peor inimigo de vossas familias é o máo livro, o periodico, o romance em cujas paginas se destila o mortifero veneno da impiedade e da immoralidade.

O carnaval.

(Conego Dr. João T. G. Mourão.)

Entre os divertimentos, que o mundo tem inventa-

do para armar ciladas á virtude, nenhum conhecemos tão pernicioso e de tão funestas consequencias, como o carnaval.

Quando contemplamos essas estupendas ruinas moraes, que diariamente vão crescendo, debalde procuramos meios efficazes para levantá-las, restaurá-las.

A auctoridade publica cúmplice ou impotente; muitas familias illudidas atirando-se voluntariamente na tremenda voragem; a mocidade em grande parte sem nenhum conhecimento da Religião Christã, a engolphar-se nos prazeres sensuaes !

A onda sobe temerosa; os mais altos cimos, como os mais profundos valles, estão alagados !

O que fazer em face de tamanho desastre ?

Cruzar os braços ? Calar-nos ? Talvez fosse commodo; digno e nobre, não.

Solte ao menos a imprensa catholica brado ingenté contra as vergonheiras do nosso seculo; lavre solemne protesto; e por ahi se verá que não está de todo apagada a luz do Evangelho.

O carnaval, tal como geralmente se faz, não é um divertimento licito, é uma orgia, que fascina e perverte os corações.

A mascaras escondem planos de seducções, e ninguém ignora quantas victimas innocentes são sacrificadas durante esses tempos gastos em criminosos folguedos.

O Deus-Momo é companheiro da impudica Venus; não é, e nunca foi protector dos boas costumes.

Os proprios empresarios de bailes de mascaras, em seus annuncios, não occultam o que são e o que querem.

Sò quem quizer voluntariamente perverter-se, irá metter-se n'essas perigosissimas furnas

—O povo precisa divertir-se. Sim, mais faça-o sem augmentar o nosso descalabro moral.

Sabemos que sempre houve peccados no mundo, é esta uma triste consequencia da miseria humana.

Mas erigir o mal em escola publica, attrahir com ostentação frequentadores, dar-lhe um lugar de honra na sociedade, é de certo acabar com a ultima protecção dada á virtude.

O escandalo é o maior dos crimes. O mal que se occulta, presta homenagem á lei; mas se elle se apregoa á face do sol, além de ser uma affronta á lei, é causa de ruina para muitos.

A imitação é uma grande lei da natureza humana; a escola da virtude fará virtuosos, a escola do vicio fará viciosos

Nossa voz será ouvida por um pequeno numero. Embora. A semente cairá n'algun terreno uberoso, e cedo ou tarde brotará.

Os que pensam connosco, os que conhecem os perigos das orgias carnavalescas, busquem arredar suas familias d'esses divertimentos lubricos.

A prudencia exige se estabeleça cordão sanitario para que a innocencia não succumba ao contacto da terrivel peste.

Pesem as familias verdadeiramente christãs os males, que lhes trazem essas vergonhosas orgias, e tenham coragem de romper com preconceitos vãos.

Emquanto o mundo publicamente offende á Deus, busquemos desaggraval-o pelas nossas boas obras e pela assiduidade á oração.

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

Amor Paterno.

(Dr. Joaquim Manoel de Macedo)

Ha na vida do homem um grande amor, cuja benefica influencia se experimenta ainda nos mais apertados lances; um amor unico sem interesse; porque as vezes é mesmo á um ingrato que arranca lagrimas a quem se ama: é o amor que um pae e uma mai dão a seus filhos.

Porem nesse ternissimo affecto, pôde-se talvez fazer uma distincção: um pai ama muito com o coração, mas ama tambem com a cabeça; uma mai ama quasi

sempre com o coração. A grande missão da mulher é a maternidade; e desde que é mãe, a mulher tem Deus no céu, e seu filho na terra. Uma mãe, em regra geral, sabe amar muito, e só cura do seu amor: vive de beijar, de contemplar seu filho, ella quasi que o acredita um ente especial, que todos devem bem querer, e ao qual nunca poderá tocar a mão pesada do infortunio: extremosa, complacente, fecha os olhos aos erros de seu filho, não ouve nunca aquelles, que notão em suas faltas, e se seu filho é um desgraçado, ella é desgraçada com elle; e se seu filho é um criminoso ella o adora no seio do crime, despreza o juizo do mundo; que lhe importa o mundo?... Deus está no céu, e é grande para perdoallo, e na terra está ella, para amal-o sempre.

Um pai não é tanto assim; olha também para o mundo em que vive; respeita seus prejuizos, e quer preparar seu filho para este mundo, no qual tem de passar a vida.

A opinião dos homens significa muito para elle, e portanto dobra-se á ella.

Quando seu filho começa a representar um papel na sociedade, o pai segue-o constantemente com os olhos, anima-o com suas exhortações, corrige-o com admoestações, dirige-o com seus conselhos, e emfim corôa-se também com seus triumphos, e humilha-se com suas derrotas; o desvario de seu filho o enlouquece, a mancha que vem nodôa-lo cahe-lhe no co-

ração, é com elle solidario na gloria e na vergonha. Por seu filho tem um pai os olhos no mundo, e uma mãe os olhos no céu.

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

A Civilisação.

(Dr. Antonio M. dos Reis.)

A verdadeira civilisação está na Igreja Catholica, que é a columna e o fundamento da verdade, na phrase do Apostolo. Tudo quanto não vae buscar sua origem na fonte purissima da moral christã, tem a duração do meteoro que brilha e some-se.

Somente na Igreja, que é catholica porque estende sua influencia por toda a terra; que é apostolica porque foi confiada aos discipulos do Divino Mestre; e que é romana porque foi na Cidade Eterna que o Principe dos Apostolos collocou a cadeira da verdade, da unidade, da infallibilidade e da santidade; somente n'essa Igreja, á quem foi promettida a assistencia divina até o fim dos seculos, é que brilha a luz do verdadeiro progresso, que se traduz no ensino da moral evangelica, nas conquistas da sciencia, no de-

seu desenvolvimento das artes, na educação da família, no bem-estar social e na confraternização dos povos.

O que ha de grande, de bello, de maravilhoso, e de santo que não seja devido á Igreja ? Um rapido olhar sobre a historia dos antigos tempos, é mais que sufficiente para attestar o seu zelo pela felicidade do homem na terra, e pela bemaventurança de sua alma no céu.

A sciencia, as artes, o commercio, a industria, e todos os ramos da actividade humana, devem-lhe os seus melhores titulos, os dias de sua maior gloria.

Foi ella que primeiro que ninguem affirmou solemnemente os direitos do homem, em nome d'Aquelle que exhalou o ultimo suspiro nos braços de uma Cruz para salvação do genero humano.

A liberdade, igualdade e fraternidade, tão apregoadas em nossos dias, não são mais do que a traducção d'essas palavras sublimes proferidas pelo Redemptor do mundo:—Amai-vos uns aos outros.

Se o homem deve-lhe a sua personalidade, a mulher a sua rehabilitação, o infante o amparo de que goza; o captivo, esse deve-lhe principalmente o ter esmigalhado as vis cadeias que o atavam ao poste da escravidão.

— Considere se o que foi a Roma pagã e o que tem sido a Roma christã; a Roma dos Cezares e a Roma dos Papas; o estudo do mundo antes da vinda de Jesus Christo e depois que elle edificou a Igreja sobre

a rocha; recorde-se quem arrostou a invasão dos barbaros, quem resistio ao ferro dos tyrannos, quem guardou os thesouros da sciencia, quem fundou cidades, erigio templos, creou escolas, lançou pontes, abriu estradas, arroteou a terra, espalhou a semente, suavizou os costumes e unio os homens pelos doces laços da caridade, e ter-se-ha uma ideia do que se deve á Egreja Catholica, hoje tão desconhecida, tão calumniada e tão perseguida pelos modernos civilisadores. . . .

«A palavra *civilisatio*, diz o sabio Hettinger, é latim monastico.»

Nos claustros, n'esses elementos da civilisação do mundo, pronunciou-se pela primeira vez esta palavra; foi ahi que se concebeu a grandiosa idéa d'uma civilisação da humanidade sob o influxo da fé christã.

Fóra da Egreja não ha luz, ha trevas; não ha salvação, ha condemnação; como se verificou nos que abandonaram a Arca e forão victimas do diluvio quando se abriram as cataratas do céu.

Toda civilisação que não vem da Egreja, que não está sellada com a Cruz do Redemptor, não tem uma base solida; é mais apparencia do que realidade: é um edificio erguido sobre a areia, que não resiste as tempestades do seculo.

Os actos ahi estão, e são elles o mais eloquente testemunho desta verdade.

O Estudo.

(Dr. Abilio C. Borges)

Que ideia fareis vós da pessoa que pretendesse levantar um edificio sem alicerces, ou com alicerces de barro ?

Pois a mesma deveis fazer d'aquelles moços que se propõem seguir a carreira das letras, esperando ter n'ella feliz succedimento, sem haverem feito solidos e reaes estudos dos preparatorios, base indispensavel, em que tem de assentar o edificio da sua instrucção.

E' em vós, meus amigos, que repousam as esperanças da patria; porque é de vós que hão de sahir, para servir-a, em proximo futuro,—os prudentes e sabios jurisconsultos, encarregados de resolver as mais delicadas questões da legislação patria; os medicos occupados em prescrutar os mais reconditos segredos da vida physica e moral do homem; os diplomatas para representar nos sos interesses e sustentar nossa dignidade nacional junto ás potencias estrangeiras; os virtuosos ministros do altar, a quem é commettida por Deus a missão sublime de ensinar e propagar os sagrados preceitos da religião; os militares incumbidos de tudo quanto respeita á difficil

sciencia da guerra; enfim todas as outras classes destinadas ao governo e direcção dos negocios publicos.

E como corresponderéis vós a tão gratas esperanças, sinão preparando-vos desde já pela vossa continua applicação aos estudos e pela constante pratica do bem ? !

Só o estudo assiduo, disse um sabio, pôde augmentar indefinidamente as potencias da alma, e multiplicar suas conquistas sobre a natureza: só elle pôde nos proporcionar gozos puros e inesgotaveis.

O estudo melhora nossa alma tornando-a amante e bôa; e torna-a feliz, mantendo-a occupada e activa, e arrancando-a á inercia e ao tedio, cujo sentimento é talvez depois dos remorsos, o que ha de mais afflictivo para ella

O estudo, na phrase de um excellente educador, é o mais heroico remedio contra os vicios do nosso seculo. Auxiliar da religião, e não se propondo, como ella, sinão a vassa verdadeira felicidade, occupando nobremente a actividade de vossos espiritos, ou vos inflammando de amor pela verdade, o estudo sufocará em vossos corações, as tendencias indignas do homem. e n'elles fecundará o germen de todas as virtudes.

O estudo, já por experiencia o sabeis, dá mais valor ás horas do descanso, e aos dias consagrados ao

prazer. O estudo, o experimentareis tambem um dia, embelleza ou amenisa todas as situações da vida: é um preservativo contra os attractivos seductores da voluptuosidade, um apoio para a fragilidade do coração humano, um companheiro, cuja sociedade é sempre isenta de desgosto, um limitivo ás penas, e talvez o unico prazer que não deixa remorsos.

Segui, pois, meus jovens amigos, segui com attenção as lições e avisos dos vossos bons mestres; saturai-vos bem do espirito de ordem, de trabalho, de respeito e de amor, que felizmente regem esta casa; e tereis em vós mesmos o antidoto infallivel para oppôr á influencia corrosiva do turbamento moral da epocha.

Instrucção e educação.

(Dr. Abilio C. Borges)

Instrucção e educação, na essencia são realmente distinctas, posto que marchem e se desenvolvão de par, e quasi sempre tão estreitamente ligadas, e mutuamente ajudando-se, que não é facil distinguil-as ou separal-as na pratica.

.....
A instrucção obra sobre as faculdades intellectuaes desenvolvendo-as:—a educação obra sobre a vontade governando-a, e encaminhando-a. para o bem.

A instrucção dirige-se ao espirito, e esclarece-o:—a educação dirige-se ao coração, e purifica-o.

A instrucção vai direito á intelligencia, e sublima-a; —a educação vai direito ao coração e forma, e regula os sentimentos.

A instrucção póde fazer um philosopho; mas só a educação póde fazer um homem temente a Deus:—a instrucção fará um sabio; mas só a educação fará um homem virtuoso, e portanto um bom cidadão.

Finalmente, como diz um sabio pedagogo, a instrucção instrue, e a educação torna o homem capaz de fazer bom uso do que aprendeu:—a instrucção fornece recursos para tal ou tal carreira; e a educação dà recursos para todas as posições e para todas as carreiras.

A necessidade.

(Padre Antonio Vieira.)

A necessidade, a pobreza, a fome, a falta do ne-

cessario para o sustento da vida, é o mais forte, o mais poderoso, o mais absoluto imperio que despoticamente domina sobre todos os que vivem

Não ha cousa tão difficultosa, tão ardua, tão repugnante á natureza, a que a não obrigue, a que a não renda, a que a não subjeite, não por vontade, mas por força, a durissima e inviolavel lei da necessidade.

A necessidade é que leva o soldado á guerra e á escalar as muralhas, onde vendo cahir uns a ferro, e voar outros a fogo, avança comtudo e não desmaia.

A necessidade é a que ingolfa o marinheiro nas ondas do oceano; ellas com os naufragios á vista, e elle com tal ousadia que, mettido em quatro taboas, se atreve a pelejar não só com os ventos e tempestades mas com todos os elementos.

A necessidade é a que mette o mineiro ao mais profundo das entranhas da terra, e sem temor que as mesmas montanhas, que tem sobre si, caiam e o sepulsem, lhe vai cavando as raizes e sangrando as veias

Finalmente, com mais ordinario e geral desprezo da vida e da saude, quem faz que o lavrador não tema os regelos do inverno, nem o segador as calmas ardentes do estio, nem o pastor os dentes do lobo e do urso, e em muitas partes as unhas do leão e do tigre senão a necessidade ?

E posto que uns e outros tantas vezes perecem em tam conhecidos perigos, a mesma necessidade, com

implicação manifesta da propria conservação, é a que para sustentar a vida os obriga a perder a mesma vida,

Até o pobre e atrevido ladrão, que desde o primeiro passo com que salteou os caminhos, começou a caminhar para a forca. se ao pé d'ella lhe perguntam quem o trouxe à tão miseravel estado, responde, com o laço na garganta, que a necessidade.

E para que ninguem se admire d'este grande poder da necessidade, sobre todos, a razão é, diz o proverbio, porque todos os outros poderes são sujeitos ás leis, e só a necessidade não tem lei.

Amigos do meu.

(Padre Manoel Bernardes.)

Quando alguém tem pão em sua casa, tem também em sua casa amigos.

Esta casta de amigos, não meus, senão do meu, têm varias semilhanças, que declaram mais a sua falsidade. Uns disseram que se pareciam com os golfinhos, que acompanham festivamente os meninos que

andam nadando, emquanto ha bastante agua, onde elles o possam tambem; mas tanto que esta falta, se retiram ao alto, porque não querem dar em secco.

Outros os comparam ao corvo, que tornou para a arca e companhia de Noé, só emquanto não achou cadaveres que comer, porque o diluvio estava ainda sobre a terra.

Outros os comparam ao azougue, que se pega muito ao ouro. onde quer que lhe dá o faro d'elle; mas se o mettem no fogo, em um momento vòa.

Ha hoje muitos amigos azougados, que no tempo do fogo da tribulação logo fogem.

Outros os assemelham ás formigas, que nunca andam pelos celleiros vasios.



SEGUNDA PARTE.

PAGINAS HISTORICAS

Combate dos Horacios e Curiacios.

(Parley—traducção).

Ao piedoso rei Numa succedeu, em Roma, Tullio Hostilio, o qual dotado de caracter diverso do de seu predecessor, reanimou o antigo espirito militar dos Romanos.

Os Albanos, habitantes de uma cidade visinha, foram os primeiros que lhe derão azo para satisfazer sua inclinação.

Os dous exercitos encontrárão-se a cinco milhas de Roma e estavam a ponto de se bater, quando o general Albano propoz que a guerra fosse decidida por um combate entre trez campeões de cada lado, sob a condição de que o Imperio seria o premio do vencedor.

Havia no exercito Albano trez irmãos chamados Curiacios, e no romano outros tantos, chamados Horacios. Forão estes os escolhidos por cada um dos adversarios para seus campões.

Combatêrão em campo aberto, e de ambos os lados estavam postadas fileiras de guerreiros, os quaes com suas espadas embainhadas assistião mudos e anciosos o combate.

Pareceu ao principio que os Curiacios ganharião a victoria, porque, supposto estivessem todos trez feridos, dous dos Horacios jazião mortos no campo, restando apenas um illeso. Este mostrava-se pouco resolvido a perecer, como seus irmãos, porque se pôz em fuga, enchendo os Romanos de vergonha e desespero, visto que, se perdessem a batalha, sua sorte seria a escravidão. Em breve porem conheceirão, que esta fuga era um estratagemas.

Os trez Curiacios perseguirão o fugitivo, porem como estavam enfraquecidos pelas suas feridas, corrião vacillando conforme as forças lhes permittião, de maneira que ião a grande distancia uns dos outros.

Era isto mesmo que Horacio desejava; porque, posto que muito fraco para poder combater com todos tres ao mesmo tempo, era contudo mais que sufficiente para se medir com cada um de per si.

Parando, pois, de repente e voltando-se para o que o seguia mais de perto, lançou-o morto a seus pés; o segundo teve igual sorte, e o ultimo, cansado e exausto de forças, quasi não offereceu resistencia ao vencedor.

Então os Albanos desaminados depuzerão as armas e se submeterão aos romanos.

Alba foi destruída e seus habitantes passarão para Roma.

Os Romanos exultando de prazer saudarão Horácio com applausos de triumpho.

Regressava elle para Roma no meio de uma multidão que o proclamava seu bemfeitor, quando, ao entrar na cidade, encontrou uma joven debulhada em lagrimas. Era sua irmã, a qual estando desposada com um dos Curiacios, prorompeu em altos gritos, apenas viu Horácio vestido com a cota de armas de seu amante, que ella mesma havia feito, e o arguiu amargamente por lhe haver morto o esposo.

O vencedor ainda empunhava a espada tinta de sangue dos trez campeões Albanos

Soberbo pela sua victoria, e indignado ao ver que sua irmã lamentava a perda de um inimigo, em vez de chorar a morte dos seus dous irmãos, transportado de colera trespassou-lhe o coração, dizendo-lhe:

«Vai reunir-te ao teu amante, já que o preferes á gloria da tua patria !»

Por este horroroso crime foi Horácio condemnado á morte pelo Senado; porém appellou para o povo, e este, reflectindo que a seu valor devia Roma a liberdade, absolveu-o.

Coriolano.

(Parley.)

Quasi desde a fundação de Roma achavão-se os habitantes divididos em duas classes, uma denominada a dos Patricios, e outra a dos Plebeos. O senado e a maior parte dos cidadãos ricos estavam incluídos na ordem dos Patricios, da qual também sahião os consules; os Plebeos erão o povo.

No anno de 494 antes de Jesus Christo, uma revolução importante foi occasionada pela dureza com que os ricos tratavão os pobres, de quem na maior parte erão credores. O povo retirou-se para um outeiro, chamado Monte Sagrado, e d'ahi ameaçou os nobres e o senado. Este nomeou uma commissão para ir tratar com a plebe amotinada, e Menenio Aggrippa, um dos seus membros, servindo-se de um apologo e promettendo a abolição das dividas, applacou o povo, que apezar disso exigio e obteve a criação de magistrados particulares, tirados da sua ordem, chamados tribunos do povo.

Um só destes podia oppôr-se aos decretos do senado, dizendo a palavra: Veto (eu prohibo). Sua pessoa era inviolavel, sacroanta.

Estes magistrados, que na sua origem nem tinham assento no Senado, onde só entravam, quando eram chamados para dar o seu parecer sobre negocios relativos ao interesse do povo, nem podiam convocar as assembleas populares, não se contiverão por muito tempo nos limites de tanta moderação; em breve não houve negocio, em que não quizessem intrometer-se, incorrendo por isso no odio e malquerença dos Patricios. Uma grande escassez servio de pretexto aos Tribunos para sublevar o povo contra o Senado e os nobres, a cujo monopolio a attribuição

O Senado tratou logo de mandar vir da Sicilia grandes quantidades de trigo, para ser distribuido pelo povo, o que pôz termo á desordem; porém Coriolano, de uma das mais antigas familias Patricias, valente, mas muito altivo, oppôz-se a estas medidas brandas e ousou mesmo propôr a abolição do Tribunado. Citado a comparecer perante o povo, apesar dos serviços eminentes que havia prestado ao paiz, foi condemnado a exilio perpetuo.

Coriolano deixando a cidade, dirigiu-se ao territorio dos Volscos, que eram os mais incarnicados inimigos dos Romanos e que elle havia por vezes, vencido; alliou-se com elles, e á frente de um grande exercito pôz um apertado sitio a Roma depois de ter conquistado todas as cidades Romanas por onde passára.

Grande foi então o susto e a afflicção dos seus

conterraneos, quando souberão, que o banido estava de volta e ameaçava a patria.

Mandárão-lhe portanto uma embaixada composta dos mais velhos senadores. Porém estes veneraveis anciãos nenhuma impressão fizerão no animo de Coriolano. Uma segunda composta dos sacerdotes, revestidos com os paramentos de cerimonia, teve ainda o mesmo resultado.

A consternação em Roma era geral e todos se julgárão perdidos, quando se lembrárão, que talvez Coriolano não fôsse insensível ás lagrimas de sua mãi e de sua esposa. Instárão portanto com estas para que se encarregassem de uma nova mensagem, e com effeito, no dia seguinte sahirão ellas da cidade em companhia das principaes senhoras romanas e dirigirão-se ao campo de Coriolano.

Na frente ia Veturia, mãi deste general, e ao laço della Volumnia, sua mulher, com dous filhos menores. Coriolano, que ao avistar esta luctuosa comitiva estava resolvido a recusar o que pedião, apenas soube que vinhão sua mãi e sua esposa, desceu do seu tribunal para ir ao encontro dellas e abraçal-as.

Ao chegar perto, Veturia lançou-lhe aos pés e chorando pediu-lhe encarecidamente, que não causasse a ruina da cidade em que nascera.

Coriolano tentou em vão resistir a estas preces, como havia resistido ás das outras embaixadas; seu coração, que havia sido inflexivel perante a magesta-

de do senado e o apparato dos sacerdotes, não ponde deixar de se abrandar á vista de sua familia supplicante:

«Minha mãe, exclamou elle, eu cedo. Salvaste Roma, é verdade, porém perdeste teu filho!» Assim aconteceu. Coriolano fez levantar o sitio e Roma foi salva; mas os Volscos, indignados contra elle por causa dessa retirada, assassinárão-no em Ancio

Triumpho de Scipião.

(Parley.)

No seu regresso de Carthago a Roma foi Scipião premiado com o triumpho; e como esta honra, a mais subida que se podia conceder a um general romano, fosse por muitas vezes decretada aos commandantes victoriosos, por isso darei aos meus leitores uma descripção deste ceremonial.

Parou Scipião á sua volta de Carthago, no campo de Marte, que era uma planicie fóra dos muros de Roma, sendo d'ahi acompanhado para dentro da cidade por um luzido prestito.

la na frente uma grande banda de musica tocando differentes peças, precedida por uma manada de touros, destinados ao sacrificio nos templos das divindades; tinham elles as pontas dos cornos dourados e as cabeças enfeitadas com grinaldas.

Vinha depois uma comitiva de carros, carregados com os mais ricos despojos tomados em Carthago. Havia entre elles ouro e prata em abundancia, estatuas, quadros e magnificos vestidos, bem como as brilhantes armaduras do exercito vencido, empilhadas uma sobre as outras.

Atraz destes carros seguião alguns elephantes, que parecião montes movediços. Estes enormes animaes tinham figurado na guerra e erão capazes de carregar com uma cohorte de soldados.

Em seguida via-se uma longa ala de prisioneiros Carthaginezes. Suas cadeas retinião a cada passo que davão, e entre elles contavão-se os principaes personagens de Carthago, que envergonhados occultavão os rostos, lastimando não haverem antes perecido entre as chammas da sua cidade.

Marchava atráz deste triste sequito outra banda de musica, a qual, com o estrondo de cem instrumentos bellicos, soffocava os gemidos dos captivos. Acompanhavão-na dansarinos grotescamente vestidos, que trazião na cabeça corôas de ouro.

Seguia-se um esplendido carro ornado de marfim e puxado por quatro parellas de cavallos brancos.

Nelle se via o general triumphante com um vestido de purpura todo bordado de ouro, o rosto pintado de carmisim e uma corôa de ouro na cabeça.

Empunhava na mão direita um sceptro de marfim com uma aguia de ouro no topo, e do pescoço pendia-lhe um globo do mesmo metal. Acompanhava-o porem no carro um escravo, que continuamente repetia estas palavras: «Lembra-te, Scipião, que tu és mortal!» palavras que parecião de algum modo amortecer a gloria do seu triumpho

A roda do carro vinhão em grande multidão os parentes e amigos do Scipião, vestidos todos de branco, seguindo-se logo os consules e todos os membros do Senado Romano em grande gala

No fim de tudo desfilava o exercito vencedor com seus capacetes enfeitados de louro. Os porta-estandartes trazião, em lugar de bandeiras, aguias de ouro e prata, e as tropas marchavão entoando hymnos em honra e louvor de Scipião, unindo-se lhes em coro as vozes de todos os cidadãos Romanos.

Foi desta maneira que a procissão atravessou as ruas de Roma e entrou no Capitolio.

Os triumviros.

(Parley)

Depois da morte de Sylla e Mario os cidadãos que mais sobresabião, em Roma forão o feliz Pompeu, o opulento Crasso, e o ambicioso, bravo e talentoso Cesar. Este ultimo, conhecendo que nada podia fazer sem o concurso dos primeiros, alliou-se com elles e esta liga formou o primeiro *triumvirato*.

Os triumviros deixárão ao senado uma sombra de poder, dividindo entre si o commando das legiões e o governo da republica.

Pompeu ficou na Italia, Cesar partiu para as Gallias, e Crasso, avido de riquezas, foi para o Oriente, onde pouco depois teve um fim desgraçado, sendo vencido e morto pelos Parthas.

Pompeu, mais antigo, já se tinha tornado famoso pela derrota de Mithridates e por muitas outras victorias que alcançara, havendo conquistado quinze reinos e tomado oitocentas cidades.

Julio Cesar, seu rival, distinguia-se pela sua bella presença entre todos os elegantes de Roma. Militou na Gallia, na Germania e na Bretanha, vencendo trez milhões de homens e occasionando talvez a morte de um milhão. Era pois idolatrado pelos seus soldados.

Pompeu e Cesar chegarão a um tal auge de poder, que o mundo parecia pouco espaçoso para ambos.

Cesar estando como proconsul nas Gallias, pediu a prolongação do seu governo, o que lhe foi negado, em consequencia d'isso dirigiu-se para Roma á frente de um exercito e apoderou se da cidade, onde em breve foi nomeado Dictador

Pompeu fugio á sua chegada, acompanhado pelo senado e por grande numero dos seus partidarios. Formárão-se dois grandes exercitos, em que os Romanos se alistárão, tomando partido por um ou outro dos adversarios.

Encontrárão-se estes exercitos em Pharsalia na Thessalia, sendo o de Pompeu composto de moços pertencentes á nobreza Romana. Ciosos da sua belleza temião elles sobre tudo ser feridos no rosto; foi esta uma circumstancia que muito contribuiu para o exito da batalha.

Ordenou Cesar á seus soldados rudes e endurecidos, que dirigissem seus golpes ás faces dos inimigos, e estes tanto receiavão ficar desfigurados, que immediatamente voltarão as costas, ganhando Cesar, por este modo, uma completa victoria.

Pompeu escapou fugindo para o Egypto, onde encontrou a morte, em vez da hospitalidade que procurava; sendo sua cabeça apresentada a Cesar por um dos assassinos, este desviou os olhos de um tão horrivel espectaculo, e derramou abundantes lagrimas

ao ver que um tão grande guerreiro tivera um tão desgraçado fim.

Grandesa de Cesar.

Quando chegou ao Senado Romano a noticia da victoria de Cesar, (em Pharsalia) decretarão-se solennes agradecimentos aos deuses, conferio-se ao vencedor o supremo poder vitalicio com o titulo de Dictador, e foi sua pessoa declarada inviolavel e sagrada.

Sua estatua foi collocada no Capitolio entre as dos deoses e herões e junto á de Jupiter com esta inscripção: «Estatua de Cesar Semideos!» O facto de deificarem assim os Romanos um simples mortal prova claramente, que já então erão escravos.

Tudo andava a medida dos desejos de Cesar, e só faltava-lhe o titulo de Rei. Para satisfazer esta sua ambição, procurou conquistar a sympathia dos soldados e do povo, gastando immensas sommas com os divertimentos e os magnificos espectaculos que lhes dava.

N'uma occasião deu a todo o povo Romano um banquete, para o qual se puzerão nas ruas de Roma vinte e duas mil mesas. Sobre ellas se amontoarão toda a especie de manjares e bebidas, e ao mais insignificante cidadão era permittido sentar-se e comer quanto quizesse.

A maior parte dos Romanos tinham perdido aquella nobreza de character, que animára seus antepassados, e contentavão-se em ser governados por alguém que os regalasse e divertisse com esplendidos espectáculos, como fazia Cesar. Devemos porem confessar que muito contribuirão para isso as nobres e amaveis qualidades do Dictador.

Tinha portanto o povo uma paixão louca pelo seu tyranno. Comprazia-se em vê-lo nos espectáculos e entretenimentos publicos, sentado na sua cadeira curul com uma corôa de ouro na cabeça. Faltava só prostar-se diante d'elle e adoral-o; e talvez que o povo o tivesse com effeito venerado como Deos, manifestando elle tal desejo !

Havia porem ainda alguns Romanos da antiga tempera, que amavão a liberdade por sua propria conta. Varios outros tambem aborrecião a Cesar, porque lhes fizera algum damno ou por que fosse mais poderoso do que elles. Estas duas classes de descontentes conjurárão-se para lhe tirar a vida.

Bruto e Cassio forão os chefes desta conjuração: o

primeiro amava apaixonadamente a liberdade como verdadeiro patriota que era. Assim apesar da afeição que Cezar lhe dedicava, e a que elle correspondia, resolveu collocar-se á frente dos conspiradores, só com o fim de libertar o seu paiz.

Cassio tomou a mesma resolução levado principalmente pelo odio que dedicava a Cesar; alem destes, dezeseis outros senadores entrárão na conjuração; a maioria era de parecer, que este crime se perpetrasse em segredo e á meia noite; porém o sangue de Cezar tinha de ser derramado em pleno dia e abertamente na grande sala do Senado.

Assassinato de Julio Cezar.

No fatal dia 15 de março sabio Cesar de seu palacio, cercado d'uma chusma de lisonjeiros e falsos amigos; descia lentamente as escadas do Portico, quando um velho philosopho grego rompeu por entre a multidão e depositou em suas mãos um memorial contendo a denuncia de toda a conjuração.

Se Cezar o tivesse lido, teria salvo a sua vida talvez á custa da de todos os conjurados; mas não

leu este papel, entregou-o simplesmente ao seu secretario e proseguiu em seu caminho.

Passando pelas ruas de Roma, entretinha-se com os Senadores, que obsequiosos o rodeavam, ouvia com prazer as aclamações do povo.

Sentia na verdade que estava acima de todos neste mundo; porém ao mesmo tempo comprimia-se-lhe o coração, pois tinha a consciencia de haver escravizado o seu paiz.

Este luzido acompanhamento subiu as escadas do Senado e entrou na sala. Aos lados desta sala estavam collocadas em linha as estatuas de marmore de muitos famosos Romanos, e entre ellas a de Pompeu, cuja cabeça, nadando em sangue, havia sido apresentada a Cezar no Egypto; foi justamente quando Cesar passava em frente desta estatua que Metello Cimber, um dos conjurados, ajoelhou e pegou na cauda do seu manto. Era este o signal do ataque.

Cassio, que estava por tráz de Cezar, puchou logo por um punhal, e lh'o cravou no hombro. «*Que fazes desgraçado?*» gritou Cezar lançando mão do punhal. Todos os outros conjurados então o cercarão, defendendo-se elle com a mesmo valor que havia mostrado em cem combates.

Bruto afinal avançou precipitadamente e o ferio na côxa; foi neste momento que Cesar, vendo levantada contra si a mão daquelle que tanto lhe devia, deixou

de fazer resistencia. Apenas encarando-o com semblante nobre e accusador exclamou: «*E tu tambem, Bruto ?*»

Cobrindo então a cabeça com o manto, para que seus inimigos não vissem a agonia do seu rosto, cahio ferido com vinte e tres punhaladas junto ao pedestal da estatua de Pompeu, cujo marmoreo semblante parecia ter os olhos fixos sobre elle e dizer-lhe com os labios mudos: «*Pompeu está vingado*».

Todos os conjurados ensopárão seu punhal no sangue que corria pelo pavimento. Bruto levantou a sua adaga, e dirigindo-se a Ciceró, illustre e patriótico orador: «*Alegra-te, ó Pai da Patria !*» exclamou elle, apontando para o cadaver de Cesar, «*porque Roma está livre.*»

Porém ah ! quando os animos de um povo inteiro se achão escravizados, não é a morte d'um unico homem, que lhes póde dar a liberdade Assim aconteceu, e assim verão os meus leitores, que esta nobre victima foi inutilmente sacrificada

Verificou-se a morte de Cesar 43 annos antes de Jesus Christo e produzio grande confusão em Roma, pois o povo incitado pelos amigos do dictador, amotinou-se contra os seus assassinos.

Octavio Augusto.

(Parley.)

Verificou-se a morte de Cezar 43 annos antes de Jesus-Christo e produziu grande confusão em Roma, pois o povo, incitado pelos amigos do dictador, amotinou-se contra os seus assassinos.

Em consequencia d'isto Bruto, Cassio e outro senadores virão-se obrigados a fugir de Roma.

Trez homens usurparão então o governo, formando o chamado «segundo triumvirato»: foram elles Marco Antonio, Lepido e Octavio. Este ultimo era sobrinho de Cezar e seu filho adoptivo.

.....

Bruto e Casio, (assassinos de Cezar) tendo-se refugiado na Grecia, havião alli alistado um exercito de cem mil homens.

Contra elles marcharão Marco Antonio e Octavio, os quaes, n'uma batalha dada em Philippes, derrotarão aquelles republicanos, que se suicidarão.

Tinhão então os triumviros todo o poder em suas mãos...

A fortuna foi propicia a Octavio... Ficou sem rival e unico senhor de Roma com seus dominios.

Recebeu do senado o titulo de imperador e o nome de Augusto, e tomou elle mesmo o de Cezar para commemorar a fama de seu pai adoptivo.

Augusto conservou quanto pôde as formas exteriores da republica, já que os titulos de consul, tribuno, imperador, chefe do senado e outros lhe asseguravão o supremo poder.

Em addição a muitos outros titulos, deu-lhe tambem o senado o de pai da patria, o que não passava de um rasgo de lisonja

Todavia tão raros erão então em Roma os homens de bem, que esta usurpação foi pouco censurada.

Octavio não abusava do poder que lhe conferirão os aduladores, e esta moderação, releva até certo ponto, a mudança que elle operou no governo.

Uma vez firme no poder, o imperador governou pacificamente e o seu reinado offerece poucos acontecimentos politicos dignos de contar-se.

Comtudo devo mencionar uma victoria gloriosa, que um chefe germano, chamado pelos seus Hermann (que quer dizer o homem do exercito, o valente), e Arminio pelos Romanos, alcançou sobre as legões de Augusto, commandadas por Varo, na floresta de Teutburgo na Allemanha septentrional.

O imperador affligio se tanto com esta derrota,

que lhe custou o general Varo e toda a flôr do exercito, que vagava como doudo pelas salas do seu palacio, exclamando repetidas vezes: «Varo! Varo! restitue-me as minhas legiões!»

Quasi todo o mundo então conhecido estava debaixo do dominio de Augusto e não havendo por conseguinte necessidade de conquistar novos paizes, fez elle consistir a maior gloria do seu reinado em proteger as sciencias e as artes.

O seculo de Augusto abunda em poetas eminentes, bons oradores, architectos e outros homens de genio, que todos receberão provas da munificencia imperial.

O seculo de Augusto.

(Dr. Egydio de Azevedo.)

Gozava allim as doçuras da paz o velho mundo, que ainda arquejava, fatigado de longas e porfiadas luctas e de sanguinolentas guerras. que haviam ceifado milhares e milhares de preciosas existencias!

Os campos, regados por caudalosos rios de san-

gue, viam-se agora cobertos de louros e tropheus das victorias ganhas e da paz alcançada! As espadas, que tantas lagrimas haviam feito derramar, e que de tantas orphandades tinham sido a causa, embainharam-se alfim, envergonhadas das cruezas commettidas!! Com admiração universal viram-se fechadas pela primeira vez as portas de templo de Jano! Desde os montes Herminios, na Lusitania, até às margens do Euphrates, desde o mar até aos confins da Mauritania, tremulavam em paz os estandartes da republica!

Como as hervas e florzinhas do campo, açoutadas e sem alento, se remoçam e se erguem viçosas, passado o vendaval, que as fez curvar; assim tambem os povos, prostados e opprimidos por tão mortíferas perturbações, se alevantaram do seu abatimento, no fim de tão copiosa chuva de sangue, que alagou os campos esterilizando-os.

As victorias trouxeram a paz, que agora estavam gozando; a paz firmou a sua segurança; e esta segurança permittiu, que empregassem a sua actividade, arroteando, lavrando e semeando os seus extensos campos; e que a abundancia começasse a renascer então no gremio das nações.

A paz trazia, pois, comsigo a fertilidade, o suave descanso das agitadas lides bellicosas e uma tran-

quillidade, que, havia muitos annos, se não tinha gozado

Floreciam os campos, prosperavam o commercio e as industrias; e o povo, vendo assegurada a sua existencia, farto de pão, affirmava, que volvia novamente a idade d'ouro. As mães aleitavam com prazer seus estremecidos filhos, certas de que as lidês do cruel Marte não viriam agora feril-os em seus braços.

O estrepito das armas ja não apavorava as timidias crianças que receavam, que em qualquer ataque, a fouce homicida da morte cortasse a preciosa existencia de seus queridos paes, enlutando-as assim com uma desvalida orphandade.

As musas, que haviam fugido assustadas e espavoridas com o tinir das espadas e com os golpes das lanças, pela primeira vez tinham pousado sobre o capitolio.

Às illustrações guerreiras succediam celebridades litterarias !

Já não se discutiam planos d'ataque, nem systems de defeza, nem fornecimento d'armas, nem castigos, nem proscricções: mas, sim, apreciava-se o merecimento das tragedias de Vario Lucio, citavam-se com louvor Musa, medico de Augusto, Cornelio Severo,—o Hypocrates dos latinos,—Phocio, Valgio e muitos outros.

Fundavam-se e abriam-se bibliothecas, escreviam-se livros e fazia-se d'elles uma leitura publica. Os jardins de Mecenas eram frequentados por uma numerosa pleiade de litteratos.

Ovidio, afinando as suas voluptuosas lyras, escrevia as *Metamorphoses e a Arte de amar*; Horacio cantava o seu protector e os seus generosos vinhos de *Chypre* e de *Phalermo*; e o cysne de Mantua, o immortal Publio Virgilio, exhalava seus cantos immorredouros !

Presagios pavorosos da ruina de Jerusalem.

(Rivaux: — traducção).

Presagios e signaes ameaçadores annunciavam a aproximação dos ultimos effeitos da vingança divina, sobre Jerusælem.

Nas festas da Paschoa do anno de 65, da era christã, durante a noite, uma luz tão brilhante como a do dia cercou o altar e o templo.

A porta oriental, que era de bronze, e tão pesada que vinte pessoas mal podiam abalal-a, abriu-se de per si, apesar dos ferrolhos e das traves de ferro que a seguravam.

No dia de Pentecostes ouviu-se um grande estrondo no Santuario, e uma voz lastimosa proferiu distinctamente estas palavras:

«Saiámos d'aqui ! » Os santos anjos, protectores do templo, declaravam assim que o abandonavam.

Appareciam incessantemente novos e pavorosos prodigios, de sorte que um celebre rabbino disse um dia:

«O' templo ! ó templo ! que sentes tu ? e porque tens tu medo de ti mesmo ?»

Finalmente, quatro annos antes da guerra que destruiu Jerusalem, todo o mundo presenciou um presagio ainda mais terrivel que os outros.

Um pobre camponez, que tinha vindo á festa dos Tabernaculos, diz Bossuet, seguindo o historiador Josepho, começou de repente a gritar: «Ai da cidade ! ai do templo ! voz do oriente, voz do occidente, voz dos quattros ventos: ai do templo ! ai de Jerusalem !»

Desde essa occasião elle não cessou de clamar de dia e de noite:

«Ai, ai de Jerusalem !» Redobrava os seus brados nos dias festivos. Nenhumas outras palavras proferiu mais, e os que o lamentavam, os que o amaldiçoavam, os que o sustentavam, nunca ouviam senão esta terrivel ameaça: «Ai de Jerusalem !»

Foi preso, interrogado, açoutado por ordem do

governador. A cada pergunta, a cada açoitado, respondia sem nunca se queixar: «Ai de Jerusalem!»

Continuou por espaço de sete annos a gritar assim, sem interrupção, e sem que a sua voz se enfraquecesse.

No tempo do ultimo assedio de Jerusalem, introduziu-se na cidade, girando sem descanso em volta dos muros, e bradando com toda a sua força: «Ai de mim mesmo!» e cahio logo morto por uma pedra lançada por uma balista romana.

Este propheta das desgraças de Jerusalem chamava-se Jesus.

«Parecia, continha Bossuet, que o nome de Jesus, nome de salvação e de paz, deveria lembrar aos judeus, que o desprezavam na pessoa do nosso Salvador, um funesto presagio, e que tendo esses ingratos rejeitado um Jesus, que lhes annunciava a graça, a misericordia e a vida, Deus lhes enviava um outro Jesus, que só lhes annunciava males irremediaveis, e o inevitavel decreto de sua ruina proxima.»



Assedio e ruina de Jerusalem

Tito sitiava Jerusalem, na primavera do anno 70, poucos dias antes da festa da Paschoa.

Esta circumstancia havia attrahido á cidade uma grande multidão de povo, que não fazia senão augmentar a desordem e consumir ainda mais depressa os viveres.

Os sediciosos tinham já para alli concorrido de toda a parte, desde o principio da guerra, e á proporção que o resto do paiz era occupado pelos romanos. Um certo Simão Bargioras ou filho de Giora para lá havia conduzido um bando de trinta mil sicarios. João de Giscala tambem alli se tinha encerrado á frente da facção dos zeladores e vinte mil barbaros da Idumea, sempre promptos a bater-se e a saquear.

Reunidos no mesmo recinto e divididos entre si, estes bandidos encherão de desolação Jerusalem, e terião bastado para destruil-a. Em pleno dia, entregavam-se a toda a sorte de violencias, e não respeitavam a propriedade nem a vida dos cidadãos. Encontraram-se uma vez oito mil e quinhentos cadaveres estendidos em volta do templo, e d'outra vez doze mil, que estiveram alguns dias sem sepultura.

Em vão procurou o general romano, com a sua clemencia, trazer os judeus á paz; rejeitaram obstinadamente todas as propostas que lhes fez por via de Josepho. Então Tito ordenou que apertasse ainda mais o cerco á cidade, e interceptou os viveres.

A fome tornou-se extrema e obrigou a praticar os mais atrozes attentados. Disputavam a comida e devoravam as couzas mais infectas. Os proprios sediciosos esfomeados recorriam a todos os meios para obter alguns comestiveis. O estado de nutrição ou o andar de qualquer pessoa, uma porta fechada, bastavam para despertar as suas suspeitas e expunham a todo o seu furor.

Obrigada pela fome e levada ao desespero, uma mulher por nome Maria degolou o seu proprio filho, ainda de peito, o assou, comeu metade, e escondeu o resto. Attrahidos pelo cheiro, os facciosos entram em sua casa, e pondo-lhe a espada ao peito, exigem-lhe o que ella escondeu. Mostrou-lhes o que restava do filho. Vendo-os horrorisados e immoveis: «Podeis comer d'elle como eu, lhes diz ella; é o meu filho; fui eu que o matei: vós não sois mais escrupulosos que nma mulher, nem mais ternos que uma mãe.» Elles deixaram aquella casa espavoridos.

Muitos judeus quizeram então sahir da cidade; mas Tito mandou-os crucificar sem dó, afim de aterrar os rebeldes. Pereceram n'este suplicio quasi quinhentos

por dia, de sorte que já não havia espaço nem madeira para as cruzes. «Tremenda punição da Cruz do Calvario» diz Champagny.

Assim experimentou este povo deicida um castigo analogo ao crime, que era a primeira causa das suas desgraças; e a soldadesca idolatra, crucificando esses miseraveis devolveu-lhes todos os ultrajes que elles tinham feito ao filho de Deus no Golgotha.

Devorados de fome e repellidos pelos sitiadores, os judeus forão ainda atacados pela peste. Então Jerusalem apresentou d'alguma sorte a imagem do inferno. Via-se por toda a cidade uma multidão de pessoas desfiguradas, arrastando-se como esqueletos, e depois cahindo de repente por terra. As praças publicas, as ruas e as casas estavam cheias de mortos. Enterravam-nos a principio, e, por uma só porta, sahiram, no espaço de dous mezes, cento e quinze mil cadaveres. Diz-se que o numero total se elevou a mais de seiscentos mil. Dentro em pouco tempo não houve animo nem força para os sepultar, e foi tão grande a infecção, que o vento a levou até ao campo dos romanos.

Finalmente, depois de furiosos combates, os sitiadores assenhorearam-se da fortaleza Antonia que protegia o templo que foi tambem atacado.

Tito ordenou que não o destruisssem; mas um soldado, por inspiração divina, diz Josepho, se fez levar

por seus camaradas a uma janella, e poz-lhe o fogo, que se apoderou n'um instante d'esse admiravel edificio e o reduziu a cinzas, apesar dos esforços que Tito empregou para dominar. Assim se cumpriu a predicção do Salvador sobre a ruina do templo, que Juliano o Apostata completará mais tarde.

O resto da cidade foi tomada, e os romanos passaram tudo a ferro e fogo. Tito não podia conter os seus soldados; e, quando os povos visinhos lhe vieram offerecer corôas e dar-lhe os parabens da sua victoria, disse que só tinha sido o instrumento da vingança divina. Mandou arrasar o que tinha escapado ás chammas.

Os dous chefes dos facciosos, João de Giscala, e Simão de Giora, foram aprisionados e amarrados ao seu carro triumphal.

Pereceram n'este cerco um milhão e cem mil judeus; cem mil foram vindidos como escravos. Depois lavrou-se o terreno, onde tinha existido a cidade e o templo.

Assim se cumpriu tambem á letra a predicção que Jesus Christo tinha feito a respeito da cidade deicida: «Jerusalem será pisada pelos gentios; os seus filhos cairão ao fio da espada; e serão levados captivos a todas as nações até á consummação do seculos».

Desgraça dos Judeus.

(Rivaux.)

... Então o povo judaico começou a sua vida errante através dos seculos e das nações, caminhando, á seu pezar, ao lado da nova Igreja, e servindo-lhe de testemunha que proclama a verdade, porque os seus livros attestam a divindade de Jesus Christo: testemunha insuspeita, porque odeia e aborrece a Igreja; testemunha universal, porque está espalhada por toda a terra; testemunha perpetua, porque as revoluções politicas, que devoram todos os outros povos, não o fazem perecer.

E enquanto esta testemunha providencial attesta a verdade da Igreja, tudo se consummou para ella. Foi-lhe posto sobre o coração um sello, que só se quebrará no fim dos seculos. Sua existencia, antes do Messias, fôra um longo prodigio: começa um novo milagre. milagre sempre o mesmo, milagre universal, perpetuo. e que manifestará até aos ultimos dias a inexoravel justiça e a santidade de Deus, que esse povo ousou negar.

Viverá sem principio de vida apparente; o captivei-

ro, a espada, o mesmo tempo não poderão destruí-lo.

Isolado no meio das nações que o repellem, não pára em parte alguma. Impelle-o, agita-o e não lhe permite estabelecer-se uma força invencível.

Leva em suas mãos um facho que alumia todo o mundo, e jaz nas trevas. Espéra aquelle que veio; lê os prophetas e não os comprehende. A sua condemnação, escripta em cada pagina dos livros que tem obrigação de conservar, causa-lhe alegria. Perdeu a intelligencia, como esses grandes criminosos de que falla a antiguidade: o crime perturbou-lhe a razão.

Por toda a parte opprimido, está em toda parte. Ao desprezo, ao ultrage, oppõe uma insensibilidade estúpida. Nada o offende, nada o espanta; sente-se feito para o castigo; o sofrimento e a ignorancia tornaram-se lhe inseparaveis.

Sob o opprobrio que o esmaga, levanta de tempos a tempos a sua cabeça, volta-se para o Oriente, derrama algumas lágrimas, não de arrependimento, mas de obstinação; depois rezahe; e curvado ao peso do anathema, prosegue em silencio, n'uma terra, onde será sempre estrangeiro, a sua penosa e vagabunda perigrinação.

Até aqui todos os povos o tem visto passar; a sua presença a todos tem causado horror; estava marcado com um ferrete mais terrível que o de Caim; sobre a sua fronte havia uma mão de ferro escripto:

Jerusalem.

(Rabello da Silva.)

Jerusalem, a cidade santa de David e Salomão, cujo mysterioso nome encerrava as promessas do Senhor, Jerusalem que seus filhos dispersos ha dezoito seculos não cessam de chorar na amargura da saudade, cumpriu o castigo promettido, e, maculada pela iniquidade, lamenta na solidão, e com a fronte no pó, o altar destruido de seus paes, e a gloria dos dias prosperos.

Que destino ! que expiação !

A princeza das provincias e rainha das nações, renova sem termo e sem esperança, as dores que banharam de lagrimas a harpa de Jerimias: e na sua afflicção, triste captiva perpetuamente viuva das grandezas, invoca debalde as tradições já mudas, vagueando no meio das proprias ruinas, silenciosas e desconsoladas, como sombra de si mesmo.

As reliquias do seu povo, esquecido de tudo, menos do indomito orgulho, que o perdeu, prostam-se, aninhadas nos destroços, á rustica barbaridade dos ultimos conquistadores; e o espectaculo de tantas

miserias, para os poucos ainda capazes de comprar, é como o eterno abutre da desesperação, dilacerando as entranhas dos novos Promotheus, cravados n'este lugar de tormentos por maior pena!

Batalha de Lepanto,

em 1571.

Na gloriosa e celebre batalha de Lepanto deu a armada christã o golpe mortal no Islamismo, salvou a Europa da dominação Turca, e o Senhor Deus dos exercitos deu mais uma prova bem patente de que é sempre vingador opportuno de sua Igreja.

Selim II, filho e successor de Solimão, imperador dos Turcos, confiado no provado valor de seus numerosos exercitos intentou nada menos que avassallar toda a christandade.

Para abrir luta na Europa, exigio que a Republica de Veneza lhe entregasse a Ilha de Chipre. Ora a nobre Republica acabava de perder então o seu maior arsenal devorado por um terrivel incendio;

mas, nem assim se acobardou; respondeu com dignidade repellindo a ameaçadora proposta do orgulhoso Sultão.

As forças Turcas atacaram logo a Ilha de Chipre e depois de um cerco de oito dias tomaram Nicosia de assalto (1570). No anno seguinte atacaram Famagusta, que durante trez mezes oppôz vivissima resistencia, mas vio-se por fim obrigada a capitular e abrir suas portas aos invasores.

Considerando então o perigo que corria a christandade, o soberano e Santo Pontifice Pio V formou uma liga entre os Venezianos e Philippe II, rei de Espanha, para se oppôr ás assustadoras invasões dos Mahometanos. Com o fim de conservarem harmonia entre os confederados, foi o Papa eleito chefe da liga; o Soberano Pontifice nomeou então Marco Antonio Colonna, general das suas galeras, e D. João d'Austria generalissimo de toda a armada.

Embarcaram-se os christãos e foram em procura dos Turcos, que estavam ancorados com sua formidavel frota no porto de Lepanto. O centro da armada christã era commandado por D. João d'Austria, tendo sob seu commando Colonna e Venière.

Na ala direita estava André Doria, na esquerda Agostinho Barbariço; Pedro Justiniano commandava as galeras de Malta, e Paulo Jordão occupava as extremidades desta linha.

O marquez de Santa Cruz commandando uma esquadilha de sessenta navios, formava um corpo de reserva, prompto a reforçar os lugares onde o inimigo parecesse levar vantagem.

João de Cordova, com oito navios, era encarregado de assignalar todos os movimentos do inimigo. Esta valorosa esquadra tinha ainda na vanguarda seis grandes galeras venezianas.

Ao levantar do sol puzeram-se os Turcos em linha de batalha, quasi na mesma ordem que os christãos; estenderam porém os seus navios em forma de meia lua, conforme os seus ritos. Não tendo elles corpo de reserva, era a linha mais extensa, e por isso mesmo mais vantajosa. Hali commandava o centro com Petauche; Luchali e Siroch manobravam as alas extremas.

D. João d'Austria deu primeiro signal de ferir a peleja, fazendo desdobrar na sua nau o pavilhão que o Papa lhe havia dado, no qual se via bordada a ouro a imagem de Jesus Christo.

Os officiaes christãos dirigiram algumas palavras de animação a seus soldados, e, enquanto se approximavam os navios para o combate, puzeram-se todos em oração diante de uma imagem do crucificado. Arvorou-se então um segundo signal no navio chefe e começou a peleja.

Os Turcos atacaram com furor; a maioria do nu-

mero, a extensão da sua linha de fogo, o vento que lhes era favoravel, tudo parecia prometter-lhes a victoria De repente, porem, soprou o vento contrario para elles, levando-lhes até o fumo e o fogo despejados por nossos canhões, a ponto de offuscar-lhes as vistas.

Depois de trez horas de porfiado combate, a ala esquerda da esquadra christã, commandada por Barbarijo, mette á pique a galera commandada por Si-roch.

Os Turcos, amedrontados por tão vigorosa investida, abordados pelos Venezianos, fogem para a costa; D. João d'Austria redobra seu fogo, mata Hali, toma a sua nau, arranca-lhe o pavilhão e grita: — *Victoria!*

No centro da esquadra inimiga tudo foi destroçado e morto. Luchali resistia ainda a Doria; o Marquez de Santa Cruz approximou-se com seus navios, e elle consegue escapar fugindo com trinta navios. Todos os mais foram tomados ou submergidos.

*

Nesse mesmo instante, isto é, na tarde de 7 de outubro de 1571, o Santo Papa Pio V presidia em Roma a um conselho de cardeaes, no seu palacio de Latrão. De repente cala-se o Papa, o seu olhar como que se embebe no céu, a sua fronte resplandece com celeste alegria.

Todos os cardeas notaram admirados tão repentina e extraordinaria mudança, e o Soberano Pontifice, depois desse momento de intimo recolhimento, com indisivel satisfação disse estas palavras:

—*Louvemos a Deus, meus irmãos ! a esquadra christã está victoriosa !*

Nesta celebre batalha perderam os Turcos trinta mil homens com Hali, seu general, passando de duzentos navios, tanto náus como galeras, sem contar noventa queimados e submergidos; foram tomados ainda trezentos e setenta e dous canhões de grosso e pequeno calibre.

Entre os prisioneiros se contavam muitos officiaes superiores e os dous filhos de Hali, que eram sobrinhos do imperador. Quinze mil escravos, que os christãos acharam nas galeras dos infiéis, foram postos em liberdade.

*

Para solemnisar este dia e esta victoria tão visivelmente auxiliada pelo céo, ordenou o Santo Papa Pio V que em toda a Egreja se celebrasse a festa do Rosario, no primeiro Domingo de outubro e aos titulos da Santissima Virgem ajuntou elle o de *Auxilium Christianorum*, Auxilio dos Christãos.

O Soberano Pontifice concedeu tambem que D. João d'Austria tivesse a honra de fazer a sua entrada triumphal em Roma, e grande numero das ban-

deiras e armas tomadas aos Turcos ainda hoje ornaram a basilica de Latrão e a Igreja de Nossa Senhora da Victoria.

~~~~~  
Jesuitas.

BIBLIOTHECA PUBLICA  
do  
ESTADO DO MARANHÃO

(Dr. Egidio Azevedo.)

Foi na madrugada de 15 d'Agosto de 1534.

A essa hora matinal, em que todos dormiam o somno da indiferença, agrupou-se em Montmartre um pequeno numero d'homens, cuja vida foi e será sempre o assombro dos seculos passados e por vir, e cuja memoria repercutirá por todos os cantos do mundo no eterno bronze da historia.

Esses homens eram Ignacio de Loyola, Francisco Xavier, Pedro Lefèvre, Diogo Lainez, Salmeron, Bobadilha e Rodrigues d'Azevedo !

Que queriam estes homens ? para que se reuniram elles ? d'onde vinham ? para onde iam ? quem eram ?

É larga e grandiosa a historia d'estes valentes campeões da Igreja Catholica !

Eram elles sete famosos coripheus do pensamento

e da palavra, sete atletas em acção, que, reunidos em nome e sob a bandeira de Jesus, crearam uma *sociedade* que ponde e ainda pôde tudo para o bem; porque, renunciando a todos os prazeres, riquezas e gloria propria, dedicaram-se exclusivamente á gloria de Deus, ao melhor serviço das almas e á santificação de seus irmãos !

Por seculos a *Companhia de Jesus*, com a cruz da nossa santa religião, hasteada em frente das suas famosas fileiras de missionarios, avassallou os povos do novo e velho mundo, prégando-lhes a religião do Crucificado e projectando sobre as escurentadas sombras da barbaria e da ignorancia as fulgurantissimas luzes do christianismo.

Da Europa até a Asia, e da Africa até ás plagas inhospitas da America, todos os povos, ainda os mais selvagens, escutaram, reverentes, as ondas do eloquencia inspirada e arrebatadora dos Jesuitas, que os traziam mansos cordeiros ao redil da santa Egreja e os conservavam vassallos submissos dos imperios, que os mandavam evangelizar n'aquellas remotas paragens.

Entre nós grandiosa e heroica foi a sua missão !

Cada padre valia um esquadrão de soldados !

Cada jesuita era um baluarte, uma fortaleza inexpugnavel; vencia sempre, mas nunca se deixava vencer !

As suas armas eram a cruz e a palavra !

Hasteada a cruz, — signal perpetuo da nossa redempção, — a palavra desatava-se de seus labios, melodiosa e fascinadora, em caudaes d'eloquencia !

Se pelejas havia, eram só no rasgar das trevas, que obscureciam aquellas negras sombras de rudes intelligencias !

Se corria sangae, era somente o d'esses dedicados martyres, votados á salvação das almas !

Que o digam ainda os povos da India, do Japão e da China, que, desde S. Francisco Xavier, viram succeder uns aos outros os pobres missionarios, á quem as lettras, as sciencias, as artes, as industrias, a agricultura e a religião tanto devem.

Cavemos fundo no cemiterio da historia, e n'elle encontraremos, embora carcomidos e desfeitos em pô, os ossos de tantos martyres, que ainda bem alto pregão ievantarão em favor do que affirmamos !

Essa vida, porem, de abnegação, de pobreza e, ao mesmo tempo, de suaves consolações e de solida instrucção para a juventude, de luz e vida para as trevas da ignorancia, de riqueza e prosperidade para as nações, de firme sustentaculo dos thronos e dos templos, de paz e abundancia para os povos, essa vida tão gloriosa como amargurada foi um dia cortada, cruelmente decepada pelos os despotas da impiedade !

Pombal, Aranda, Choiseul, Tanucci e tantos outros, levados por odios mesquinhos e vis intrigas, arrasados pela febre d'obter (triste glória!) glória para os seus nomes, mancharam a paginas mais brilhantes da historia das suas nações com prisão, desterro e morte de milhares de cidadãos inoffensivos, antes, pelo contrario, sinceros e efficazes deffensores do bem estar dos povos; e, com a proscricção da *Sociedade de Jesus* envolveram-se na vergonhosa e execranda mortalha de justa condemnação na historia de humanidade!

---

## Execução de Malagrida.

Aos 21 de Setembro de 1761, dia em que a Igreja celebra o martyrio do santo apostolo da Ethiopia, se consumou o supplicio juridico de Gabriel Malagrida.

Pombal, desde muitos annos docil ás lições philanthropicas dos philosophos, abolira em Lisboa as procissões do auto-da fé, *momices d'outro tempo*, como elle a miudo lhes chamava; porém, para o martyrio de Malagrida, por odiosa excepção res-

taurou o antigo costume, e ordenou que a procissão se fizesse com a maxima solemnidade.

Em redor da praça do Rocio fez construir palanques para a nobreza e para o povo, convidando a côrte para esse vergonhoso e sangrento espectáculo. A tropa occupava as avenidas das ruas e praças vizinhas, para manter a ordem da multidão immensa que confluia ao lugar da carnificina.

O cadafalco sobre que devia ler-se ao réu a sentença condemnatoria, disposto em amphitheatro, decoraram-o luxosamente. O ministro presidio á cerimonia.

Em frente d'elle estava o monarcha e a côrte.

Para negrejar ainda mais o horror do espectáculo, esperou-se até o empardecer da tarde, para que o ancião fosse levado ao supplicio atravez de algumas ruas entre cyrios funebres.

E com o fim de excitar contra elle os ultrajes do povo, pozeram-lhe na cabeça uma especie de mitra de papellão, e sobre a sua roupêta de jesuita, unica que ainda se oncontrou em Portugal, juntaram-lhe, como nos sambenitos, grotescas e horrendas figurações de demonios.

Sahio do carcere, com as mãos atadas para as costas, e um freio de pau na bocca, entre dois frades benedictinos, e duas pessoas destinadas, segundo o usual, a servirem-lhe de padrinhos da cerimonia do

auto da fê. Depois d'elle caminhavam mais 52 condemnados; mas foi elle o unico estrangulado, o unico a padecer, n'aquelle sevo dia, morte cruel e infamissima!

Quando subiu com firme passo os degraus do patibulo, um commissario do tribunal lhe leu a sentença. Depois, o bispo de Sparta, coadjutor do cardinal-patriarcha, procedeu á aviltadora cerimonia da degradação.

Terminado isto, exhortou o paciente a confessar os seus crimes e a pedir perdão ao rei e ao povo do escandalo que dera. «Desde que puz os pés na terra portugueza—respondeu com dignidade o santo velho—servi sempre S. M. Fidelissima como bom e leal subdito; comtudo, si, por ignorancia, o offendi na minima coisa, eu lhe peço humilde e sinceramente perdão».

Depois de proferir vibrantemente estas palavras, em meio de profundo silencio da multidão, entregou-se ao carrasco encarregado de o garrotar. E, no momento em que expirou, proferiu distinctamente estas palavras: «Senhor, havei piedade de mim; nas vossas mãos entrego a minha alma»

N'este momento, dizem muitas relações dignas de fê, que o seu rosto se illuminou de subito de extraordinario resplendor, que arrancou um brado de surpresa e espanto aos milhares de espectadores.

O carrasco accendeu logo a fogueira; e, para evitar que o povo recolhesse as cinzas do santo martyr, foram logo lançadas ao mar.

Muitas pessoas affirmaram que se achou entre as cinzas o seu coração perfeitamente illeso, e que uma piedosa matrona o levára para sua casa como preciosa reliquia.

Assim morreu o padre Gabriel Malagrida, na idade de 72 annos, dos quaes vivera 50 na companhia de Jesus, e consagrara mais de 49 ao serviço de Portugal, tanto no Novo Mundo como na Europa.

\*

Eis-aqui o retrato que d'elle nos deu o padre Rodrigues, que teve a ventura de o conhecer em vida: «Malagrida era de estatura mediana; em seu rosto, onde transparecia uma nobre dignidade, lia-se a indole modesta e branda: ordinariamente estava pallido, mas se fallava das coisas de Deus, purpureavam-se-lhe as faces: brilhavam lhe então os olhos com umas scintillações de extraordinario fulgor: a testa era saliente, mas não larga: o nariz bem feito, os beiços rubros, os cabellos louros e barbas longas.

Todo o seu exterior respirava santidade, e ninguem que o visse deixaria de respeitá-lo e venerá-lo».

Quando a noticia d'este horrivel supplicio se divulgou na Europa, ergueu-se por toda a parte, contra o author de tamanha iniquidade, justa indignação.

Em Hespanha, tangeram os sinos durante muitos dias, em todas as casas da Companhia, para honrar aquella morte como se fosse a de um santo; mas em parte alguma teve Malagrida mais egregio elogio que no proprio centro do Catholicismo.

Quando o summo pontifice Clemente XIII soube as particularidades da sua morte, exclamou:

«A Egreja de Jesus Christo tem mais um martyr!» E, á sua vista, fez o Papa gravar um retrato de Malagrida com uma gloriosa inscripção, em que se diz que elle morrera pela justiça, e pela verdade.

---

## Cavallaria.

(Parley.)

.. Tanto os Reis como os Barões orgulhosos dos tempos feudaes praticarão muitas vezes actos inauditos de vingança e de injustiça.

Era, por exemplo, muito commum um poderoso Barão atacar inesperadamente outro mais fraco, tomar-lhe o castello, e matar o seu adversario ou encerral-o n'uma prisão; tambem acontecia um destes

fidalgos raptar a filha de um seu vizinho ou alguma princeza, e rete-la captiva no castello.

Actos dessa natureza erão reprovados mesmo naquelles tempos barbaros e rudes, e muitas vezes um bravo guerreiro, um *Cavalleiro*, como lhe chamavão, tomava á sua conta o desaggravo de taes offensas.

Nesse caso ia desafiar o Barão, autor da injustiça, e exigia delle, que ou reparasse a injuria feita ou viesse bater-se em duello com o deffensor da parte offendida.

O povo applaudia os *Cavalleiros* e animava-os a perseverarem nestes actos de coragem a favor da justiça e dos direitos dos opprimidos. Tambem o numero delles cresceu gradualmente até á época das *cruzadas*.

As cruzadas derão grande desenvolvimento á Cavallaria, a que transformárão n'uma associação essencialmente christã, cujos caracteres principaes erão o valor guerreiro, a piedade, a generosidade, o amor e os bons costumes.

A cuitura da poesia e das lettras, que desenvolveu nos seculos XII e XIII as linguas modernas da Europa, accresceu á essas virtudes primitivas, primeiro na Provença, onde apparecêrão os *trovadores*, e depois na Allemanha, patria dos *bardos* chamados *Minnesaenger*.

Estabelecida pois e regulada por este modo a Ca-

vallaria, erão considerados os membros dessa associação, como que ligados por votos religiosos, a dedicarem-se, corpo e alma, á causa da justiça e da humanidade.

Se alguém era offendido injustamente, julgavão-se elles obrigados a desagraval-o, e se qualquer pessoa se achava em perigo, era do seu dever arriscar a propria vida para salvar o seu proximo.

Exigia-se alem disso dos Cavalleiros, que nunca faltassem á verdade nem á sua palavra, que fossem sempre generosos e valentes, e que jámais manchassem a sua honra por algum acto vil e indecoroso.

N'uma palavra, esperava-se delles uma dedicação inteira á causa da humanidade e uma firme resolução de impedir ou vingar, por todos os meios possiveis, as injustiças e violencias, que caracterisavão o tempo em que vivião.

---

## Cavalleiros andantes.

(Parley).

Muitos destes cavalleiros occupavão-se em percorrer a cavallo todo o paiz buscando aventuras: cha-

mavão-se por isso *Cavalleiros andantes*. Quando nas suas perigrinações se lhes fallava d'alguma pessoa que estava em apuros, era do seu dever ir offerecer logo os seus serviços ao infeliz que delles precisava, e procurar alivia-lo e soccorrê-lo.

Defendião elles sobretudo a causa das *Damas* raptadas e retidas nos castellos, e praticavão muitas vezes actos admiraveis de coragem a favor destas infelizes prisioneiras. Não se pôde negar que muitas das suas acções forão pouco louvaveis; porém em taes occasiões violavão abertamente os seus votos.

Se acontecia, por acaso, que um Cavaileiro se encontrasse com outro, travavão de ordinario combate, ou por mero passatempo, ou para adquerir fama; e com effeito alguns delles conseguirão tal nome, que os poetas celebravão em canticos as façanhas destes heróes.

Possuião geralmente bons e formosos cavallos, sendo alguns destes nobres animaes quasi tão famosos nas lendas e narrativas da Cavallaria como os proprios cavalleiros. Estes andavão sempre armados de ponto em branco; as suas armas principaes erão uma lança comprida e pontuda, uma boa espada, um punhal, uma machadinha e uma cachamorra ou pão curto, pesado e grosso.

Além destas armas offensivas, usavão ainda outras defensivas; destas as mais essenciaes erão um

grande escudo de metal, um elmo de aço com uma viseira para cobrir o rosto, um arnez ou peito d'aço e uma cota de malha, composta de anneis de ferro entretecidos; um manto comprido e fluctuante, que descia até aos calcanhares, cobria-lhes o corpo inteiro.

O cavallo tambem andava revestido d'uma saia de malha ou de chapas de aço, e trazia a cabeça, o peito e as ilhargas, tudo coberto de ferro polido e luzente.

Os Cavalleiros esmeravão se no ensino dos seus ginetes, e na escolha das suas armas, as quaes conservarão sempre limpas, brilhantes e em bom estado.

Prestavão alem disso toda a sua attenção aos exercicios diarios, não só para conservar a saude e augmentar as forças, mas tambem para se aperfeiçoar pela pratica no manejo das armas.

Andavão sempre acompanhados de um ou mais escudeiros, que lhes levavão o escudo; estes serventes não erão meros criados, mais sim considerados como discipulos aspirantes á Cavallaria.

A medida que esta instituição augmentava em importancia e consideração, o numero dos candidatos a essa dignidade tambem crescia; é por isso que quasi todos os reis, principes e chefes militares pronunciamão os votos deêssa ordem.

Guilherme Tell. Independencia da Suissa.

BIBLIOTHECA PUBLICA  
(Parley) do  
ESTADO DO MARANHÃO

Quando Alberto I, subio ao throno imperial em 1298, quiz estender a dominação austriaca sobre a Suissa e procedeu como um verdadeiro tyranno, mandando-lhe governadores peiores do que elle proprio.

Apenas chegados á Suissa, começaram logo a opprimir o povo, principalmente o das cidades livres. Então tres homens, Werner, Walter e Arnoldo organisarão uma conjuração para salvar a patria.

Reunirão-se de noite, com outros patriotas, n'um prado chamado Ruetli, junto ao lago dos quatro cantões, e deliberarão sobre as medidas a empregar para derribar os tyrannos.

Mas, enquanto elles conspiravão, Gessler, então governador, mandou collocar seu chapéo na ponta de uma comprida vara e erigir este emblema da casa d'Austria n'uma das praças publicas de Altdorf, exigindo que, todos os que passassem, saudassem esse symbolo offensivo.

Passou por acaso um montanhez, chamado Gui-

lherme Tell, e recusou tirar o barrete, como lh'o ordenava o archeiro que vigiava a vara. Os guardas prenderão-no e o levarão á presença do governador, o qual condemnou-o, contra todas as leis do paiz, a ser encarcerado

Mas, diz a lenda, tendo ouvido que Tell era um dos melhores atiradores da Suissa, prometeu-lhe a liberdade, sob a condição de que este lhe daria uma prova da sua habilidade: devia o prisioneiro comprometter-se a atirar, a cem passos de distancia, sobre uma maçã posta na cabeça de seu filho, e tocá-la sem ferir a criança.

Tell conjurou ao governador que o dispensasse dessa prova terrivel, mas este insistio e afinal o pobre montanhez vio-se obrigado a obedecer ao mandado do tyranno. Tirou da aljava duas settas, metteu uma na cinta e a outra no arco da bésta, apontou e partio a maçã ao meio, sem tocar em um cabello de seu querido filho.

O governador mostrou-se satisfeito e deu os seus parabens ao atrevido caçador. Mas, antes de o mandar soltar, perguntou-lhe porque tinha tirado duas settas do carcaz. «*Com a segunda setta, lhe respondeu Tell «te houvera traspassado o coração, se tivesse morto meu filho. E dou-te a minha palavra, que esse alvo, não o teria errado!»*

O governador, em vez de cumprir a sua promessa,

não deu a liberdade a Tell; pelo contrario mandou-o carregar de ferros e metter n'um barco. onde elle mesmo entrou para atravessar o lago com o seu prisioneiro. O castello do despota estava situado na margem opposta, e lá o triste pai devia expiar n'um carcere subterraneo a franqueza rude com que tinha fallado ao governador imperial.

Embarcarão e forão até ao meio do lago. Alli uma tempestade horrivel levantou-se e ameaçou a vida de todos os que ião na pequena lancha. O unico que podia salva-los era Tell, tão bom piloto como atirador; mas elle estava algemado. O governador mandou que o soltassem e lhe confiassem a direcção do barco, promttendo-lhe outra vez a liberdade, logo que chegasse á terra; Tell pegou no leme e em poucos minutos a embarcação estava perto de uma proeminencia do lago.

De repente o improvisado piloto levantou-se, agarriou a sua bêsta e o carcaz, saltou fóra do barco. e dando-lhe um forte empurrão, que o lançou outra vez nas ondas irritadas, tocou felizmente com o outro pé n'um rochedo que avançava no lago. Depois fugio para as montanhas, deixando o governador entregue ao furor das ondas.

Este lutou ainda algum tempo com a tempestade, que pouco a pouco abrandando lhe permittio afinal desembarcar. Tell tinha observado todos os movi-

mentos da lancha, e, vendo o governador em terra, julgou, que elle o mandaria de certo prender outra vez. Resolveu por conseguinte anticipa-lo; escondeu-se n'uma quebrada, por onde o governador havia de passar, e, no momento em que este ia entrar nella, atirou-lhe uma setta que lhe atravessou o coração.

A morte do tyranno apressou a revolução organizada no Ruetli, e esta rebentou em 1.º de janeiro de 1308. Quasi todo o povo pegou em armas: os governadores forão mortos ou exilados, os seus castellos arrazados e ficarão só umas ruinas, para indicar que alli tinhão estado «os ninhos da tyrannia.»

---

## Vesperas da sacrilega invasão de Roma (1870). (1)

Victor Emanoel, rei do Piemonte, escreveu em 8 de Setembro de 1870, uma carta hypocrita ao Santo

---

(1) Vamos aqui dar em resumo as bellas e tocantes paginas da ultima parte da—*Vida de Pio IX*—, por Villefranche. São paginas de grande importancia historica pela grandesa dos acontecimentos e cunho de actualidade.

Padre o Papa Pio IX, induzindo-o a entregar-lhe Roma e os Estados Pontificios para formar de toda a Italia um só reino.

Foi portador o conde Pozza de S. Martino.

A audacia de Victor Emanuel era grande e sem qualificação exigindo do soberano Pontifice a renuncia de um direito tantas vezes secular e ligado, não á pessoa de Pio IX, mas á Santa Sé apostolica.

A 11 de Setembro, Pio IX mandou entregar a M. Pozza a seguinte resposta á Victor Emanuel:

*Senhor.*

*«O conde de Pozza de San-Martino entregou-me a carta que aprouve a V. Magestade dirigir-me, mas ella não é digna de um filho affectuoso, que se gloria de professar a fé catholica e se honra de possuir uma lealdade real.*

*Não entro nas suas minuciosidades para não renovar a dor que a primeira leitura me causou Louvo a Deus que permittiu que V. Magestade accumulasse de amargura o ultimo periodo da minha existencia.*

*De resto não posso admittir os rogos que me faz, nem alliar-me aos principios que a sua carta expõe. Invoco novamente a Deus, e entrego em suas mãos a minha causa, a qual é exactamente a sua. Supplico-lhe que conceda abundantes graças a V. Magestade, livrando-o de todos os perigos, e concedendo-lhe todos os beneficios de que carece».*

Victor Emanuel não tivera a paciência de esperar a resposta de Pio IX, para o tratar como inimigo.

À 11 de Setembro, por ordem sua, o território pontifical foi invadido por trez lados...

Os invasores formavam no total 60:000 homens.

Na manhã de 13 de Setembro, o rei, em armas, fez uma proclamação annunciando aos cidadãos que Roma estava sitiada, dando-lhes conhecimento d'este novo attentado de um rei que se dizia catholico, e convidando-os a ficarem tranquilos em suas casas para não dar pretextos aos perturbadores da ordem publica.

---

### O exercito piemontez ás portas de Roma.

A' 19 de Setembro, sessenta mil italianos achavam-se reunidos debaixo das muralhas de Roma e intimavam-na a render-se.

*«Se não podemos impedir ao salteador a entrada» — disse Pio IX, — «que pelo menos se prove que entrou pela força».*

Os pontificios, em numero de dez mil, disposeram-se para uma vigorosa resistencia.

O general em chefe dos italianos era o renegado Cadorna, o qual tinha mandado distribuir secretamente armas na cidade, fazendo tambem promessas de dinheiro, e contando por isso com um levantamento geral.

Vendo que nada transpirava, e que não podera obter nem do governo pontificio, nem do proprio Pio IX, que renunciassem a uma resistencia impossivel, Cadorna resolveu dar o ataque na seguinte manhã, 20 de Setembro, ao romper da aurora.

\*

Chegando esta noticia ao conhecimento de Pio IX, dirigiu este ao general Kanzler, commandante em chefe de seu pequeno exercito, a seguinte carta, que os soldados não conheceram senão passados alguns dias.

*«Sr. general. Agora, quando se vae consummar um grande sacrilegio e a mais enorme injustiça, agora que as tropas de um rei catholico, sem provocação, sem motivo apparente, cercam a capital do mundo catholico, sinto, em primeiro lugar, a necessidade de lhe agradecer, assim como a seus soldados, o generoso comportamento que teem tido, e bem assim a affeição de que teem dado provas á Santa Sé, dedicando-se inteiramente a defeza d'esta metropole.*

*«Que estas linhas se conservem como um documento solemne para certificar a disciplina, a lealdade e o*

valor dos soldados que estão ao serviço de nossa Santa Sé.

«Quanto a prolongação da defesa, é meu dever ordenar que consista unicamente n'um protesto, em que se registre a violencia, e mais nada: isto importa o mesmo que dizer que logo que uma brecha seja aberta se dará começo ás negociações para a entrega da cidade.

«No momento em que a Europa inteira lamenta as numerosisimas victimas de uma guerra entre duas poderosas nações (1), jamais se dirá que o Vigario de Jesus Christo, posto que aggreddido, consentisse no derramamento de sangue. A nossa causa é a causa de Deus, e nelle depositamos toda confiança.

«De todo o coração o abençoó, sr. general, e a todos os seus soldados».

Depois de ter d'este modo cumprido o que julgava seu dever de soberano, Pio IX foi orar na basilica de Latrão, e de lá á capella da *Escada Santa*, onde se conserva a escadaria que Jesus Christo subiu em casa de Pilatos. E, apesar de sua idade, quiz subir de joelhos os cento e vinte degráos consagrados pela paixão do Senhor.

Chegando ao cimo prostou-se diante da capella das reliquias, exclamando com a voz tremula pelo

---

(1) A guerra entre a França e a Allemanha.

pranto, mas ainda assim bastante audível para que os assistentes não perdessem uma palavra:

«O tu grande Deus, meu Salvador, tu de quem sou o mais infimo servo e indignissimo representante e supremo distribuidor! supplico-te pelo precioso sangue derramado por teu divino filho n'estes mesmos lugares, pelos tormentos, pelos sacrificios de teu divino Filho, o qual voluntariamente subiu este mesmo oppobrioso caminho para se offerecer em holocausto diante da população, que o injuriava e pela qual ia morrer n'uma cruz infame; oh! eu t'ó supplico, tem compaixão de teu povo, de tua Igreja, da tua esposa muito amada: suspende tua ira, tua justa colera! Não permittas que mãos infamissimas venham manchar tua morada. Perdoa ao meu povo que é o teu; e, si é preciso uma victima, oh! meu Deus, toma o teu indigno servo, teu indigno representante! Não tenho vivido bastante?... Compaixão, meu Deus! Compaixão te supplico; e succeda o que succeder, que seja feita a tua santa vontade!»

\*

Uma commoção indizível se operou nos espectadores d'esta scena, e não foi menor quando, descendo da capella, Pio IX abrangendo com o olhar esta vasta campina, onde se descobriam estendidas ao longe as tendas do inimigo e seu numeroso exercito, lançando em seguida os olhos para o pequeno grupo

de soldados formados na praça de S. João de La-trão, disse ao tenente-coronel Charette, quando este lhe pedia que abençoasse os soldados: «*Meu Deus ! são poucos; quasi os não distingo !... mas faça-se a vontade do Senhor !*»

E abençoou-os.

\*

Os moradores d'este bairro, sabedores da presença do Papa, rodearam-lhe a carruagem, apertando-se em volta d'elle para o felicitarem com as repetidas acclamações de:—*Viva Pio IX!* acrescentando á esta filial familiaridade romana, os conselhos e as consolações:

«*Defendei-vos, Santo Padre, defendei-vos! coragem! coragem!*»

Depois de ter abençoado o povo, assim como abençoara seus soldados, Pio IX regressou ao Vaticano, no arrabalde da cidade Leonina.

Roma não devia tornar a vê-lo mais.

---

## 20 de Setembro de 1870. Roma assaltada.

Às cinco horas em ponto da manhã, Cadorna começou a atirar sobre Roma por cinco diversos pon-

tos: Em nenhuma parte, porém, seus soldados puderam abrir passagem.

Para dar uma idéa d'esses diversos ataques contaremos algumas peripecias do principal, que foi o da *porta Pia*.

Este lugar era um dos mais fracos do recinto. A muralha tinha quinze seculos, e no mesmo ponto onde a brecha foi aberta tinha sido antigamente retocada com ruim cal e alvenaria, tendo só dois pés de grossura.

Do lado dos italianos havia cincoenta e dois canhões raiados e duas divisões, contando com Cadorna e a reserva. Do lado dos pontificios havia uma companhia de infantaria, duas de zuavos e alguns artilheiros e gendarmes, prefazendo ao todo um regimento, e oito peças lizas.

O fogo dos piemontezes, convergindo para o ponto onde devia abrir brecha, *arrasou uus trinta metros de muralha*.

Apesar d'isto os zuavos não attentavam no perigo: a pé firme, collocados ao lado, faziam fogo assiduo e mortifero, mas, mortifero o sentião elles tambem. Outros, em quanto carregavam e descarregavam as armas, cantavam com sublime arrebatamento o *Hymno a Pio IX*. Julgando a *brecha* accessivel, Cadorna mandou arvorar o signal convencionado para fazer cessar o fogo da artilharia e começar o assalto.

Desembocando da villa Patrizi, o 39 de infantaria piemonteza, sustentado pelo 35 de *bersagliéri* e numerosos atiradores, avançou para a *brecha*.

Foi porém recebido por um fogo bem sustentado, que o fez hesitar. Os tenentes coroneis Giolotti, Paggiari e outros officiaes cahem successivamente nas fileiras piemontezas atirando-se para a frente e esforçando-se para arrastar seus soldados.

Os piemontezes recuam.

Então os zuavos, a pé quedo e sustentando o fogo, saudam esse movimento com um prolongado: «*Viva Pio IX!*». O inimigo responde: «*Viva Saboia!* e volta à carga.

Os zuavos arrancam das bayonetas.

\*

N'este instante chega o capitão França agitando uma bandeira branca e bradando: «*Cesse o fogo, aqui está a ordem assignada pelo general*».

Os zuavos olham uns para os outros, sombrios e carregados, alguns chorando de raiva: mas obedecem. O tenente Mauduit toma a bandeira branca e vai arvorá-la sobre a *brecha*.

Eram dez horas e dez minutos.

Todavia, nem a bandeira que Mauduit agita, nem o silencio das espingardas pontificias, nem o toque de seus clarins sustem os assaltantes.

Estes tomam a *brecha* que lhes não é disputada, e

atiram-se á bayoneta sobre os zuavos. que a pé firme não respondem a seus golpes.

Os piemontezes chamam-lhes cobardes, arrancam-lhes as armas, lançam por terra os officiaes de cavallaria e apossam-se dos animaes.

Dois zuavos foram mortos na fileira dentro da muralha. Um official de *bersaglieri* atirou a queima roupa sobre o tenentè Kerchove, mas não acertou.

Outro official arremessou-se de revolver em punho sobre o capitão Couessin, arrancando-lhe as condecorações.

Depois d'isto, quando uma especie de ordem foi estabelecida os piemontezes, recuando dez passos, intimaram os pontificios a depor as armas.

Visto haver a prohibição de fazer fogo, não havia remedio senão entregarem-se.

Submetteram-se, e começaram então os ultrajes, menos desculpaveis ainda por serem dirigidos a prisioneiros desarmados.

O general Kanzler conferenciou no mesmo dia com Cadorna na villa Albani.

Foi preciso soffrer todas as exigencias do mais forte, e a seguinte convenção foi ducidida e assignada . . . . .

## O Papa durante o assalto de Roma.

O Papa tinha ordenado que o acordassem quando começasse o ataque. A precaução foi inútil, e os primeiros tiros de peça acharão-no a pé.

Muitos cardeaes, os chefes das ordens religiosas, camaristas, muitos prelados e nobres romanos se tinham apressado em correr para seu lado.

Os diplomatas estrangeiros também se apresentaram, segundo o desejo do Papa, e afora M. Arnim, embaixador da Prussia, que visivelmente tomara o partido contrario, todos tomaram como um dever assistir á missa dita pelo Santo Padre, ás sete horas e meia, segundo seu costume.

O troar dos canhões confundia-se com as palavras do santo sacrificio, e parecia ás vezes que se alternavam com as invocações das Itanias da Virgem, que entoavam os cardeaes.

Depois da missa, o Papa ainda ouviu segunda com grande serenidade exterior.

Mas, como observa o conde de Beaufort na sua narração, quem sabe as agonias que deviam agitar-se no intimo de seu coração! Não podia elle dizer,

como seu divino Mestre: «Minha alma é triste até a morte?»

Tendo terminado, pouco antes das nove horas, as suas orações, o Soberano Pontífice mandou introduzir em seu gabinete de trabalho, sala muito grande que deitava para a praça de S. Pedro, os membros do corpo diplomatico, os quaes eram dezeseite, contando M. Arnim, o qual se decidira a ir tomar seu logar.

Quando estavam todos reunidos, Pio IX entrou.

A habitual serenidade de sua phisionomia estava um pouco mudada n'uma gravidade melancolica, e a impressão que produziu sua presença foi singularmente profunda e commovente.

O Papa dirigiu algumas palavras benevolas a cada um dos presentes; depois sentou-se, mandou-os sentar e dirigiu-lhes, mais debaixo da forma de uma conversação do que de um discurso, algumas palavras nobilissimas e tocantes.

A voz do augusto ancião elevava-se vagarosa, solemne, commovida e algumas vezes cortada por longos silencios.

O rebombar das peças italianas como que pontuavam cada uma de suas phrazes. Os olhos voltavam-se involuntariamente para o lado do estrondo.

Viam-se então pelas ja nellas cahir as granadas na cidade e por pouco que se curvassem, distinguia-se

ondeando aqui e alem por cima das casas o fumo dos incendios causados pelos projectis inimigos.

O Papa começou recordando identicos acontecimentos: «O corpo diplomatico, disse elle, ja uma vez se reunio ao meu lado assistindo-me na hora da tribulação. Foi em 1848. . .

«Escrevi ao rei, mas não sei se recebeu a minha carta e mesmo pouco espero della. . .

«Os seminaristas americanos, continuou elle, pediram-me authorisação para pegar em armas.

«Agradei-lhes, e respondi que se juntassem aos que tratam dos feridos.

«Hontem, quando voltava da Escada-Santa, vi todas as bandeiras dos corpos que estão em Roma para a auxiliar.

Ha inglezas, americanas, allemãs, e mesmo turcas. Quando voltei de Gaeta, Roma estava da mesma sorte provida, por meu respeito. Hoje è differente. . . Senhores, eu queria poder dizer-vos como antigamente, que conto comvosco, e que um de vós terá a honra de livrar a Igreja e seu chefe da tribulação.

Os tempos estão mudados. O pobre e velho Papa não conta ja com ninguem neste mundo; mas a Igreja é immortal, Senhores, não o esqueçaes ! . . .

## Pio IX depois da invasão.

Logo que pelas nove e meia da manhã um official do estado maior do general Kanzler levou a noticia de que a *brecha* estava aberta e o assalto eminente, os diplomatas afastaram-se para deixar Pio IX conferenciar com o cardeal Antonelli.

Ao cabo de alguns instantes, o Papa mandou-os chamar e disse-lhes com voz amargurada:

*«Acabo de ordenar a capitulação. Poderiam deffender-se ainda; mas isso de que serve? Abandonados por todos, cedo ou tarde terão de succumbir, e eu não deço deixar derramar sangue inutilmente.*

*Sois testemunhas, senhores que o inimigo entra aqui peia violencia, que me força as portas: isto basta; o mundo o saberá e a historia o narrará um dia para desencargo dos romanos, meus filhos...*

*Não vos fallo de mim, senhores, não é sobre mim que choro, mas por esses pobres mancebos que vieram defender-me como se fosse seu pai: (1)*

*Cada um de vós tomará conta dos de sua nação.*

*Aqui eristem de toda a parte...*

---

(1) Pio IX refere-se aos nobres soldados de diferentes nações que achavão-se á seu serviço.

*Eu vol os recomendo, pedindo que os livres dos maus tratamentos que, ha dez annos, aqui outros soffreram...*

*Emfim rogo a Deus me dê força e coragem.*

*Ah! não são os que padecem as injustiças que mais são para lastimar!...*

Depois d'isto despedio o corpo diplomatico, com os olhos razos d'agua.

Achando-se sosinho, depois de ter cumprido seus deveres de pai, não esqueceu os de soberano.

Na mesma tarde, por sua ordem, uma circular do cardeal Antonelli levou a todos os governos das nações civilisadas o brado dos violentados, e da justiça opprimida.

Pio IX tambem protestou contra os invasores, n'uma allocução aos cardeaes. Mas a prudencia e o receio abafou todos os echos.

Esta hora era muito semelhante a da Paixão: era a hora do poder das trevas.

---

## Crueldades dos invasores.

Neste meio tempo, Roma estava entregue á população cosmopolita que entrara em seguida á invasão...

Quatro a cinco mil aventureiros, fugidos á justiça, recrutados em toda a Italia para representarem o povo romano e acclamarem o invasor á chegada, não conseguirão entrar a tempo na cidade.

Vagabundeando apoz dos Piemontezes, morreriam de fome si o cerco se prolongasse mais.

Feita a capitulação entraram de chofre atraz dos soldados, vociferando as acclamações que lhes ensinaram a representar.

Os carceres, que foram abertos, engrossaram estes bandos.

Houve saques durante dois dias.

Houve casas incendiadas, e soldados romanos que reconhecidos nas ruas foram assassinados ou afogados.

.....  
O numero das victimas isoladas, que seria longo enumerar, attingiu, dizem, a oitenta.

Certos officiaes piemontezes não se envergonharam de entregar aos fascinoras, que se appellidavam *vingadores de Mentana*, um official de zuavos prisioneiro, o capitão Couessin, o qual foi coberto de murros, de bofetadas e escarros.

A outro zuavo, vazaram os olhos, queimando-lh'os com o fogo de um cigarro, mas este não tinha sido entregue pelos piemontezes.

Lancemos um veo espesso sobre estes horrores.

## Partida dos soldados de Pio IX.

Chegara enfim a hora da partida dos prisioneiros. Os zuavos foram os derradeiros que ficaram formados na praça de S. Pedro, depois de terem desfilado as outras tropas pela *porta Angelica*.

O coronel Alet mandou formar quadrado, fez apresentar as armas e erguendo a espada bradou: «*Viva Pio IX, Pontifice e Rei !*» Este grito, repetido por todas as vozes, attrahiu o Papa á janella de seu quarto, que elle mesmo abriu, apresentando-se rodeado de alguns padres.

De pé, com os braços estendidos como para apertar ao seio todos os seus filhos, e com a veneravel e encanecida cabeça levantada para o céo, abriu as mãos e pronunciou as solemnes palavras da benção: *Benedictio Dei Omnipotentis*

*Viva Pio IX!* repetiram todos os soldados com indizivel transporte.

E tanto os dragões como os artilheiros descarregaram as espingardas como uma derradeira salva de honra.

Os kepis agitaram-se no ar: uns apresentavam as armas, outros levantavam-n'as nervosamente: todos

os olhos estavam marejados de prantos, e os soluços cortavam as vozes, confundindo-se com o grito de: *Viva Pio IX!* que se elevava cada vez mais.

Tanto a multidão que estacionava na praça, como os espectadores que se achavam nas janellas acenando com os lenços, todos estavam commovidos, e repetia o mesmo grito: *Viva Pio IX!*

Pelo seu lado, o venerando ancião, causa de tal entusiasmo, sentia que era demasiado o abalo para seu coração.

As ultimas palavras da benção foram abafadas n'um soluço.

Depois, levantou ainda os braços ao céu e cahiu para traz quasi desfallecido nos braços dos que o rodeavam.

Reanimado d'esta commoção, afastou-se sósinho para os salões de Raphael, percorrendo-os a largos passos.

Ahi foram introduzidos o general Kanzler, M<sup>me</sup>. Kanzler e o Revd. Padre Vannutelli.

Encontraram-o caminhando silenciosamente, com a cabeça inclinada.

.....

Antes de depôr as armas, os soldados romanos desfilaram á porta de S. Pancraccio diante de toda a força italiana. Achava-se alli todo o estado maior do exercito. . .

Apezar das falsidades diplomaticas da França official, o batalhão dos zuavos pontificios queria retirar-se para esse paiz.

Não podendo já defender a Igreja, queria ao menos collocar-se ao serviço de sua filha primogenita, então abandonada por todo o mundo (1)

Mas o governo italiano que queria lisongear a Prussia victoriosa, não consentia.

Mandou transportal-os cuidadosamente, e não sem os ter primeiro coberto de ultrages e exposto em toda a extensão do caminho aos insultos da população: os zuavos hollandezes para Hollanda, os belgas para a Belgica, e os suissos para a Suissa.

Sómente a uns seiscentos francezes foi permittido entrar em França.

---

## Sacrilegios sobre sacrilegios.

«...O tempo que decorreu após este triste desenlace foi para Pio IX, periodo de continuos soffrimentos

---

(1) A França, chamada a filha *primogenita* da Igreja, achava-se então empenhada em terrivel guerra com a Prussia.

da parte dos inimigos, embora tambem fosse de repetidas consolações da parte dos fieis

Os piemontezes, que se arremessarão obre Roma como aves de rapina, prepararão-lhe diariamente novos motivos de tribulação.

O Santo Padre teve que ver a cidade dos Papas violada por um exercito de abutres, espoliados os estabelecimentos ecclesiasticos, os claustros e as fundações catholicas». (*Blhum*)

O governo começou a annexar activamente quando os particulares se tinhão farto.

Nem os palacios que tinhão bastado ao esplendor dos Papas e de sua còrte, nem os quarteis com que se tinha contentado o tão apregoado despotismo sacerdotal, forão bastante espaçosos para o regimen da simplicidade revolucionaria e da liberdade.

Foi necessario, logo no começo, cinco ou seis quarteis novos e o dobro dos palacios para acomodar o Parlamento, transferido de Florença para Roma, e para as administrações augmentadas.

Foi preciso mais casas para o rei; casa para as cavallariças reaes, e casa para as equipagens de caça do soberano.

Expropriarão-se os conventos, arrebatarão-se igrejas ao culto divino, chegarão até a apossar-se dos hospitaes. . .

Victor Emmanuel apossou-se do grande palacio do Quirinal, propriedade dos Papas: todavia parece que hesitou muito tempo antes de ousar habital-o, notando-se mesmo que nunca alli fez grande assistencia.

Sentia-se constrangido dentro d'estas paredes, talvez por um resto de pudor, ou porque comprehendia instinctivamente que a satisfação de suas ambições ia privar-o desde então dos auxilios que lhe tinham dado força...

Informado de que Victor Emmanuel concebera a audaciosa pretensão de fazer celebrar os Santos officios na capella do Quirinal, o Papa impoz interdicto n'esta capella, prohibindo que alli se dissesse missa para ser assistida pela côrte usurpadora...

... Victor Emmanuel não conhecia outras distrações reaes senão as da caça ou os prazeres licenciosos a que se entregou toda a sua vida.

Todavia, por pouco affeioado que se mostrasse ás artes seu filho mais velho e presumptivo herdeiro, o principe Humberto (1), era ainda menos, e sua nora, a princeza Margarida, parece mesmo que tomou a peito desprezar publicamente todas as conveniencias e provocar a aversão dos romanos.

---

(1) Actualmente rei d'Italia.

Logo que chegou ao Quirinal, escolheu esta princeza para seu aposento o mesmo quarto do soberano Pontifice, e foi tambem ella que quiz que a sala dos *conclaves* se transformasse em salão de baile, dançando alli noites inteiras, e isto no dia immediato, por assim dizer da morte de seus parentes.

Foi tambem esta princeza que patrocinou as novas escolas protestantes e assistiu á demolição da cruz que se elevava no meio do Colyseu, assim como á demolição das estações do caminho da cruz erigidas sobre esse terreno impregnado de sangue de milhares de martyres, sob o pretexto de rebuscar objectos d'arte . . .

Não era todavia o amor da sciencia que impulsava aquelles barbaros. Tratavão mais era de descatolisar Roma.

D'isto não se pôde duvidar quando se viu que da mesma forma fazião desapparecer a cruz do cimo do capitolio, e dos obeliscos; depois fechar, depois destruir a antiga capella edificada no alto da prisão Mamertina, prisão consagrada pelo captiveiro de S. Pedro e S. Paulo.

Estes sacrilegios e usurpações durarão em quanto viveu Pio IX e continuão ainda sob o pontificado de Leão XIII, que conserva-se prisioneiro no Vaticano

## Christovão Colombo.

### **Descoberta da America.**

(Padre R. A. da Fonseca).

Vou dar-vos para ler a vida de um dos maiores homens do mundo, verdadeiro eleito da Providencia e a quem nós americanos devemos nossos corações: Christovão Colombo.

Em 1435 nasceu em Genova tão preclaro varão e forão seus progenitores, Domingos Colombo e Suzana Colombo.

Na idade de 9 annos enviarão-no a Pavia a fim de fazer alguns estudos, mas pouco se demorou alli, pois que aos 14 annos já se achava embarcado.

Tinha Colombo a mais decidida vocação para a vida nautica e uma vez embarcado, assentou não abandonar-a.

Intelligente, activo, denodado, amestrava-se navegando no Mediterraneo, como para ensaiar as azas tão arrojadas, que darião o altaneiro vôo d'aguia a travéz do Mar tenebroso.

Cruzando um dia ás plagas portuguezas encontrou-

se com um corsario veneziano, que lhe offereceu combate.

Foi sangrenta a luta. O joven maritimo, para que não lhe fugisse o inimigo atracou seu navio com fortes ancoras, mas incendiando-se este, em breve as chammas vorazes envolverão ambos.

Colombo que dispunha de formas athleticas, habil nadador, atirou-se ao mar como unico recurso, e conseguiu alcançar as plagas lisbonenses.

\*

Então vivia em Portugal seu irmão Bartholomeu Colombo, que occupava-se em trabalhos cosmographicos, o qual extremecidamente acolheu o irmão naufragado.

Em Lisbôa casou-se com D. Felippa Perestrello, filha do famoso piloto Bartholomeu Perestrello.

Alli elle meditou, educou e remoeo a grandiosa idéa de buscar novas terras e caminho mais curto para as Indias Orientaes.

---

Colombo e seu projecto. O  
Padre Perez. A Rainha  
Isabel, Difficuldades.

Attingindo a idade de 40 annos resolveu Colombo

dar começo á grandiosa empresa da descoberta d'um novo mundo.

Em primeiro lugar offereceu-se a Genova e Veneza por pertencerem a sua terra natal, depois a Portugal por ter ahí laços de familia: mas todos o regeitarão tendo-o como *visionario*.

Colombo sympathisava com a Hespanha e por isto entendeu dever offerecer-lhe a empresa.

Este reino então lutava com a formidavel guerra dos mouros, senhores de Granada.

Isabel, porem, que empunhava o sceptro hespanhol, muito sympathisou com as ideias de Colombo e prometteo attendel-o, opportunamente

Entretanto D. Fernando, seu esposo, a nobresa e cõrte erão abertamente contra a expedição.

O plano de Colombo, por consequencia, foi sujeito ao sensato exame de uma commissão de sabios, que discordando das theorias do Genovez propunhão-lhe gravissimas objecções, ás quaes respondia elle com admiravel mestria e lucidez.

Oito annos passarão-se nestas lutas e discussões, que trouxerão ao futuro descobridor d'America muitos dissabores; até que rendendo-se Granada lusio-lhe n'alma um raio de esperanza.

Nada obstante tão venturoso acontecimento havia ainda grave difficuldade a superar: os cofres publicos

estavão exauridos. Isabel desejava favorecer a empresa, mas não tinha recursos.

\*

Seria demasiada ingratidão esquecer aqui o sympathico nome do padre Perez, guardião do pequeno mosteiro da Rabida, em Palos e onde primeiro se hospedara o Genovez chegando a Hespanha.

Este padre, dispondo de conhecimentos, bom nome e muita influencia na cõrte, tomou o mais vivo interesse por elle.

E um dia, depois de conferenciar com a Rainha, em favor do amigo, e encontrando serios embaraços, recolheu-se a capella real, fechou as portas e entregou-se ás mais fervorosas supplicas, pedindo a Deus illuminasse e inclinasse benevolmente o coração da imperante.

Neste momento dois amigos de Christovão fazião novos pedidos em favor da empresa. Subitamente inflammam-se. agita-se Isabel e diz que vai tomar a responsabilidade da expedição, nada obstante a geral opposição.

E como não houvesse dinheiro, a magnanima Rainha offereceo suas joias para serem empenhadas ou vendidas: tão sublime rasgo fez derramar lagrimas.

O quadro era imponente: d'um lado os dous amigos de Colombo agradecidos beijavão de joelhos as

mãos de Isabel e no fundo da capella estava Perez curvado com a fronte por terra !

Convindo as partes entre si foi o grande homem nomeado *Almirante do oceano e Vice-Rei das terras que descobrisse*.

\*

Vencidos estes primeiros embaraços e expedidas ordens para arrolamento de tripolação e aprestos da flotilha, recusarão-se os habitantes de Palos, e os mais experimentados marinheiros, sabendo a direcção da viagem, negarão-se a acompanhar Colombo.

Segundo as ideas e ignorancia da epocha denominavão o Atlantico: *Mar tenebroso*, por suporem-no sepultado em noite eterna e povoado de monstros marinhos como a ave Rok.

Foi no meio destes embaraços que assomou o imponente vulto do padre Perez, fallando, pregando nas praias e mostrando ao povo quam infundadas eram taes idéas.

Sua palavra magistral, os titanicos esforços do Almirante e a coragem dos irmãos Pinzões, intrepidos maritimos, que acompanharão ao grande expedicionario desfizerão as patranhas do Mar Tenebroso.

BIBLIOTHECA PUBLICA  
Partida de Colombo.  
ESTADO DO MARANHÃO

Tudo estava preparado. Chegou a vespera da partida: o Almirante reuniu as tripulações, fallou-lhes mostrando a grandeza da expedição e a necessidade de entregarem-se religiosa e completamente á protecção divina.

Todos dormirão embarcados, excepto o Almirante que passou a noite orando, na capella do convento da Rabida.....

.....Soarão 3 horas do dia 3 de agosto de 1492. Siciavão as cumiadas dos pinheiros da montanha, onde ostentava-se o pequeno mosteiro. As brisas de terra aveludavão os sandalos da collina e debruçavam os fustes dos pinheiros sobre as torres da ermida.....

Tudo repousava no silencio do somno, mas o ouvido de Colombo, affeito a navegação annunciou-lhe ser chegada a hora suprema da partida.

Ergue-se; bate á cella do padre Perez; vão a capella; reveste se o sacerdote e offerece o Sacrificio em uma intenção inteiramente nova: a descoberta do *Novo Mundo*.

Dirigirão-se depois á praia; dá o Almirante o signal convencionado; começa o movimento: silvão os api-

tos, rangem os carriteis, entesão-se as cordas, enfu-  
nãõ-so as vellas...

Os habitantes de Palos despertão, abrem-se janel-  
las e portas, brilhão centenas de luzes e como um  
sò grito reboa: *Partem! Eil-os que partem!*

Apinhão-se as praias; choram uns, suspirão outros  
e todos afflictos estremecem...

A flotilha composta de tres caravelas: *Santa Maria,*  
*Nina e Pinta,* se fazia ao largo...

---

## Travessia do Atlantico.

Logo que as tripolações perderão de vista a terra  
começaram a chorar e bater nos peitos dizendo o ul-  
timo adeus a patria, familia parentes e amigos.

Desde então forão constantes as lutas sustentadas  
pelo Almirante.

Pedidos para voltarem, instancias, rogos suppli-  
as, ameaças até a revolta aberta, tudo foi posto em  
pratica; e o que mais é, os mesmos intrepidos Pin-  
zões entrarão na conspiração!

Mas Colombo qual Moysés tinha na frente reflexos  
de grande eleito divino e bastava um gesto para im-

por. Sua palavra traspassava e amoldava os corações enfurecidos.

Um dia, porem, em que o mar appareceo coberto de hervas marinhas, forão geraes e freneticos os clamores, por supporem que as caravellas ficarião prezas nas hervas, donde sairião monstros para tragal-os

Colombo, a quem não faltavão recursos nas occasiões mais difficeis, tranquilisou-os dizendo que as hervas indicavão terra proxima.

\*

Depois de grandes perigos e martyros, assomou a tarde de 11 de outubro; deu-se o signal para a oração. . . . .

O ar estava sereno; apenas deslisavão-se ligeiras brisas docemente infunando as vellas. Nuvens avermelhadas reflectião-se na face das agoas apenas encrespadas.

Atufava-se o sol na cerulea amplidão e as tripolações ajoelhadas murmuravão as suas preces.

Concluido o acto ergueu-se o Almirante; como apossado de idéas inefaveis determinou colhessem os pannos e que dessem muitas graças á Deos, por serem chegados ao termo de seus trabalhos e fadigas.

## Terra! Terra! A America,

Veio a noite: ninguém dormio. Pelas 10 horas Colombo vio fraca luz bruxolear além, que em breve apagou-se. . . Escoavão-se as horas. . . embebião-se todos os olhares na immensa amplidão. . . quando subitamente fuzila um raio, rebomba uma peça: *Terra! Terra!* grita a tripolação da *Pinta*.

O Almirante antes de entregar-se aos transportes de alegria ajoelha-se, ergue as mãos e entôa o *Te-Deum laudamus*, a que os marinheiros, movidos por um mesmo sentimento, respondem com voz cheia e commovente. . .

Erão 2 horas da manhã de 12 de outubro de 1492. Estava descoberta a America.

\*

Ao luzirem os primeiros raios do sol, virão a verde-negra vegetação americana e as brisas trasião-lhes balsamicas lufadas.

A' primeira ilha deo Colombo o nome de S. Salvador, em homenagem ao Verbo Divino, do qual era elle fervoroso cultôr; a 2.<sup>a</sup> de Santa Maria, a 3.<sup>a</sup> Iza-bel e a 4.<sup>a</sup> Fernandina.

Os Indigenas encontrados erão selvagens, porem,

mais bem dispostos que os do nosso Brazil, quando descoberto por Cabral.

\*

Feitas algumas explorações, teve o Vice-Rei a infelicidade de perder uma das caravellas, pelo que deixou parte da tripolação em Haiti, formando pequena colonia.

---

## Regresso de Colombo á Europa.

Dadas as competentes determinações, voltou o Almirante carregado de mineraes, vegetaes, animaes e alguns Indios.

Grandes forão as tempestades que experimentarão n'esta viagem, e mais de uma vez se julgaram irremissivelmente perdidos.

Mas sempre amparados por Deus alcançarão o porto de Lisbôa, onde immediatamente ecoou a nova da assombrosa descoberta.

Tal foi a raiva dos anlicos que chegarão á propor á D. João I a morte de Colombo, o que o príncipe repellio dignamente.

Logo que divulgou-se o feliz regresso do inspirado navegante, não houve limites ao gaudio.

À todos se afigurava Colombo como um semi-deus; anciosamente desejavão contemplar essas produções do novo paiz, essa nova especie de homens; e quando chegou o dia em que o Almirante devia ir ao Paço, não houve lugar, que contivesse a multidão curiosa.

Apinhavão-se as portas, enchião-se as ruas, peijavão os largos e regorgitavão as salas do palazio real. Por toda a parte soavão os applausos triumphaes. . .

Colombo atravessou sem orgulho e vaidade esta scena: fez ao Rei sua narração singella e despida de aspirações fatuas.

---

## Segunda viagem de Colombo. Desgostos.

Immediatamente fizerão-se os preparos da segunda viagem, e d'esta vez era grande o numero dos que desejavão embarcar: uns por espirito de novidade, outros esperando auferir grandes thesouros, e todos venturas incalculaveis.

\*

Ao chegarem, porém, ao Haiti, onde ficara a pe-

quena colonia, encontrarão apenas restos humanos aqui e alli espalhados attestando a desventura dos colonos.

A causa fôra que, havendo-se elles desmandado, attrahirão a sanha dos Indios, que os destruirão completamente.

Para reparar estas e outras perdas foi necessario trabalhar muito e refrear os Hespanhóes, cujas tendencias erão os desmandos e violencias contra os naturaes.

D'ahi vierão os odios e revoltas contra Colombo e seus irmãos por quererem reprimir as injustiças.

Quasi todos os colonos se rebellarão e tomarão armas contra o Almirante, e só a protecção divina livrou-o da morte.

O Vice-Rei, alma grande e nobre, perdoou a muitos, que chegando a Hespanha tecerão acervos de calumnias: e não descansavão os gratuitos inimigos, em suas infernaes maquinações!

Sabendo que Isabel zelava a liberdade dos indios, a quem chamava filhos, affirmarão lhe que Colombo e alguns colonos seus adeptos erão acerrimos inimigos d'esses infelizes, escravizando-os cruelmente de commum accordo.

Isabel tendo illimitada confiança em Colombo não acreditou, e apenas mandou a um tal Bovadilha para inquerir sobre as revoltas e questões de Indigenas.

Bovadilha, instigado pelos inimigos do Almirante, chegando a colonia apossou-se da casa, roupas, dos moveis e até dos papeis particulares do Vice-Rei mandando carregal-o de ferros!

Mas ninguem ousou fazer tal crueldade e somente um cosinheiro do Almirante prestou-se rindo a tão iniqua execução.

Do mesmo modo os dois irmãos, Bartholomeo Colombo e Diogo Colombo, manietados forão barbaramente fechados no porão de um navio, que velejou para Hespanha.

---

### Colombo preso regressa á Europa.

Contão alguns historiadores que a rainha ao receber o grande descobridor da America não ponde conter as lagrimas, e deo ordens para lavrar-se a demissão de Bovadilha propondo-se á castigal-o.

Em seu lugar nomeou-se provisoriamente a Ovando, para governar a Colonia, enquanto serenavão-se os odios contra e Almirante.

Comtudo é certo que desgosto profundo invadio o coração da victima, que publicamente tomou o habito e cordão de S. Francisco.

Seo irmão Diogo Colombo ferido pelo mesmo golpe deixou todos os seus interesses e abraçou a vida sacerdotal.

---

### Terceira viagem de Colombo. Factos extraordinarios.

A 3.<sup>a</sup> e ultima viagem de Colombo é fecunda em extraordinarios acontecimentos.

Foi por esta occasião que chegando ás proximidades da Hispaniola (Haiti), mas não querendo que fosse sua presença causa de algum inconveniente, mandou pedir ao governader Ovando que o deixasse abrigar-se de uma tempestade eminente.

E vendo estar de sahida uma flotilha mandou dizer ao mesmo Ovando que demorasse-a porque dentro em 8 dias cahiria mui grande procella.

Ovando não só recusou o abrigo pedido, como á conselho de peritos nautas mandou sahir a flotilha.

Por alguns dias viajarão com bom vento, mas cessando este cahio o mais desenfreado temporal.

N'estes navios, alem d'outros, achava-se o celebre Bovadilha, algoz de Colombo.

Ahi tambem ião grandes riquezas, provenientes de roubo e sanguinarias violencias contra os indigenas.

Tudo isto, porem, foi tragado pelo mar, ao passo que as embarcações do Almirante apenas experimentarão algumas agitações mais violentas.

Este facto apresenta-nos traços tam luminosos que os mesmos espiritos fortes lhe concedem honras miraculosas

\*

D'ahi se dirigio Colombo para o Isthmo de Panamá, viajando sempre junto a terra.

Titanicas forão as lutas contra as correntes pelagicas e fortes tempestades, como jámais havião experimentado

Extenuados e sem esperanças de salvação entregárão-se a mercè das vagas, alteadas como grandes montanhas.

O Almirante morto de fadigas e atacado de rheumatismo muscular, permanecia deitado, sem poder levantar-se.

Um dia, porem, ouviu gritos tão agudos, ais tam pungentes que parecião despedaçar-lhe o coração. Aguilhoado pela agonia, fez esforço supremo, levantou-se e viu assombrosa tromba, que, redemoinhando em forma de X, vinha sobre os navios ameaçando engolir-os.

O mensageiro divino conheceu a eminencia do pe-

rigo; mandou accender velas bentas, astear o pavilhão, cingio o cordão de S. Francisco, sobre elle a espada, tomou o livro dos Evangelhos e de pé no tombadilho recitou em voz alta o Evangelho de S. João, que diz: *A principio era o Verbo, o Verbo estava em Deus e o Verbo era Deus.* . . . E tirando a espada fez tres cruces no ar, traçou um gyro, por onde immediatamente retrocendo a tromba desappareceo na immensidade.

\*

Já estando muito arruinadas as caravellas, mal poderão alcançar a Jamaica (ilha), donde o Almirante mandou á *Hespaniola* pedir auxilios para retirar-se, visto não ter um sò barco nem meios para fazel-o.

O escolhido para esta difficil, senão impossivel empresa. foi o prestimoso *Diogo Mendes*. Este homem intrepido fiado na palavra do Chefe, que disse-lhe: *Vai e chegarás em paz*, affrontou os maiores perigos, em pequena canôa, que mal prestava-se a pescaria costeira. . . . .

Em Hispaniola, *Ovando*, maliciosamente pretextando não ter barcos, demorou os auxilios por mais de 3 mezes.

Os que havião ficado na Jamaica, cançados por tão longa demora, julgavão Mendes perdido e elles para sempre degradados na ilha; mas o Almirante, robus-

tecido pela fé, affirmava constantemente que Deus tinha levado a salvamento o seu enviado.

Entretanto a mór parte da tripolação descrendo estas affirmações conjurou-se, e em dia combinado assomarão ameaçando matar o Almirante, e brandindo suas espadas desapparecerão levando algumas pírogas.

Quatro vezes atirárão-se ao mar e, quatro vezes repellidos, entregárão-se a desmandos e violencias contra os indigenas.

\*

Para cumulo de afflicção os indios despeitados contra os rebeldes, tentárão vingar-se em Colombo negando-lhe todos os recursos. para o matar a fome.

Mas o Mensageiro Divino teve miraculoso conhecimento de um eclipse com antecedencia de 8 dias, e annunciando-o aos naturaes disto tirou partido para evitar a morte certa.

---

### Colombo regressa á Europa. Negra ingratição. Morte de Colombo.

Passados longos mezes veio finalmente o tão desejado auxilio e partirão anciosos para a Hespanha.

Chegado a Hespanha teve o Almirante a infelicidade de perder sua protectora D. Isabel.

Os inimigos do Vice-Rei, então apoiados por D. Fernando protellarão, negarão seus credits e direitos a ponto de o deixarem na miseria.

Pungido pela morte da Rainha, alquebrado por tantas injustiças e enfermidades contrahidas nas viagens, depois de receber todos os Sacramentos da Igreja, recitando os *Psalmos penitenciaes* entregou seu grande espirito ao Creador, a 20 de maio de 1506, dia da Ascensão.

Colombo foi um santo.

---

## Portugal na vanguarda da Europa.

Latino Coelho faz, no seu notavel discurso sobre Camões, a seguinte bellissima discripção da arrojada empreza, que atirou Portugal á trabalhosa navegação de *mares nunca d'antes navegados*:

«Manda a Europa, diz elle, ainda então adormecida para as longas e trabalhosas expedições, manda á Portugal que marche na vanguarda.

Eram tenebrosos, impervios, procellosos os mares, onde nenhum baixel se tinha aventurado.

Entrevia-se o Oriente como a quasi fabulosa região, d'onde vinham magnificadas pela creadora phantasia os encantos e as maravilhas.

Era a terra das ardentes especiarias e das drogas perfumadas, a fecunda matriz dos diamantes e das perolas. Os seus thesouros aguçavam o desejo ás gentes occidentaes.

Era como o paraiso da cubiça para esta velha Europa, já cansada da sua gleba mais esteril que os ridentes vergeis orientaes.

Todos anhelavam por que se descobrissem faceis os caminhos, para que a todos fosse commoda a peregrinação dos tractos lucrativos e das fructuosas mercancias.

Pois vá adiante Portugal e explore as fendas indomesticas d'aquella terra de profana promissão. Vá adiante circumnavegando briosa e perseverante as inhospitas margens africanas.

Engolfe-se nos mares tempestuosos e descubra as ilhas viridentes, onde as arvores por centenares de annos, na perpetua solidão das suas florestas, haviam ramalhado sem temer a acha assoladora do colono, onde os passarinhos, dominando sem rival, cantavam indolentes os amores, pendurando nas vergontas os seus ninhos sem recear que a mão do homem os viesse descobrir e profanar.

Entrem os portuguezes, esta guarda avançada,

estes heroicos batedores da nova civilisação, entrem na sombria, ignota e espessa escuridão das terras e das costas africanas, entrem resolutos com as suas proas mal seguras nas bahias, nas abras, nas aguas das.

Vão nas suas aventurosas singraduras administrando pelo nome portuguez o baptismo da civilisação ás selvaticas paragens, que descobrem, e assignalando com padrões a possessão e o dominio.

Paiem com os primeiros e mais felizes navegadores nas aguas revoltosas do cabo Tormentorio, onde a Africa, semelhante ao ferro agudo e penetrante de uma azagaia immensa, está ferindo inexoravel o coração do Oceano.

Sejam infatigaveis na aventura, intrepidos no perigo, inabalaveis na ousadia, heroicos nas provações, indomitos nos contrastes da fortuna.

Avancem de cada vez mais um estadio na róta, que traçaram. Abram nos mares desconhecidos a propria estrada, que vão descortinando e percorrendo

Operem maravilhas de sciencia cosmographica e prodigios de estoica paciencia e milagres de valor e galhardia.

Deixem atraz o cabo temeroso o em fragillimos baixes vão singrando aventureiros o Oceano Indico.

Aportem finalmente á celebrada terra oriental, e a principio hospedes e forasteiros, venham a ser em

breve termo os altivos dominadores d'aquelles florentissimos imperios, agora avassalados e sujeitos ao jugo portuguez.

D'ali bracejem as extensas vergontas do descobrimento e da conquista até ás mais apartadas e mysteriosas regiões. Entre a Europa escudada com o nome de Portugal na China e no Japão vá lustrando nos portuguezes galeões os mais remotos archipelagos».



# TERCEIRA PARTE

---

## PAGINAS DA HISTORIA BRASILEIRA.

---

### Descobrimiento do Brasil em 1500.

(Macedo).

No seculo decimo quinto Portugal maravilhou o mundo pelas admiraveis descobertas e conquistas que os seus navegantes emprehenderão e levarão a effeito.

.....  
...Mas o seculo decimo sexto ia começar com um esplendor inesperado e ainda mais precioso e mag-nifico.

\*  
El-Rei D. Manoel de Portugal tratando de colher os grandes resultados da bem succedida empreza de Vasco da Gama, isto é, de assegurar ao seu paiz o commercio das Indias pela navegação do oriente que acabava de ser aberta, mandou logo apparellhar uma esquadra, cujo commando confiou a *Pedro*

*Alvares Cabral*, governador da provincia da Beira, e senhorde Belmonte, a quem deu instrucções escriptas.

No dia 8 de Março de 1500 celebra-se uma pomposa solemnidade religiosa na igreja do mosteiro de Belém, defronte do qual estava fundeada a frota. D. Diogo Ortiz, bispo de Ceuta, disse missa pontifical, e recitou um sermão allusivo ao caso, depois do que tomou do altar um estandarte com as armas de Portugal, e entregou ao rei que em presença da côrte e do povo o passou as mãos de Cabral, a quem tivera sempre na real tribuna.

O estandarte foi levado em procissão até a praia, onde o rei se despedio de Cabral e dos outros capitães no meio de salvas de artilharia.

A esquadra, que se compunha de dez caravelas e tres navios redondos, largou no dia 9 de março de 1500, e chegou ao Cabo Verde no fim de treze dias, continuando a viagem com um navio de menos, pois que o de Vasco de Athaide tinha-se desgarrado, e foi arribar a Lisboa maltratado.

\*

Segundo as instrucções que recebera de D. Manoel, devia Cabral afastar-se quanto pudesse da costa da Africa para evitar as calmarias, e procedendo assim, e fazendo-se ao largo, o illustre navegador foi impellido pelas correntes oceanicas, de que então ninguem

tinha idéa, muito mais do que calculava, para o occidente, de modo que a 21 de abril sentio se sorprendido vendo passaros e hervas que lhe annunciavão terra, com que não podia contar, e ao amanhecer do dia seguinte, quarta-feira do oitavario da Pascoa, descobrio um alto monte, a que em attenção à festa que se solemnisava a bordo, e no mundo christão, deu o nome de monte *Pascoal*.

Procurando uma abrigada, navegou Cabral para o norte, indo o seu piloto Affonso Lopes em uma das caravellas mais pequenas costeando a terra para dar aviso logo que encontrasse porto conveniente, o que com effeito annunciou no dia 24, seguindo-se na manhã de 25 a entrada da esquadra em abrigo tão propicio que mereceu receber de Cabral o nome de *Porto Seguro*.

Affonso Lopes quando sondava este porto, colhera de uma almadia dous moços indigenas que n'ella andavam, e os apresentára a Cabral, que, embora não os entendesse nem se fizesse por elles entender pela mimica e menos pela palavra, e reconhecesse que eram completamente selvagens, tratou-os com carinho, presenteou-os com carapuças e cascaveis, e mandou-os largar na praia, no dia seguinte, fazendo-os acompanhar por Affonso Ribeiro que vinha degradado, e que devia ficar na terra ha tres dias descoberta.

A 26 de abril, domingo de Pascoela, armado um pavilhão e levantado um altar em um ilhéu que oferecia a enseada, celebrou o capucho Fr. Henrique o sãnto sacrificio da missa, e prégou um sermão; occupando se depois a gente da armada até 30 de abril em fazer aguada e lenha para as náos, sendo n'isso ajudada pelos selvagens, que menos temerosos e em grande numero sa apresentavão, folgando mesmo com os portuguezes.

Na manhã do 1.º de maio uma cruz feita de um grande madeiro foi levantada no continente com as armas d'el-rei de Portugal; armou-se ao pé d'ella um altar, e de novo Fr. Henrique celebrou missa e prégon, assistindo á solemnidade muitos selvagens, que procuravão imitar os portuguezes em todos os signaes de externo culto.

\*

A esquadra seguiu viagem para a India no dia 2 de maio, ficando em Porto Seguro além de dous degradados, dous marinheiros que fugirão de bordo. Mas, conforme se deliberára antes em conselho convocado por Cabral, Gaspar de Lemos voltou em uma caravella para Portugal, a fim de dar conta do inesperado descobrimento á El-Rei D. Manoel.

\*

Cabral reputou a terra que descobrira uma grande ilha e chamou-a ilha de *Vera-Cruz*, esse nome trocou-

se em breve pelo de *Terra da Santa-Cruz*, e poucos annos depois pelo de *Brasil*, em consequencia da abundancia de madeira preciosa que assim se chama e que logo se começou a tirar do paiz.

---

## Primeira invasão hollan- desa no Brasil (Bahia—1624).

(Conego R. Lemos).

Diogo de Mendonça Furtado (12.º governador geral do Brasil) foi avisado que na Hollanda se preparava uma expedição contra o Brasil.

Carente de recursos, com difficuldade reúne pouco mais de dusentos soldados e mil paisanos para se oppor.

Sob o commando de *Jacob Willekens* e *João Vandort*, a 8 de maio de 1624, a frota hollandesa ancóra em frente da Bahia; no dia seguinte penetra na barra; no posterior toma a cidade, sem embargo da heroica resistencia do governador, que é preso.

*Mathias de Albuquerque* (13.º governador geral) succede-o.

Com o auxilio do bispo *Marcos Teixeira*, que, tro-

cando a mansuetude pastoral pelo ardor bellico, depõe o baculo, empunha a espada, commanda batalhões, com sua palavra eloquente e autorisada leva o enthusiasmo, domina os corações, revive o patriotismo adormecido, vence o inimigo, e do general enviado pela metropole, *D. Fradique de Toledo*, consegue expulsar os hollandezes (1<sup>o</sup> de maio de 1625) evacuando a cidade, após heroicos e prolongados certames.

Experimentado e victorioso nessa tremenda lucta. Mathias de Albuquerque é transferido para governador da capitania de Pernambuco, por constar á côrte que os hollandeses, repellidos da Bahia, preparavam-se com sanha e respeitaveis forças para atacar áquella capitania, então mui opulenta.

E de facto em breve realison-se a segunda invasão hollandesa.

---

## Invasão hollandesa em Pernambuco (1630).

(Conego R. Lemos).

À 14 de fevereiro de 1630 appareceu em frente de

Olinda a armada hollandesa, que no dia seguinte rompe em fogo vivissimo sobre a cidade.

Era commandada pelo almirante b́atavo *Henrique Loncq*.

E ao passo que fazia entrada a frota no porto do Recife, já tropas hollandesas, desembarcadas em *Pau-Amarello*, commandadas pelo general *Theodoro Vandenburg*, em numero de quatro mil, avançavam para apoderar-se de Olinda. Ás forças combinadas deviam simultaneamente atacar Pernambuco

Sem embargo de achar-se desprovido de meios de defesa, *Mathias de Albuquerque*, sae ao encontro de *Vandenburg*, travando-se na passagem do Rio-Doce, onde *Albuquerque* é vencido, mau grado prodigios de valor seu e dos bravos companheiros.

\*

Prosegue *Vandenberg* marcha triumphante até Olinda, onde *Salvador de Azevedo* disputava-lhe o passo, mas cede á força numerica dos b́atavos, pelejando até o extremo.

Assenhorearam-se os inimigos de Olinda, cujos habitantes, tomados de panico, mas cuidaram da fuga, que da peleja.

Neste tempo a esquadra, operando o desembarque, toma os dous fortes que defendiam o Recife, após esforços inauditos de *João Fernandes Vieira* e *Antonio de Lima*, que, com um pugilo de bravos e poucos in-

trepidos soldados guarneciam à *São Jorge*, (forte de terra) e *São Francisco* (forte do mar).

Então Mathias de Albuquerque, com o intuito de cortar as communicações entre Olinda e Recife, reunindo os poucos bravos que se não acobardaram em face do potente inimigo, sentou seu acampamento em uma pequena eminencia, sita entre os holandeses, á que chamou *Arraial, ou Campo Real do Bom Jesus*, fortificando-o o melhor que poudo.

E para perseguir o inimigo, que via suas relações cortadas, creou as famosas *companhias de emboscada*, com as quaes offerencia-lhe tiroteios vantajosos e constantes, e ao mesmo tempo lhe serviam de defesa ao arraial, ao qual se não atriviam os holandeses investir sem risco.

Disto certificaram-se quando Loncq foi batel-o, e sahio vencido, devendo a vida á veloz carreira do seu cavallo.

Commandou a acção o indio *Poty* (camarão), que distinguu-se em toda a posterior lucta, e é conhecido na historia por *D. Antonio Philippe Camarão*.

\*

Como este, pequenos revezes dos inimigos proporcionavam minguidas victorias aos pernambucanos.

Estes debalde invocaram auxilios da metropole que os abandonara ás forças proprias; aquelles tam-

bem os esperava da Hollanda, que os deixava encerrados em suas posições (Olinda e Recife), prolongando d'ess'arte a indicisão da victoria para ambas as partes.

Resolveu-se Loncq retirar-se para a Europa, deixando o commando da esquadra á *Valbech*, que tenta apoderar-se da ilha Itamaracá, donde é vigorosamente repellido por *Salvador Pinheiro*, conseguindo apenas fundar na extremidade sueste da ilha o forte *Orange*.

---

## Batalha naval (1631).

(Continuação).

A Hollanda, cujos desejos eram saciar a sède que nutria de aprisionar os galeões que conduziam ouro do Mexico para Hespanha, expede, ao mando do almirante *Adrião Patrid* uma frota de deseseis navios para essa lucrativa empresa, e ao mesmo tempo para deixar em Pernambuco reforços aos seus.

Avisada a còrte de Madrid, apparelha uma esquadra de desenove vasos de guerra e trinta e quatro

de comboio, com o duplo fim de dar caça aos bñtavos e levar à Pernambuco e Bahia soldados e petrechos bellicos (1).

Confiou a armada à *D. Antonio de Oquendo*, e a tropa de desembarque ao general italiano *Conde de Bagnuolo*.

\*

À 12 de setembro de 1631 encontraram-se em mares da Bahia as duas respeitaveis frotas.

Travou-se renhida pugna, que terminou se indecisa após longas horas de porfiado combate.

Ambos os contendores arrogavam à si a victoria; entretanto, a nau almirante hollandesa foi incendiada: a hespanhola foi à pique.

*Patrid*, no momento supremo da lucta, vendo o anjo lugubre da morte baixar-lhe sobre a cabeça, encarando os dous temerosos oceanos d'agua e fogo, envolve-se no pavilhão nacional, e precipita-se no mar, proferindo estas memoraveis palavras: « *O oceano é o unico tumulo digno de um almirante bñtavo* ».

---

(1) Para melhor comprehender-se a parte que tomou a Hespanha nos negocios do Brasil, no começo da guerra hollandesa, é preciso recordar que em 1580, pela morte do cardeal *D. Henrique* (que em razão do seu estado sacerdotal não deixou successão) a corõa portugueza foi usurpada por *Philippe 2.º* da Hespanha. O Brasil (que então era colonia portugueza) passou com Portugal para o dominio hespanhol, de 1580 à 1640.

*Oquendo* retira-se para a Europa levando desarvoados a mór parte de seus navios.

\*

O conde de Bagnuolo desembarca em *Barra-Grande* e encorpora-se ao arraial de Albuquerque, despertando com o auxilio trazido grande enthusiasmo nos acampados, e levando á Olinda crescido susto, porquanto os hollandezes, ignorando o numero de soldados chegados aos portuguezes, muito se amedrontaram.

Exagerando a fama dos reforços chegados, Vandenburg resolveu concentrar todas as forças no Recife incendiar Olinda.

Antes, porem, de realisar tão desesperado projecto mandou propôr a Mathias de Albuquerque o seu resgate. Mas, o general portuguez, conhecendo os artificios do inimigo, respondeu-lhe: «*Queimai Oiinda, se a não podeis conservar: não nos faltarão os meios de melhor a reedificarmos*».

Mui consternados ficaram quando viram seu engano, e mais ainda quando experimentaram successivas perdas.

Com effeito, forão batidos em Cabedêlo por João de Mattos Cardoso; no Rio Grande do Norte por Cypriano Pitta; no Rio formoso o proprio Vandemburgo é repellido; e no Pontal de Nazareth vencido por Bento Maciel Parente.

Deste modo, não podião arredar-se do Recife sem que o patriotismo dos nossos lhes não levasse de vencida em todos os combates, e cortasse as aspirações de augmento de dominio.



## Traição de Calabar. Consequencias desastrosas.

Um facto, porem, assaz contristador, uma traição, veio dar nova face á guerra, augmentar o poderio hollandez, proporcionar-lhe victorias, abrir-lhe o caminho da gloria, e prostar em calamidades, derrotas, e provações os heroicos defensores da patria.

*Domingos Fernandes Calabar*, natural de Porto-Calvo, perfeito conhecedor da terra, costa de Pernambuco, e capitancias visinhas, soldado intelligente e astucioso, deserta do Campo Real do Bom Jesus (20 de abril de 1632) para o campo dos hollandezes.

Ignora-se o movel que instigou Calabar á praticar tão abominavel acção, porem toda a severidade é pouca para julgar-se esse acto degradante! A trahição de Calabar, porem, não teve imitadores, e não os devem ter actos abominaveis! Porem foi mui van-

tajosa aos contrarios, porque Calabar erigiu-se em conductor, director, e inspirador dos hollandezes, que, por elle guiados, realisaram uma serie de esplendidos triumphos! . . . . .

Em remate de todos os desastres (para os brasileiros), o famoso Campo Real do Bom Jesus, após ter afugentado Loncq, e testemunhado a morte de Rembach, cede e capitula á 6 de junho de 1635.

Tudo consequencia dos conselhos, planos, e estrategia de Calabar!

\*

Nesta epoca, Mathias de Albuquerque havia confiado o Campo do Bom Jesus ao valente capitão hespanhol Andrés Marin, e se retirara para a villa *Formosa de Serinhaem*, onde fundou novo arraial, que era como o centro das operações militares.

Capitulando Andrés, e se tornando mais raros os combatentes, Mathias de Albuquerque annuncia aos seus a resolução de retirar-se para Alagoas a fim de reunir-se á *Bagnuolo*, que, tendo de socorrer Porto-Calvo, para ali dirigiu-se, e depois viu-se obrigado a fugir da sanha do *Lichthardt*.

\*

Deu-se então a dolorosa transmigração de M. de Albuquerque com as familias de Pernambuco, as reliquias de tropas, que ao muito seriam quinhentos combatentes!

Era forçoso ao illustre chefe e aos emigrados passarem em Porto-Calvo, para onde tinha sido enviado Caiabar côm algumas tropas.

Em tão afflictiva conjunctura, um dos moradores de Porto-Calvo, o capitão *Sebastião do Souto*, fingindo interessar-se pelos hollandezes, offereceu-se ao governador *Picard* (hollandez) para reconhecer os fagitivos que se aproximavam.

Souto assegura a Picard que ao muito serião duzentos os emigrantes.

O governador manda á seu encontro trezentos homens commandados por *Calabar*, e guiados por *Souto*.

Este, chegando em frente de Albuquerque passase para os seus, que denodadamente atacam os hollandezes e os perseguem até dentro da praça (Porto Calvo) cuja guarnição se rende.

Calabar é preso: sobe ao patibulo no mesmo lugar do seu nascimento, como premio de sua execranda traição!

Os hollandezes cedem o passo, e ficam os pernambucanos senhores da villa, cujas fortificações arrasaram. Albuquerque não desvaneceu-se com esse momentaneo triumpho: continuou sua peregrinação.

De Alagoas tomaram os emigrados destinos diversos, separando-se, encaminharam-se para a Bahía e Rio de Janeiro.

## Continuação da guerra holandesa. Mauricio de Nasseau.

A cõrte de Madrid, posto não enviasse soccorros abundantes, nem contribuisse para minorar os males que affligiam a colonia pernambucana, levou a mal a retirada de Albuquerque, e apavorou-se com o engrandecimento do Brasil hollandez.

Resolveu nomear successor á Albuquerque, que á 15 de dezembro de 1635 entregou o governo de Pernambuco á D. *Luiz de Rojas e Borja*. . . . .

\*

Este general entendeu atacar o inimigo e depois de alcançar victoria em Porto-Calvo, de novo em poder dos holandezes, dirigiu-se para o norte, sendo desastrosamente morto, e todo o exercito ficaria aniquilado á não ser á tempo soccorrido por *Camarão* e *Francisco Rebello*, á quem Borja havia confiado a occupação de Porto-Calvo.

O *conde de Bagnuolo* succede a Borja, e encetou uma serie de gloriosas *guerrilhas* que ao inimigo enfraqueciam e desmoralisavam.

Nesses ataques de improviso e correrias, muito distinguiram-se *Rebello*, *Souto*, *Camarão*, já assaz celebrados, e o heroico preto pernambucano *Henri-*

que *Dias*, e o parahybano *André Vidal de Negreiros* que importante papel representaram nesta pugna.

\*

Por seu turno a administração da colônia hollandesa na Europa, não podia tolerar tanta morosidade n'uma conquista que se lhe antolhava facil.

Entra em ajustes com o principe *Mauricio de Nassau*, celebre nas letras e na guerra, para vir governar o Brasil hollandez

Chegado *Nassau*, à 23 de janeiro de 1637, tratou logo de bater o conde de *Bagnuolo*, que se havia novamente fortificado em Porto-Calvo, tantas vezes celebre por suas victorias e revezes.

Na Barra-Grande travou-se renhido combate: houve prodigios de valor: *Bagnuolo* manteve-se como heroe: *Rebello* e *Souio* portaram-se com invejavel denodo: *Camarão* e sua mulher *D. Clara Camarão* immortalisaram-se por inauditas proesas.

O negro *Henrique Dias*, tendo a mão esquerda arrancada por uma bala, pensa a mão offendida, vóa ao combate, respondendo aos que lhe embargavam o passo: «*Basta-me a direita para servir ao meu Deus e ao Rei: cada um dos dedos desta que fica me fornecerá os meios de me vingar*».

*Bagnuolo*, porém, á noite retirou-se em ordem para Alagôas, deixando fraca guarnição ao mando de *Miguel Giberton*, que resiste até 7 de março, e capitula.

..... Continua *Nasseau* suas conquistas: funda o forte *Mauricio* na embocadura do rio S. Francisco, e recolhe-se ao Recife, onde desenvolve providencias administrativas que muito o honram.

BIBLIOTHECA PÚBLICA  
do  
ESTADO DO MARANHÃO

Levantamento geral contra  
os hollandezes.

(Conego R. Lemos).

..... D. *Jorge de Mascarenhas* (1.<sup>o</sup> vice rei) marquez de Montalvão, é enviado ao Brazil pela côrte hespanhola com o titulo de *vice-rei, capitão general do mar e terra, empreza e restauração do Brazil* (em 1640).

\*

Chegando a Bahia, lôgo depois vem a grata noticia de haver desabado o dominio hespanbol, e se restaurado a nacionalidade portugueza, subindo ao throno D. *João IV*.

\*

Este acontecimento politico muito influiu na solução da guerra: estimulou os colonos a imitar os brios da metropole, que acabava de sacudir o jugo hespa-

lustre chefe não contasse com o apoio claro e decisivo do governador Telles da Silva, tomou a nobre resolução de em seu proprio nome declarar guerra á Hollanda !

\*

Em breve tamanha heroicidade esteve á prova em renhido certame: *Haus* bate os insurgentes no *monte das Tabocas*, mas é vencido per *Vieira* e o capitão *Cardoso*, á 3 de agosto de 1645.

Apóz essa victoria, os contingentes de *Camarão* e *Henrique Dias* unem-se aos de *Vieira*, que logo em seguida mais potente se tornou pela junção dos de *Negreiros* e *Martim Soares Moreno*.

Quando se encontraram os illustres chefes, *Vidal de Negreiros* e *Vieira*, abraçam-se em fraternal amplexo, e saúdam-se dando *vivas á Liberdade e a Fé*.

Com estes poderosos auxiliares não houve mais difficuldades ou duvidas para maiores triumphos. . . . .



Fim da guerra hollandesa.

. . . . . Á 24, e á 26 de janeiro de 1654 foi assignada na *Campina do Taborda*, diante do forte das

*Cinco Pontas*, a capitulação pela qual voltou ao domínio de Portugal tudo quanto os holandeses ainda occupavam no Brazil.

Grandes foram as recompensas dispensadas aos heroes pela côrte portugueza.

Vieira, Negreiros, e Barreto tiveram o fôro de grande o commendas da ordem de Christo. Á Vieira deu-se o governo da Parahyba, e depois o de Angola; á Negreiros, o do Maranhão, e succedeu á Vieira no de Angola; á Barreto, o de Pernambuco, e depois o da Bahia. O bravo e benemerito Henrique Dias foi nomeado mestre de campo de um regimento de pretos ou negros da Bahia, que se não deveria extinguir, e conservaria o nome legendario de *Henrique Dias*.

Não haviam recompensas sobejas para tão dignos heroes. O summo pontifice Innocencio X em remuneração aos meritos de Vieira dirigiu-lhe um Breve, no qual chamava-o *Restaurador da Egreja na America*.

Da côrte portugueza partiu copia de recompensas aos bravos que libertaram a patria; e uma provisão regia ordenou que se confiassem os melhores cargos da capitania aos officiaes do exercito libertador de Pernambuco, e que se dessem terras aos soldados que não podessem exercer empregos publicos.

## Primeiras idéas de independência do Brazil.

(Macedo).

O Brazil tinha progredido muito no seculo decimo oitavo, os jovens brazileiros, ambiciosos de intrucção e de sciencia corrião aos conventos, aos seminarios, e ás aulas de humanidades que havia, para beber conhecimentos que aspiravão, e muitos d'elles ião cur-a universidade de Coimbra, e outras academias da Europa.

Homens notaveis como esta listas, poetas, oradores, artistas, davão lustre e gloria á grande colonia, sua bella patria; as communicações do novo com o velbo mundo tinhão-se tornado mais faceis; livros francezes penetravão no paiz e se espalhavão por elle idéas novas, civilisadoras e livres; e emfim, a revolução emancipadora das colonias inglezes da America era um exemplo que devia inflamar os corações dos filhos das outras colonias europeas do mundo de Colombo.

Assim pois, não é de admirar que apparecesse no ultimo quartel d'esse seculo a idéa da independência do seu paiz, no espirito de alguns Brasileiros.

A gloria da prioridade nas primeiras conferencias

e nos primeiros passos para se effectuar a independencia do Brazil, compete á alguns estudantes.

BIBLIOTHECA PUBLICA

do

ESTADO DO MARANHÃO

Primeira luta pela independencia do Brazil. Conspiração mallograda em Minas-Geraes. (1786—1792).

(Conego R. Lemos).

..... Dominados pelas idéas do tempo, *doze estudantes*, da universidade de Coimbra reuniram-se em conferencia sobre o assumpto, e comprometteram-se em trabalhar pela independencia do Brazil.

Em França, o brado de Coimbra repercutiu na academia medica de Montpellier, sendo acompanhado e acceito pelos estudantes *Domingos Vidal Barbosa*, de Minas, *José Mariano Leal* e *José Joaquim Maia*, naturaes do Rio de Janeiro.

*Maia* falleceu em Lisbôa, e *Barbosa* chegou á Minas quando a governava despoticamente *Luiz da Cunha Menezes*.

O generoso estudante achou a patria dominada pelas mesmas idéas.

Formou-se uma conspiração para realizar o intento da independencia, e proclamar a república.

Entraram n'este commettimento, o coronel *Ignacio José d'Alvarenga Peixoto*, os poetas *Claudio Manoel da Costa*, desembargador *Thomaz Antonio Gonzaga*; e o alferes *Joaquim José da Silva Xavier*, dentista de profissão e habilidade, pelo que tinha a alcunha de *Tira-dentes*.

Marchavam os planos com celeridade para o exito da revolução; e desejando-se que fosse abraçada por outras capitánias, enviou-se *Tira-dentes* ao Rio para alliciar partidarios e comprar munições.

\*

Novos acontecimentos mudam a face dos negocios. O *visconde de Barbacena* succede a Menezes no governo de Minas.

Da fileira dos conspiradores destaca-se o traidor *Joaquim Silverio dos Reis*, que denuncia da revolução ao governador, e este immediatamente de tudo informa ao vice-rei *Luiz de Vasconcellos e Souza*.

\*

Os apóstolos da independencia foram convertidos em martyres: abriram-se as ferreas portas dos longiquos degredos, onde em sepulchros foram enterados vivos os conspiradores.

*Gonzaga* foi para *Mocambique*; *Alvarenga* para *Ambaca*; e os outros que associaram-se, dr. *Maciel* para

Maçaugano: *Freire Andrade* para as Pedras de Ancoche; *Claudio M. da Costa* suicidou se na prisão; e *Tira-dentes* subiu ao patíbulo!

\*

*Tira-dentes* foi entre os revolucionarios o menos importante: entretanto as paixões do tempo o apresentarão como *chefe da conspiração, criminoso imperdoavel pela atrocidade e escandalosa publicidade do horrivel attentado!*

Por isso condemnarã-m-no ao cadafalso; foi enforcado e esquartejado para exemplo e escarmento publico.

A casa de morada de *Tira-dentes* foi arrasada; o chão revolvido e salgado:

E o povo, dizem, após essa exacração da memoria, do nome, da pessoa e das cousas de *Tira-dentes*, amaldiçoou esse lugar!

E assim terminou-se a mallograda *revolução mineira*.

---

## Nova luta pela independencia. Revolução em Pernambuco (1817).

(Conego R. Lemos).

A cõrte do Rio cobria-se de lucto pela morte da

rainha, D. Maria I, á 20 de março de 1816, e D. João passava a governar com o titulo de *Rei*, quando novos acontecimentos envolverão na tristeza seu coração:—a *revolução de Pernambuco* (6 de março de 1817).

Duas foram as causas motivas desta revolução: o antagonismo crescente entre os portuguezes e brasileiros:—e o estado de abatimento em que se achava então o governo portuguez perantes as nações —

Não podiam tolerar os pernambucanos que em uma corte falta de energia e vigor para sustentar-se no throno luzitano, viesse imperar no Brazil, que dispunha de elementos assaz abundantes para governar a si.

Viam os heroes de Pernambuco que a União Americana acabava de emancipar-se: viam que as colonias do Rio da Prata lançavam o ingente brado da independencia: concluïam, portanto, que poderiam tambem constituir a nacionalidade brasileira

Eram os échos da *revolução mineira* que repercutiam em Pernambuco.

\*

Conseguiram os revoltosos, capitaneados por *Domingos José Martins*, protagonista e apostolo do movimento, a capitulação do forte de *Brum*, e asenhoream-se triumphantes da capital e governo de Pernambuco a 7 de março.

Nesse mesmo dia installou-se o governo, composto de *Domingos Theotônio Jorge*, governador das armas; padre *João Ribeiro Pessoa*, governador provisorio; dr. *José Luiz de Mendonça*; padre *Miguel Joaquim d'Almeida* (padre Miguelinho) ministro do interior, que redigiu uma proclamação conciliadora e pacifica; *Manoel J. Correia d'Araujo*, e *Domingos José Martins*.

O governo tomou varias medidas economicas, administrativas, e politicas; despachou *Antonio Gonçalves da Cruz* aos Estados-Unidos para comprar armas, engajar tropas e officiaes; enviou á Bahia o padre *José Ignacio d'Abreu e Lima* (o padre Roma) para mover a população no sentido republicano.

Este é preso e fuzilado no Campo da Polvora á 29 de março

Porem a idéa democrata ganhava terreno e proselytos.

A *Parahyba*, o *Rio-Grande do Norte* e *Alagoás* adheriram á causa; no *Ceará* o padre *José Martiniano de Alencar* é preso e perseguido pela propaganda que fazia no interior.

\*

Em breve apparece a reacção: o *conde dos Arcos*, governador da Bahia, mandou bater os revoltosos que, não contando com outros auxilios alem do enthusiasmo momentaneo e ephemero dos patriotas, viram-se abandonados, perseguidos, e, por fim, ou

fuzilados, ou sacrificados no campo da honra, batallhando, ou para sempre encarcerados.

Dura licção paga á inexperiencia !

Vencidos no *Ipojuca* e no *Paulista*, os poucos que ficaram foram sujeitos aos tremendos castigos de *Luiz do Rego Barreto*, e ao terrivel tribunal da *alçada*, inspirado pelo sanhudo dezembargador *Bernardo Teixeira Coutinho*, até que a annistia de 6 de fevereiro de 1818, dia da coroação de D. João VI, veio mitigar seu prolongado martyrio!

---

## Vesperas da independen- cia do Brasil. Viagem do principe D. Pedro á pro- vincia de S. Paulo.

(Pereira da Silva).

.....  
Em quanto se estorcião alguns pontos do territorio brasileiro nas lutas da anarchia, continuavão em São Paulo as divergencias ameaçando sempre, bem que felizmente não levadas ao campo material do combate.....

\*

Recordando-se do excellente effeito que produzira

em Minas a sua subita apparição entre os seus habitantes (em Março de 1822). e os beneficos resultados que lograra a sua moderação para reunir e colligar todos os espiritos em torno da sua autoridade, resolveu-se D. Pedro, principe regente, a proceder do mesmo modo para com os moradores de São Paulo, indo em pessoa á sua capital, fallando-lhes uma linguagem decidida e nobre, attrahindo-lhes os affectos, conciliando as discordias, e serenando as populações divergentes.

Assignou um decreto em que depositava nas mãos da sua virtuosa consorte, a princeza real D. Leopoldina, o poder e autoridade suprema da regencia, a presidencia do conselho de estado dos ministros, e a decisão de todos os negocios do governo, de accordo sempre com os seus secretarios de estado, enquanto durasse a sua ausencia.

Nomeou para seu secretario interino a Luiz de Saldanha da Gama, e deixou o Rio de Janeiro, levando-o apenas em sua companhia com alguns famulos, e seguindo o caminho de terra.

\*

Cercavão-no ovações e applausos por todas as localidades que atravessava.

Corrião ao seu encontro as autoridades das villas, os moradores principaes, o povo todo alvorocado e jubiloso, para ver e admirar o joven principe, audaz

e decidido, que se aventurava a empresas incommodas e arriscadas no só intuito de promover o beneficio do paiz e a paz publica

Improvisavão-se alli arcos triumphaes de ramos arrancados de arvores, de folhas verdes e viçosas, e de flores multicores e perfumadas.

Armava-se mais adiante um coreto de musica, para saudalo na passagem com sons harmoniosos.

Levantavão-se barracas agrestes mas pittorescas, aprromptavão-se viveres e frutas deleitosas, armavão-se mesas com iguarias selectas.

Rogavão os moradores espalhadas pela estrada que os honrasse D. Pedro, repousando um pouco, aceitasse seus mimos, e se recolhesse á sombra dos telhados das suas casas para se abrigar contra os ardores do sol dos tropicos.

Agradecia-lhes D. Pedro dirigia-lhes palavras amaveis, e deixava-os penhorados por suas maneiras e expressões benevolas.

---

## Chegada de D. Pedro a capital de S. Paulo.

(Pereira da Silva).

Chegou D. Pedro á capital da provincia em 26 de

Agosto. Não derão tempo o espanto que se apoderou dos espiritos, a ideia do feito memoravel que surpreheudeo a todos, e a presença agradavel do principe, que lhe attrahio logo a admiração geral e as sympathias do povo, para que pensassem mais, os Paulistanos divergentes, em discordias e lutas particulares.

Apresentarão-se-lhe, prestarão-lhe homenagens, multiplicarão-lhe protestos de respeito e amor, e protestarão-lhe devotamento e obediencia inteira, os homens de todos os partidos e fracções que dilaceravão a provincia, perturbavão-lhe a tranquillidade e atrasavão-lhe os progressos.

\*

Não os distinguio D. Pedro. A uns e outros acolheo com benignidade, a uns e outros estendeu mão generosa, a uns e outros captivou com aquelle ar fagueiro que sabem os principes empregar quando querem afeiçãoar vontades e que produzem sempre em seu favor as adhesões mais fervorosas.

Fallou-lhes em união, e ouvirão-no, depondo aos seus pés as reminiscencias dos odios e ciumes que os separavão, afiançando lhe a execução completa de todas as suas ordens.

Enunciou-lhes o principe a necessidade de tratar-se só dos interesses do Brasil, e applaudirão-no elles com sincero enthusiasmo.

Elogiou-lhes D. Pedro os habitantes da provincia de São Paulo, que havião sido dos primeiros Brazileiros a levantar-se contra o jugo das côrtes, e atirãrão-se-lhes os Paulistas de joelhos raiando em jubilo, e adorando-o como o seu libertador, o seu anjo tutelar, e o herôe americano !

\*

Conheceo par si o principe que não existião em São Paulo mais que lutas locaes, odios de familias que desejavão conjunctamente preponderar, ideias politicas mais ou menos adiantadas em liberalismo, reunidas porem todas no proposito firme e deliberado de resistir às cortes de Lisboa, sustentar-lhe a sua regencia e autoridade, e emancipar inteiramente o Brazil como nação que tinha direitos incontestaveis de por si governar-se.

Não descobrio as tendencias desorganisadoras e retrogadas cuja permanencia lhe havia sido communicada no Rio de Janeiro

Posto alterasse logo o systema que premeditava praticar em São Paulo, resolveo-se todavia a publicar algumas medidas, que, sem offenderem os animos publicos, e nem servirem de pretexto a novos incidentes de discordia, mostrassem a sua autoridade, e dessem a entender a extensão do seu poder e força.

\*

Assentio às supplicas dos habitantes da capital

para se demorar entre elles mais alguns dias do que intentava, afim de receber maiores obsequios, e ouvir numerosas deputações, que de todos os pontos da provincia lhe erão dirigidas em homenagem.

Organisavão-se quotidianamente novos festejos publicos, e demonstrações cada vez mais estrondosas do contentamento em que a cidade nadava.

Proclamou no entanto aos povos da provincia em linguagem insinuante, lembrando-lhes os gloriosos feitos de fidelidade á casa real de Bragança praticados pelos seus maiores, e as modernas acções dos contemporaneos em pró da liberdade do Brazil, asseverando convicto que contava sempre com os Paulistas, como comsigo proprio.

BIBLIOTHECA PUBLICA  
do

ESTADO DO MARANHÃO

## Passeio de D. Pedro ao Ypiranga.

(Pereira da Silva).

Deliberou-se no dia 7 de setembro (de 1822) a dar um passeio pelos arredores da cidade. Raiara bella e esplendida a aurora.

Posto dourassem o firmamento os raios claros do

sol e o inundassem de luz magnifica, não se aquecêra a atmosphera, e patenteava o clima a sua pureza agradável e a sua tradicional frescura.

\*

Copiosa comitiva seguiu os passos do principe D. Pedro. O bispo diocesano com os principaes officiaes da igreja, os membros da extincta junta, as autoridades que governavão já a provincia, os militares de mais elevada patente, os funcionarios civis e cidadãos de todas as classes, acompanhavão-no respeitadamente, chegando-se para perto d'elle este ou aquelle que D. Pedro convidava para honra-lo com o seu entretenimento.

Dirigio-se o principe para o lado oriental da immensa planicie que se estende sobre os altos pincairos das servas aonde pouza a cidade S. Paulo.

Desejava visitar o sitio da celebrisada povoação de Piratininga, cuja historia primitiva lhe acendia a curiosidade.

Ao aproximar-se do ribeirão do *Ypiranga*, assentou em descançar, descendo do cavallo, e acolhendo-se á sombra das arvores que adornão as margens da agua estrepitosa e crystallina do pequeno riacho, rolando por cima de pedrinhas miudas e murmurando com ineffavel doçura.

\*

Lançou os olhos sobre o vasto horizonte. Alarga-

vão-se por toda a parte campinas viçosas e imensas, cortadas apenas por mesquinhos onteiros, que lhes não escondião o espectáculo da extenção, sumindo-se ao longe com o céu azulado.

Para as bandas do occidente apparecião apenas em grande distancia os morros mais levantados da Penha, que variavão pittorescamente a vista, formando um amphitheatro de natural architectura.

Ja o *Ypiranga* sumir-se no seio do rio Tieté, que banha quasi os pés da cidade de São Paulo e forma um dos importautes galhos do famoso Paraná.

Extasiava-se D. Pedro com o maravilhoso panorama que desdobrava o sitio de repouso que escolhera.

A natureza superior dos tropicos espantava com as suas galas, electrizava com a sua magnificencia.

Sobre eminencias tão crescidas, a uma altura extraordinaria do nivel do mar, por cima de serras poderosas, vigorosa vegetação provava a força e uberdade da terra; a perfumada, ligeira e diaphana atmosphaera patenteava a amenidade e salubridade do clima; a aura prazenteira que brincava com as folhas das arvores; o bulicio das agua do ribeiro feliz que beijava as candidas florinhas brotadas á humidade das suas margens ramalhetadas; e o desdobrar das opulentas e robustas campinas, que parecião correr parelhas com o horizonte intermina-

vel, sorrião por todos os seus poros, e encantavão todos os sentidos.

---

7 de Setembro de 1822. Brado  
do Ypiranga. Independência ou morte!

Avistou-se de repente ao longe um cavalleiro que corria á redea solta, e se dirigia para o lugar aonde se achava D. Pedro

Atravessou o espaço com a rapidez do raio. Aproximou-se do príncipe, saltou de cima do cavallo, e atirou-se aos pés de D. Pedro, quasi desfallecido, apresentando-lhe um maço de papeis lacrado, que trouxera do Rio de Janeiro, com ordens expressas da princeza real de vingar as distancias no mais curto prazo, e de entregal-o nas proprias mãos do seu augusto esposo.

Recebê-los o príncipe, rasgar-lhes os fechos, ler-lhes o conteúdo, foi trabalho de momentos.

Anuviou-se-lhe o semblante, mudaram se-lhe as côres da physionomia, cerrárão-se-lhe os olhos, e manifestárão-lhe os labios os mais evidentes signaes de despeito.

Erão de feito novidades, que o irritarão. Havião chegado de Lisboa ao Rio de Janeiro durante a sua ausencia os quatro decretos das côrtes de 1.º de Agosto, pelos quaes se lhe annullava a sua convocação de procurador das provincias brasileiras, se lhe mandavão responsabilisar os seus ministros, os membros da junta de São Paulo e os signatarios das representações de Janeiro; se lhe ordenava completa sujeição ás leis e deliberações das côrtes; e se lhe nomeavão ministros novos, arrancando-lhe o direito de escolher os seus conselheiros.

Incluião-se n'essas ordens do governo portuguez a carta particular de 5 de Agosto, que de seu punho lhe escrevera D. João VI.º, e cujas expressões severas lhe devião ao certo amargurar o coração com so-beja intensidade.

\*

Permaneceu perplexo o príncipe por algum tempo.

Tomou pela segunda vez conhecimento de todos os despachos que recebera.

Rebentárão-lhe dos olhos lagrimas viseveis ao re-ler a linguagem desusada de seu pai, que tão amigo se lhe mostrára sempre; e o tratava agora em termos acres e azedos.

Posto lhe não falhasse notavel perspicacia, dormitava com sonhos ainda de conservar unidos os dois reinos da casa de Bragança, fundando no Brasil uma

independencia mais administrativa que politica, e guardando-os ambos para governar no dia que a Providencia lhe marcasse, como herdeiro da corôa e da monarchia.

Não pensára jamais D. Pedro que as côrtes portuguezas chegassem tão longe nos seus designios, e concentrassem por tanto tempo a autoridade suprema em Portugal, sujeitando-se o povo europêo ao seu arbitrario mando, e consentindo que o soberano continuasse coagido e manietado nos seus direitos magesticos

\*

Rasgarão-lhe o véo interessado as ultimas novas que recebo nas margens do *Ypiranga*. Sumirão-se-lhe os sonhos

Perdeo incontinentemente as illusões que nutria. Resolveu-se a decidir de uma vez, e a cortar os obstaculos que se lhe antepunhão.

Não trepidou entre Brazil e Poetugal. Abandonou a ideia de futuro monarcha d'aquelle reino, para preferir-lhe a soberania de uma nova nação e Estado.

Mais o amavão e respeitavão os Brasileiros. Passára na America a melhor e mais risonha quadra da sua vida, e é a parte juvenil da existencia que mais prende, affeição, e imprime no ho nem reminiscencias venturosas e agradaveis.

Podia-se o principe appellidar com fundamento de Brasileiro, porque se não lembrava de Portugal, posto houvesse nascido nas margens do Tejo.

Que devia esperar dos povos europeos, após todos os seus feitos em prô do continente brasilico, que elles encaravão leviana e injustamente como o inimigo de Portugal ?

Não lhe annunciavão elles um processo em caso de desobediencia às cortes, e a perda dos seus direitos à corôa e throno da monarchia ?

Não serião capazes, pela exaltação dos animos e desvairado das paixões, de levar a effeito as suas ameaças ?

Passarão-lhe sem duvida pelo espirito attribulado todas as cogitações. Firmou o seu parecer, e traçou logo realisa-lo, respondendo asrim ao desafio que de Lisboa lhe era expedido.

\*

Chamou para torno de si toda a sua comitiva.

Arrancando do chapéo o laço portuguez que lhe estava pregado, e atirando-o ao chão, gritou com energia:

— «INDEPENDENCIA OU MORTE» —.

Echoárão applausos geraes, e forão repetidas entusiasticamente as suas palavras. Despirão-se todos do laço portuguez, levantando-se vozes que intitula-vão o principe de imperador do Brazil.

Apparentou todavia D. Pedro não ouvi-las, ou não aceita-las.

Montou a cavallo, deixou o *Ypiranga* correr alegremente, encaminhou-se para a cidade, no meio de vivas estrondosos, que por todo o camiuho echoava a sua comitiva, e que o acolherão no seio da população de São Paulo, augmentando o jubilo, contentamento e gratidão dos mcradores da capital da provincia.

Noite prasenteira e festiva em demasia seguio ao dia memoravel. Passárão-na os povos em folguedos e alegria

Não se pouparão fogos de artificio, serenatas musicaes, canticos e ovações patrioticas.

---

## Proclamação feita por D. Pedro. Despedida aos Paulistanos.

(Pereira da Silva).

Aos arreboes da madrugada de 8 espalhou se pela cidade uma proclamação de despedida do principe: «Honrados Paulistas,—dizia-lhes D. Pedro,—o amor que eu consagrei ao Brazil em geral, e á vossa provincia em particular por ser aquella que perante

mim e o mundo inteiro fez conhecer primeiro que todos o systema machiavelico, desorganizador e faccioso das côrtes de Lisboa, me obrigou a vir entre vós fazer consolidar a fraternal união e tranquillidade que vacillava, e era ameaçada por desorganizadores, que em breve conhecereis.

Quando eu mais que contente estava junto de vós, chegam noticias que de Lisboa os trahidores da nação, os infames deputados pretendem fazer atacar o Brasil, e tirar-lhe do seio o seu defensor.

Cumpre-me como tal tomar as medidas que minha imaginação me suggerir, e para que estas sejam tomadas com aquella madureza que em taes crises se requer, sou obrigado, para servir ao meu idolo, o Brazil, a separar-me de vós, o que muito sinto, indo para o Rio onvir meus conselheiros, e providenciar sobre negocios de tão alta monta.

Eu vos asseguro que nem uma coisa me pôderia ser mais sensivel que o golpe que minha alma soffre, separando-me dos meus amigos Paulistanos, a quem o Brazil e eu devemos os bens que gozamos e esperamos gozar de uma constituição liberal e judiciousa.

Agora, Paulistanos, só vos resta conservardes união entre vós não só por ser esse o dever de todos os bons Brasileiros, mas tambem porque a nossa patria está ameaçada de soffrer uma guerra que não só nos ha de ser feita pelas tropas que de Portugal fõrem

mandadas, mas igualmente pelos seus servis partidistas e vis emissarios, que entre nós existem atra-hiçoando-nos.

Quando as autoridades vos não administrarem aquella justiça imparcial que d'ellas deve ser inseparaval, representai-me, que eu providenciarei.

A divisa do Brazil deve ser—*independencia ou morte*—. Sabei que quando trato da causa publica não tenho amigos e validos em occasião alguma. Existi tranquillous. Acautelai-vos dos facciosos sectarios das côrtes de Lisboa, e contaí em toda a occasião com o vosso defensor perpetuo.—*Principe Regente*».

---

## Regresso de D. Pedro ao Rio de Janeiro.

(Pereira da Silva).

Partio emfim de São Paulo o principe no dia 9, e tão velozmente percorreo a distancia que separa por terra aquella cidade da do Rio de Janeiro, que se achou no seu palacio de São Christovão a 17 de Setembro.

Publicou no dia immediato tres decretos importantes

Declarava no primeiro que sendo indispensavel tomar o Brasil escudo de armas differente do de Portugal, adoptava o que decretara seu pai em 1816, modificando-o porém em algumas partes, e escolhendo para o Brazil as côres *amarella* e *verde*.

Dava no segundo ao continente brazileiro um tope nacional, e exigia o trouxessem nos seus chapêos os adherentes á sua independencia, e nos braços a legenda de—*independencia ou morte*—.

Concedia pelo terceiro decreto annistia geral a todas as passadas opiniões politicas, e abrindo os braços aos portuguezes que adoptassem o systema novo do Brazil e se propozessem a defende-lo, ordenava que sahisses do lugar em que residião dentro de trinta dias, e do Brazil dentro de quatro mezes. os que não quizessem adherir-lhe á marcha.

\*

É impossivel descrever o jubilo que innundou a cidade do Rio de Janeiro, e pintar ao vivo o enthusiasmo que se apossou dos seus moradores ao rever no seu seio o príncipe magnanimo que todos idolatravão, e que se afigurava o esteio mais solido e robusto para segurar a independencia do paiz, arrostando os furores das côrtes de Lisbôa, e reunindo á

roda da sua pessoa os esforços e dedicação geral dos povos brasileiros.

Elle só serenava os animos dispersos, acalmava as rivalidades ambiciosas e despeitadas, impunha respeito aos partidos contrarios, e concentrava os elementos precisos contra a crise medonha que ameaçava devorar o continente americano.

Quantas vezes prevenira lutas na propria capital, desarmando odios e vendictas particulares, contendo em paz os adherentes a liberdades publicas, seguidores das bandeiras de Ledo, Januario e José Clemente, e oppondo-se ás diligencias e conselhos dos ministros, que anciavão por perseguir e castigar os seus adversarios!

Sabia-se tudo no Rio de Janeiro, e posto andassem summamente irritados os dous partidos, que divergindo nos meios, almejavão igualmente a independencia do seu paiz, rendião ambos ao principe testemunhos verdadeiros de amor sem limites, e homenagem sincera e pura, que lhes partião dos corações agradecidos

\*

Timbrárão unanimente os dous partidos em festejar o regresso do principe, e dar-lhe publicas demonstrações do seu affecto.

Em varias praças e cantos de ruas improvisárão arcos e columnas allegoricas, enriquecidas de versos

dirigidos ao heróe, a quem o Brasil de joelhos saudava, proclamando a sua independencia, ou que lhe quebrava os ferros do captiveiro que lhe manietavão os braços.

Apparecia em outros logares o retrato de D. Pedro, coroado com um diadema americano, resplendente entre tantas luzes quantas erão as provincias brazileiras, e suspenso pelo distico espirituoso — *veni, vidi, vinci*—que se applicava á sua viagem e feitos memoraveis em São Paulo.

Ouvia por toda a parte o grito de *imperador* com que o acclamava já o povo, anciado por vê-lo cingir o diadema, e elevar-se da cathegoria de *regente*, que guardava ainda, á de soberano nacional e fundador reconhecido de um throno constitucional no sul da America, aonde existião sós republicas ceifadas pelas desordens da anarchia.

\*

Brilhou no firmamento emfim o primeiro clarão do dia faustoso, e esperado tão anciosamente (12 de Outubro).

Estrondosa salva de artilharia repercutio pelos ares, partindo das fortalezas e navios de guerra ancorados no porto, cobertos já com a bandeira auri-vêrde, em que brilhava o escudo das armas brazileiras.

Por onde alcançava a vista, notava-se sobre as

praias do outro lado da bahia, sobre os morros risinhos que as adornão, por cima dos outeiros da Conceição, São Bento, Castello, Santo Antonio, Gloria, Livramento, Gambôa e ilha das Cobras, superior aos lectos das casas particulares, edificios publicos e torres de igrejas do Rio de Janeiro, o nobre estandarte, que se mostrava risonho ao mundo, representando uma nação independente, que tomava logar entre os Estados soberanos do universo.

A cidade pitoresca, que, recostada a beira do seu golpho encantador, manifesta aos olhos dos viajantes o incomparavel e magnifico espectaculo da mais esplendida natureza, madrugou em um contentamento e jubilo impossivel de desenhar-se.

Cobrião as ruas folhas esparsas de arvores vicijantes. Das janellas pendião cortinas adamascadas de valor e aspecto primoroso.

Guarnecião as portas pinturas allegoricas, disticos poeticos, emblemas arrebatadores. Mastros com flammulas levantavão-se das praças, e rasgavão alegremente os ares.

O campo de Santa Anna particularmente denunciava o cuidado e gosto com que se commettia a solemnidade da acclamação de D. Pedro.

Quasi no seu centro erguia-se o palacete ricamente preparado, aonde se devia apresentar o novo monarcha e sua còrte, para o fim de receber as ovações e homenagens do seu povo.

Não pôde conter-se a multidão logo que percebeo que sahira D. Pedro da sua quinta, e se dirigia para o sitio designado

Pelas ruas por elle percorridas, no meio do campo, antes que entrasse no palacete, saudou-o estrepitosamente, acclamando-o de imperador do Brazil.

Descerão o principe e a princeza real dos seus coches, e subirão ás salas superiores do palacete, cercados de cópia immensa de gente, e por entre vivas repetidos e entusiasticos.

Recebeo o senado da camara, que se fizera acompanhar deputados de todas as villas da provincia do Rio de Janeiro e de algumas proximas de Minas.

Recitou-lhe José Clemente um discurso, recapitulando os actos hostis das côrtes portuguezas contra a dignidade da pessoa do principe e os direitos da nação brazileira, minuciando a justiça da declaração da independencia já interiormente effectuada, lembrando-lhe a sua acceitação do titulo de defensor perpetuo, e ponderando-lhe que se não devendo esperar reparação do governo de Lisbôa, convinha appellar para a inteira separação do Brazil, com a fundação na America de um throno occupado pelo herdeiro da casa real de Bragança, e o mais heroico dos principes do mundo.

«O dia anniversario do feliz do feliz nascimento de Vossa Alteza Real,—terminou José Clemente,—é o

designado para o solemnismo acto de sua acclamação e exaltação ao supremo titulo e sublimado emprego de imperador constitucional do Brazil, titulo de que ha muito gozaria se tivesse querido, e que só dependia da sua soberana vontade».

Respondeo-lhe D. Pedro: «Acceito o titulo de imperador constitucional e defensor perpetuo do Brazil, porque tendo ouvido o meu conselho de estado e procuradores geraes, e examinando as representações das camaras das differentes provincias, estou inteiramente convencido de que tal é a vontade geral de todas as outras, que só por falta de tempo não tem ainda chegado».

\*

Prorompeo o presidente do senado em vivas ao *Imperador constitucional e defensor perpetuo do Brazil o Senhor D. Pedro 1.º*, á imperante do Brazil, á dynastia da casa de Bragança, imperante no Brazil, á independencia do paiz, á assembléa geral constituinte e legislativa, e ao povo constitucional do imperio.

Acompanharão-no fervorosamente os circumstantes, e soárão por todo o campo os gritos e vivas repetidos pela multidão que alli se agglomerára.

Salvas derão as tropas reunidas, e desfilarão, acompanhando D. Pedro e a princeza real, que debaixo de um riquissimo palio seguirão para a capella do paço da cidade, a assistir ao *Te-Deum* que

se lhes preparára, em acção de graças ao Todo-Poderoso.

Passarão-se depois os novos soberanos para as salas de palacio, e acolherão prazenteiramente os seus subditos, recebendo o beija-mão habitual e usado na antiga monarchia portugueza.

BIBLIOTHECA PUBLICA

do

ESTADO DO MARANHÃO

## Guerra do Paraguay.

(Conego R. Lemos).

Brilhante, indelevel mesmo, é a pagina gloriosa dos fastos brazileiros onde se registra a Campanha do Paraguay!

Milhões de bravos soldados, commandados por chefes distinctissimos, ali conquistaram nome immortal, escrevendo-o para sempre nos dypticos da historia que o levará á posteridade.

Do mais humilde soldado ao mais elevado general quem houve que deixasse de mostrar heroismo?

Estes legendarios batalhões de voluntarios da Patria poderão jamais ser esquecidos?

Essa esquadra invencivel poderá jamais ser confrontada ou igualada?

Haverá penna que possa descrever tão sublimadas

epopéas quaes os combates pelejados por esses heróes?

Começada a lucta contra o governo do Estado Oriental, esgotados os meios da prudencia, á este o Brazil declarou guerra sahindo victorioso em Paysandú, e afinal na capitulação de Montividéu (1865).

Em breve segue-se contra o tyranno presidente do Paraguay, Francisco Solano Lopes, por perseguir as populações brazileiras, visinhas á seus estados, trucidando-as, assassinando as, roubando suas propriedades, talando seus campos, invadindo nossas fronteiras, occupando fortalezas e territorios de Matto-Grosso, aprisionando navios mercantes, e commettendo toda sorte de desvarios!

Se as forças do Paraguay perpetraram tantas atrocidades mui charas lhes custaram. Todos sabem das luctas homericas, dos combates mortiferos, dos gloriosos e estupendos triumphos alcançados pelos nossos.

Uruguayana, Riachuelo, Mercedes, Guevas, Jatahy, Cururupú, Curupaity, Humaitá, Tuyuty, Timbó, Tebiquary, Itoró, Avalhy, Lomas Valentinias, Augustura, Assumpção, Cerro-Corá, e Aquidaban . . .

Triumphante o Brazil n'esta prolongada campanha, celebraram se os tratados de paz, elegeu-se governo illustrado para o Paraguay, firmou se a constituição, e hoje goza de ventura que jamais lograria si o

Manoel Antonio de Rego.

—231—

tyranno que o opprimia não fosse vencido e morto na lucta!

BIBLIOTHECÁ PUBLICA

do

ESTADO DO MARANHÃO

D. Vital, Bispo de Olinda. (1)

(Dr. Antonio M. dos Reis).

O sr. bispo de Olinda (no seculo, Antonio Gonçalves de Oliveira Junior), era filho legitimo do illm. sr. capitão Antonio Gonçalves de Oliveira e da exm.<sup>a</sup> sr.<sup>a</sup> d. Antonia Albina de Albuquerque.

Seu nascimento teve lugar em Pedras de Fogo, provincia de Pernambuco, a 27 de Novembro de 1844; e foi baptisado no dia 2 de janeiro de 1846.

Seus paes o educaram no santo temor de Deus, que é o principio de toda a sabedoria.

Imitaram assim o exemplo de Abrahão para com Isaac, de Jacob para com José, de Helcana para com Samuel, e de outros varões cheios de santidade de que nos fallam os Livros Santos.

Após ter feito o seu curso preparatorio no collegio de Bemfica, que outr'ora funcionou na cidade do Recife, e onde se recommendou pelo seu talento e do-

(1) Resumo da noticia biographica, dada pelo Dr. Reis.

cidade, sentindo-se com decidida dedicação para o ministerio do altar, entregou-se com grande aproveitamento ao estudo das sciencias ecclesiasticas, sendo-lhe conferida a ordem de primatonsura a 16 de Dezembro de 1860, no palacio da Soledade, pelo sr. D. João de Purificação Marques Perdigão, de saudosa memoria.

A 1.º de outubro de 1862, depois de haver cursado o primeiro anno de theologia moral no Seminario de Olinda, embarcou para a Europa afim de terminar seus estudos theologicos no excellente Seminario de S. Sulpicio.

\*

Alli entrou a 21 de outubro do mesmo anno. Tendo sustentado brilhantemente as theses finaes de philosophia, deixou o seminario e recolheu-se ao Convento dos Capuchinhos de Versailles, a 16 de Julho de 1863.

Tomou o habito do seraphico S. Francisco de Assis a 10 de Agosto d'esse anno, profesando voto simples doze mezes depois e o voto solemne decorridos quatro annos.

Concluido o seu noviciado, foi D. Fr. Vital completar os seus estudos no convento de Tolosa (casa de estudos).

Ahi recebeu as ordens menores a 8 de Julho de 1866.

Foi ordenado Subdiacono a 8 de Dezembro de 1867, Diacono a 6 de Junho de 1868, e Presbytero a 2 de Agosto d'esse anno.

D. Vital celebrou a sua primeira missa no dia seguinte ao da sua ordenação, a 3 de Agosto.

Em outubro regressou para o Brazil com destino á diocese de S. Paulo, em cujo seminario episcopal leccionou com talento, que todos lhe reconheciam, a aula de philosophia, até a data da sua apresentação para principe da Igreja Olindense.

Foi nomeado Bispo da diocese de Pernambuco por decreto imperial de 24 de março de 1871 e preconisado no consistorio de 23 de dezembro do referido anno.

A sua sagração, que foi feita com grandissima pompa e solemnidade, effectuou-se na bella cathedral de S. Paulo a 17 de março de 1872, sendo bispo sagrante o exm. e revm. sr. D. Pedro Maria de Lacerda, bispo de S. Sebastião do Rio de Janeiro.

Não podendo voar nas azas da caridade ao seio de seu querido rebanho, ontorgou poderes ao revm. vigario capitular, conego João Chrysostomo de Paiva Torres, já fallecido, que em seu nome tomou posse do bispado a 3 de Abril daquelle anno.

O joven e illustre Prelado desembarcou a 20 de Maio na cidade do Recife, sendo recebido com so-

lemne *Te-Deum* na Igreja do Espirito Santo; e fez a sua entrada solemne em Pernambuco, a 24 de Maio de 1873, em companhia de seu illustre collega, amigo e socio de lutas e de glorias, o Exm. e Revm. Sr. D Antonio de Macêdo Costa, Bispo do Pará, com muitissima rasão cognominado o Chrysostomo Brasileiro, tomando posse do Bispado a 24 do mesmo mez e anno.

Os jornaes do Imperio deram testemunho do regosijo e enthusiasmo com que o povo pernambucano recebeu o seu Pastor.

Infelizmente já a 21 de Novembro S. Exc. Revm.<sup>a</sup> via-se obrigado a dirigir-se aos Revds. Parochos e seus veneraveis collaboradores, aconselhando-lhes que acautellassern suas ovelhas contra as perniciosas doutrinas pregadas e propaladas pela Maçonaria com grande detrimento da Igreja e escandalo dos fieis.

D'aqui nasceu o conflicto religioso em Pernambuco, que tanto tem abalado a sociedade brasileira.

---

## D. Vital pronunciado, preso, amnistiado.

Por aviso de 12 de Junho de 1873, foi S. Exc. intimado pelo governo imperial para levantar o in-

terdicto que se vio forçado a lançar na *parte espiri-  
tual* da irmandade do Santissimo Sacramento da Ma-  
triz de Santo Antonio do Recife.

Deu-se então a notavel coincidencia de receber S.  
Exc. juntamente com aquelle aviso o Breve *Quamquam  
dolores*, approvando e louvando o seu comporta-  
mento.

O illustre prelado respondeu longa e brilhante  
mente, sustentando a legalidade de seu acto, a 6 de  
Julho de 1873; e n'um opusculo intitulado—O Bispo  
de Olinda e os seus accusadores no Tribunal do Bom  
Senso—examinou e refutou magistralmente o celebre  
aviso de 27 de Setembro, que mandou ao Procurador  
da Corôa que denunciasse ao Bispo, e a famosa de-  
nuncia dada a 16 de Outubro, que foi o maior fiasco  
de que ha noticia nos annaes judiciaes do Imperio!

\*

A 12 de Dezembro d'esse mesmo anno foi o illustre  
D. Fr. Vital pronunciado no artigo 96 do codigo cri-  
minal, com assombro de todo mundo!

A 2 de Janeiro de 1874 foi preso e recolhido ao  
Arsenal de Marinha do Recife ás 3 horas da tarde  
desse dia, tendo antes protestado que só deixava a  
Diocese confiada á sua sollicitude pastoral, arrancado  
violentamente pela força do governo.

Este protesto foi lavrado e lido perante o Dr. Chefe  
de Policia e mais officiaes encarregados da prisão do

heroico Bispo e assignado por S. Exc. Revm.<sup>a</sup>, o seu Vigario Geral e todos os empregados e officiaes da secretaria do Bispado, que testemunharam o acto.

\*

Chegando á Bahia, foi S. Exc. visitado pelo Exm. Arcebispo Metropolitano, de saudosa memoria, que protestou energicamente contra o attentado inaudito de que era victima o seu veneravel irmão em Jesus Christo.

Alli foi o inclito Bispo transferido para o transporte *Bonifacio*, vaso imprestavel, sem a menor commodidade, chegando á côrte na noite de 13, a fim de evitar-se alguma manifestação por parte dos catholicos !

\*

A 21 de Fevereiro de 1874 foi julgado e condemnado *inevitavelmente* pelo Supremo Tribunal de Justiça no artigo 96 do codigo criminal, a quatro annos de prisão com trabalho e custas!!...

Apresentaram-se e conseguiram ser admittidos como defensores espontaneos do inclito Bispo os illustres *conselheiro Zacharias de Góes e Vasconcellos* e *senador Candido Mendes de Almeida*, que perante um numerosissimo auditorio, no qual se notavam todas as illustrações do nosso fóro, produziram uma brilhante defesa, historiando fielmente os factos e provando á luz do direito, da razão e da justiça, a in-

nocencia da nobre victima que foi enthusiasicamente victoriada pela multidão ao sahir do Tribunal.

Por decreto de 12 de Março foi-lhe commutada a pena em quatro annos de prisão simples na fortaleza de S. João, sendo S. Exc. transferido do arsenal para a fortaleza a 24 do dito mez, pelas 9 horas da manhã.

\*

Em 17 de Setembro de 1875, o novo ministerio, presidido pelo illustre *Duque de Caxias*, inaugurou uma nova politica, decretando a annistia do joven Prelado e de seu glorioso companheiro de provações, o sabio Bispo do Pará, o que foi de grande satisfação para todos os catholicos.

Concedida a annistia aos heroicos Bispos e Governadores de Olinda e do Pará, e mais sacerdotes envolvidos no conflicto religioso, a 17 de Setembro de 1875, como vimos, D. Frei Vital recolheu-se ao convento dos Revms. Padres Missionarios Capuchinhos no Morro do Castello, onde permaneceu até o dia 4 de Outubro do mesmo anno, sendo alli constantemente visitado pelos mais notaveis personagens da corte, e numerosos catholicos de todas as gerarchias que o procuravam, para vê-lo, e saudal-o e receber a sua benção.

BIBLIOTHECA PUBLICA  
do  
ESTADO DO MARANHÃO

## D. Vital na Europa.

Na mesma data (4 de outubro), partiu para a Europa directamente, a bordo do paquete inglez *Corcovado*.

.....  
As 7 horas da noite de 9 de Novembro chegou a Roma.

No dia seguinte ao da chegada a Roma (10 de Novembro), ás *Ave-Maria* teve a primeira audiencia particular com o Santo Padre, que o tractou amorosamente, recebendo-o e abraçando-o com todo o carinho e affecto

A 16 de Novembro teve segunda audiencia, e terceira a 21 do mesmo mez, a qual durou cerca de quarenta e tres minutos.

Não se passava semana sem que o grande Athanasio Brasileiro fosse visitar o venerando chefe da christandade, porem n'essas occasiões sempre o avisava quando elles descia para o jardim.

Outras audiencias de maior momento que D Frei Vital teve de Pio IX, foram a 28 de Dezembro de 1875, quando o Santo Padre o presentou com um Missal romano ricamente encadernado, a 12 de Janeiro, e a 22 de Fevereiro de 1876

O heroico Bispo achou-se ainda na augusta presença

do Pastor de todos os pastores a 13 de Maio de 1876 por occasião do anniversario natalicio do immortal Pontifice, que n'essa occasião o distinguiu com um magnifico cochim bordado a ouro, o qual se conserva como preciosa reliquia no palacio da Soledadé no Recife.

Sahindo para Paris em 1.º de Março, esteve na capital da França até 3 de Maio, quando regressou para Roma, chegando de novo à cidade eterna no dia 5 pela manhã.

Ali demorou-se até 8 de Junho, residindo no Collegio Americano.

Ainda em Roma, a 2 de Janeiro de 1876, celebrou o Santo Sacrificio no carcere de S. Pedro, o famoso carcere Mamertino, a fim de commemorar a data da sua prisão, que se deu no Recife a 2 de Janeiro de 1874.

Tendo sahido da cidade eterna a 8 de Junho,  
. . . . . no dia 18 de Setembro, à tarde, estava em Bordeaux, a fim de partir para o Brasil no dia 20, como teve lugar, a bordo do paquete francez *Paraná*.

Durante o tempo de quasi doze mezes que o illustre Bispo de Olinda esteve na Europa, foi sempre muito visitado não sò por illustres Cardeaes, Bispos, Sacerdotes seculares e regulares, como tambem por

muitas pessoas nobres, titulares, magistrados, jornalistas catholicos e numerosos fieis seus admiradores

\*

Mas o que è notavel, o que o eleva acima de todas as grandezas da terra, o que mais o nobilita e glorifica, á face da Egreja e do seculo é a sua modestia exemplar, a sua abnegação sublime, a sua sincera humildade.

O virtuoso filho do Patriarcha de Assis sempre que se achava nos Conventos de sua Ordem, deixava de ser o Bispo de Olinda, para ficar sendo simplesmente Fr. Vital, um pobre capuchinho como seus irmãos da habito; e portanto, observava o regulamento o mais que podia, affirmando se que elle se disciplinava ás sextas-feiras de cada semana juntamente com a communitade!

Mas não é tudo. Para eterna gloria de seu nome, consolo e edificação dos que nos leem, assevera uma testemunha ocular digna de todo o credito que, sempre ás sextas-feiras e em algumas semanas mais vezes, maxime se occorria festa solemne de Nossa Senhora, elle servia a meza, ia á cozinha, lavava a louça, varria o refeitório, e empregava-se nos misteres os mais humildes do convento!

Que exemplo e que lição para os que fazem da soberba e do orgulho o pedestal da sua grandeza!

E assim praticando tal era a consolação que sentia o heroico Bispo, que muitas vezes disse á um sacerdote seu amigo: «*Que boa e santa vida! . . . Quem me dêra morrer por aqui, entre meus irmãos!*»

Foi surpreendido muitas vezes, o Athausio Brasileiro, sosinho, descalço, apesar do intenso frio que fazia, a praticar a devoção da *Via Crucis*, no claustro do convento; e o pensamento d'esse varão apostolico, desse homem formado segundo o coração de Deus, em momentos tão solemnes, era a sua Igreja de Olinda e a salvação de seu rebanho.

Mas prosigamos porque taes factos são de si tão eloquentes, tão cheios de grandeza e de unção que dispensão commentarios

---

D. Vital regressa ao Brazil.  
Terceira viagem a Europa. Morte de D. Vital.

(Dr. A. M. dos Reis).

Partindo de Bordeaux a 20 de Setembro de 1876 chegou o illustre Prelado a Pernambuco no dia 6 de Outubro á tarde.

Ao voltar para sua diocese, foi o inclyto confessor da fé recebido com as maiores, as mais significativas

e estrondosas demonstrações de amor, de respeito, de enthusiasmo e de reconhecimento de sua sagrada pessoa. . . . .

Foi um dia de festa para a familia catholica de Olinda; após longa e dolorosa ausencia havia chegado o seu Pae espiritual, de fronte erguida, olhar firme, empunhando o baculo de pastor, que recordava a vara prodigiosa de Moysés.

O som festivo dos sinos, as flores que chovião das alturas, as harmonias da musica, as acclamações do povo, as salvas, os risos, as bençãos e até as lagrimas, tudo isto formava um concerto sublime e fundia-se na mais esplendida ovação que jamais se presenciou.

Às trevas do Calvario succedião as luzes do Thabor.

À 12 do mesmo mez (Outubro) embarcou D. Fr Vital com destino à Córte, onde chegou à 18 e d'aqui voltou à Pernambuco, à 4 de Noyembro, chegando à sua diocese à 9.

À 25 de Abril de 1877 veio novamente para o Rio de Janeiro.

\*

D. Vital (pela 3.<sup>a</sup> e ultima vez) partiu para a Europa, em companhia dos romeiros brasileiros, no vapor *Paraná*, que largou às 4 horas da tarde do dia 1.<sup>o</sup> de Maio.

Chegando a Bordeaux á 21, ali demorou-se alguns dias, indo em seguida a Paris, e depois a 6 de junho para *Mont-Dore*, a fim de usar das aguas sulphureas.

Após 18 mezes de estada alli partiu para Tolosa, onde passou todo o mez de Agosto e depois para Roma, onde chegou a 25 de Setembro de 1877.

\*

Foi n'esta cidade que a 21 de Janeiro de 1878 sentiu-se accommetido do mal que o fez victima

Guardou o leito quasi um mez na Cidade Eterna, desde o dia 21 de Janeiro até 14 de Fevereiro.

Á 26, por conselho dos medicos, o illustre Bispo de Olinda sahiu de Roma com destino á França, e como estivesse muito fraco ia se demorando em algumas cidades.

A 13 de Março chegou á Paris, continuando enfermo até 7 de Junho, de modo a não poder sahir do convento da sua Ordem, á rua *de la Santé*, n. 15, onde se recolhera.

Segundo informações ministradas pelo seu digno confessor e enfermeiro, que o tratou sempre com o maior desvelo e recebeu seu ultimo suspiro, no Domingo de Paschoa, á 21 de Abril, D. Fr. Vital levantou-se, parecendo bem disposto, e celebrou o Santo Sacrificio.

Á 7 de Junho, porem, sahiu de carro, para visitar

a uns amigos, e desde então, tornando ao convento sentiu-se tão gravemente prostrado, que nunca mais deixou o leito.

\*

No dia 4 de Julho pela manhã, após ter recebido os Sacramentos, na vespera por elle mesmo pedidos, estava tão calmo, tranquillo e resignado que a todos edificava. Nem um gesto de impaciencia, nem a mais leve murmuração contra alguém, sahia de sua bocca, que só dizia estar prompto á fazer a vontade de Deus e a dar a vida pela sua Igreja de Olinda !

Às 7 <sup>1</sup>/<sub>2</sub> da noite do mesmo dia (4 de Julho) o Revm. Padre Provincial dos Capuchinhos deu-lhe a absolvição, depois da qual fez uma allocução terna e commovente até as lagrimas.

Todos os que estavam presentes choravão e soluçavão, só a victima que se havia votado ao sacrificio sorria, fitando os olhos no Céu !

Às 10 horas começou uma doce agonia; ás 10 <sup>1</sup>/<sub>2</sub> o Bispo moribundo proferiu algumas palavras, mas já não pôde ser comprehendido.

Finalmente as 11 horas e 15 minutos (de 4 de Julho de 1878), expirou. Sua alma rompendo os laços que a prendião á terra voou ao Céu a gozar da presença do seu Creador.

Na manhã seguinte foi embalsamado, ficando o

seu cadaver exposto na Igreja dos Religiosos até o dia 8, em que tiverão logar as exequias sollemnes.

\*

Os convites para a funebre cerimonia forão feitos Revm. Padre Provincial e pelos Religiosos Capuchinhos do convento de Paris

Eis aqui a traducção da respectiva carta:

•Senhor. Nós lhe rogamos digne-se de assistir ás exequias do Illm. e Revm. Padre em Deus, Monsenhor Fr. Vital Maria Gonçalves de Oliveira, da ordem dos frades menores Capuchinhos, Bispo de Olinda no Brazil, santamente fallecido no convento de sua ordem, rua da Saúde, n 15, em Paris, aos 4 de Julho de 1878. na idade de 31 annos, 15.º de sua profissão religiosa, e 7.º de seu Episcopado.

Da parte do Revm. Padre Provincial e dos Religiosos Capuchinhos do convento de Paris, onde se hão de celebrar as exequias:

O officio começará as 8 da manhã e a Missa as 9 horas em ponto, do dia de segunda-feira 8 de Julho de 1878.

Sua Eminencia Monsenhor Cardeal Arcebispo de Paris assistirá á Missa e dará a ultima absolvição.

O corpo será immediatamente transportado para

Versailles e sepultado no carneiro dos Padres Capuchinos». (1)

A capella dos Revms. Padres esteve sempre repleta de fieis.

Terminadas as ceremonias funebres o povo precipitou-se em onda sobre a eça para levar as flôres, palmas e grinaldas, como uma recordação saudosa d'aquelle que tinha subido á mansão celeste. Parecia mais a apotheose de um heroe, do que o passamento de um Bispo.

---

## Espirito de D. Vital.

(Dr. A. M. dos Reis).

D. Frei Vital, pela amenidade de seu trato, pela energia de seu character, pela firmesa de sua fé, e pela força de sua palavra, pela sua illustração, perseverança e coragem nunca desmentidas, ainda nos mais apertados lances da sua vida episcopal, deixou entre

---

(1) O corpo de D. Vital foi realmente depositado no cemiterio de Versailles, até Junho de 1881, quando á esforços do actual Sr. Bispo de Olinda, foi transportado de Versailles para Bordeaux e de Bordeaux para Pernambuco, onde chegou á 4 de Julho do mesmo anno de 1881, justamente quando completava-se o 3.<sup>o</sup> anniversario da morte de D. Vital.

nós um vestigio luminoso de sua passagem, e seu nome ha de figurar com honra nos fastos da Igreja Brasileira, e nas paginas da Historia contemporanea.

Nem as promessas, nem as ameaças, nem os processos, nem as condemnações, tudo quanto a ignorancia, a má fé e a iniquidade inventaram e puseram em pratica para abatel-o do alto pedestal em que se collocára, nada pôde alterar a calma d'esse grande espirito; pairou, aguia sublime, acima de todas as miserias e de todas as corrupções de nossa epocha..

No solio episcopal, como no recinto d'uma fortaleza, no altar como no carcere, tanto livre como preso, a palavra de Deus nunca estava captiva em seus labios, e os potentados, os sacrilegos e os inimigos de Christo e de seus ministros, espumaram, vociferaram, blasphemaram, processaram, prenderam e condemnaram, mas não fruiram a ventura do triumpho; porque, ainda na prisão, D. Frei Vital foi sempre o Bispo de Olinda, e lastimava a sorte miseranda de seus verdugos.

Hoje dorme na paz do Senhor o grande lutador, que nunca foi prostado na arena, e cujos louros nem o bafio da calumnia conseguiu emmurchecer.

Soldado de Jesus, morreu abraçado com a bandeira da Redempção, que elle arvorou intrepido nos bas-

tiões do erro e da impiedade, e fê-la tremular á face do universo no mais encarniçado da peleja.

Morreu longe de sua patria, a quem elle, o unico, desde que somos uma nação independente, deu o exemplo de virilidade, em frente do despotismo mascarado em governo constitucional.

D Fr. Vital foi injuriado, insultado, calumniado, preso, processado, conduzido á barra do Supremo Tribunal e condemnado tumultuariamente, porque a sua condemnação era *inevitavel*, como se escreveu em um orgão ministerial da cõrte!! Mas os que lhe teceram a corõa de espinhos, esses mesmos a converteram em corõa de gloria, porque de uma a outra extremidade do Imperio e alem dos mares, echoou o brado da justiça e os seus verdugos viram no desprezo dos contemporaneos, o juizo tremendo da posteridade.

Seus inimigos puzeram em jogo todas as astucias e maquinações que o Inferno lhes suggeria, para perder o illustre Confessor da Fê no conceito publico, e desmoralisal-o aos olhos do mundo Catholico.

Para isto nada se poupou; o rogo, a promessa, a offerta, a intriga, a ameaça, e tudo quanto a má fé e a perversidade pode inventar de mais repugnante e de mais vil!

Mas, graças ao Omniponte, o heroico Bispo como

Daniel, sahio illeso da cova dos leões, e o martyrio que soffreu, não fez mais do que santificar a sua pessoa e realçar o seu triumpho.

Ante a sua grandeza moral ficaram confundidos os impios.

D. Fr. Vital Maria Gonçalves d'Oliveira cumpriu o seu dever como cidadão e como Bispo.

Ahi ficam seus luminosos escriptos para recordar aos contemporaneos e attestar á posteridade esses processos monstruosos, essas condemnações iniquas, que, se foram uma gloria para a Igreja e uma honra para as victimas, foi um opprobrio para o Imperio.

Doime em paz, intrepido lutador, oh! grande Athanazio Brasileiro! cujo nome è tão popular na terra da Santa-Cruz.

Teus algozes vão se sumindo no pó do tumulo, onde dormirão a noite do esquecimento, enquanto que tu, oh! illustre Confessor da Fè! viverás no coração de todos os catholicos e nas paginas immortelles da Historia.

BIBLIOTHECA PUBLICA  
do  
ESTADO DO MARANHÃO

## Zacharias de Góes e Vasconcellos.

(Conego Dr. Mourão).

Tombou para sempre no pó do sepulchro o corpo do senador *Zacharias de Góes e Vasconcellos*, mas se perpetuará na posteridade a sua memoria, e o seu vulto grandioso levantado pela historia imparcial servirá de exemplo e animação aos que se dedicarem á vida publica.

Zacharias era uma poderosa individualidade, um talento brilhante, um espirito verdadeiramente culto.

Seus discursos no parlamento revelam a vastidão de seus conhecimentos.

No senado não havia palavra mais tímida e mais respeitada. Penetrava á fundo nos mais complicados problemas e sua solução era sempre segura e luminosa.

Jurisconsulto abalisado, financeiro consummado, prestava o senador Zacharias ao paiz os mais assignalados serviços.

Sua probidade nunca posta em duvida, seu procedimento irreprehensivel, que era para muitos censura viva e constante, lhe grangearam o respeito de seus adversarios.

Homens de todas as opiniões vieram prestar homenagem ao illustre morto, e collocar em nome da patria por sobre a sepultura do eminente cidadão uma corôa de saudades.

Calam se juncto ao tumulo as paixões que referem durante a vida e por isso a imprensa brasileira unanime pranteou a perda irreparavel do grande homem.

«Homens d'essa estatura servem, na orographia moral do mundo, para assignalar os mais altos cimos do engenho humano».

Estas palavras de um distincto escriptor brasileiro podem applicar-se em toda a sua extensão á Zacharias de Goes e Vasconcellos

\*

Deixemos o grande estadista para contemplar o catholico fervoroso. A imprensa liberal, apontando-lhe os meritos politicos, deixou em silencio as crenças de Zacharias de Goes e Vasconcellos.

Pois é ahi sobretudo que elle se manifestou grande. Não se pode dizer que seu cultivado espirito fosse avassalado por influencias estranhas.

Estudava por si mesmo a Religião, abraçou-a com sinceridade, nunca recebeu manifestar ou partidar em publico sua fé e acrisolado amor á cadeira de S. Pedro.

O *virus* da impiedade penetrou no seio do partido

liberal, mas Zacharias resistio ao espirito de novidade, luctou com seus proprios amigos para acatellar os interesses sagrados da Igreja, de quem era filho obediente e dedicado

Neste procedimento vae o heroismo. Todos sabem quanto é difficil resistir ás seduccões do espirito partidario.

Zacharias, porem, não succumbiu, arriscando sua popularidade nos proprios arraiaes de que era chefe.

E quantos vendem a consciencia por um pouco d'essa fumaça, que se chama aura popular !

Os grandes homens, como os grandes generaes, entram na batalha sem contar o numero de seus soldados, só tem os olhos fitos no dever e no bem commum. Zacharias collocou-se sempre do lado da Igreja opprimida e de seus Ministros perseguidos.

Aos ouvidos do augusto Pontifice Pio IX chegou a noticia dos serviços prestados á Religião por esse brasileiro distinctissimo, e foi elle agraciado com a nobilissima commenda de S. Gregorio Magno.

\*

Veiu a questão religiosa. O Conselheiro Zacharias não desmentio o seu glorioso passado.

Na defesa, sobretudo, do inclyto Prelado paraense, perante o supremo Tribunal de Justiça elevou Zacharias a eloquencia de fôro a uma altura a que só

pôde acompanhá-lo o genio inspirado de Ferreira Vianna.

É o ponto culminante de suas glorias como advogado, jurisconsulto, e catholico, é a pagina mais brilhante que legou á posteridade.

Na vespera da ascensão do partido liberal, que tanto precisa de um homem religioso para moderar-lhe os excessos, é roubado á patria pela mão inexoravel da morte o preclaro catholico, conselheiro Zacharias de Goes e Vasconcellos.

Altos juizos de Deus!

\*

A Igreja brasileira cobre-se de lucto, vendo desaparecer da arena esse amestrado defensor de seus direitos.

Era no senado o chefe dessa gloriosa phalange catholica, resumida no numero, mas poderosa pelo saber, composta de Candido Mendes de Almeida, Figueira de Mello, Firmino Rodrigues da Silva, Silveira Lobo, etc.

Consola-nos a esperanza de que Zacharias desfructa hoje na bemaventurança o premio de suas virtudes.



BIBLIOTHECA PUBLICA  
do  
ESTADO DO MARANHÃO

## QUARTA PARTE

---

### GLORIAS MARANHENSES.

SIBLIOTHECA PUBLICA  
do  
ESTADO DO MARANHÃO

M. Odorico Mendes,

(F. Sotero dos Reis).

. . . . . Nascêo Manoel Odorico Mendes na cidade de S. Luiz do Maranhão a 24 de janeiro de 1799, e fallecêo em Londres de uma apoplexia fulminante a 18 de agosto de 1864, quando se dispunha a regressar ao Brazil, e á sua provincia, depois de uma prolongada ausencia de 17 annos em paiz estrangeiro

Era oriundo das mais antigas e illustres familias desta terra, pois descendia, por seu pae, o capitão-mór Francisco Raymundo da Cunha, do capitão-mór Antonio Teixeira de Mello, heroico restaurador do Maranhão, donde expulsou os hollandezes em 1644, e por sua mãe D. Maria Raimunda Corrêa de Faria, do celebre e infeliz Bekman.

Tomou porem o appellido de Mendes de seu tio, padrinho e pae adoptivo, Manoel Mendes da Silva.

Foi commendador da ordem de Christo, deputado

por diversas vezes à assembléa geral legislativa, inspector da thesouraria da provincia do Rio de Janeiro, logar em que se aposentou, e membro do Instituto Geographico Brasileiro, e de diversas sociedades litterarias nacionaes e estrangeiras.

Dotado pela natureza de mui feliz engenho, e concluidos aqui os seus primeiros preparatorios com grande applauso de seus mestres, dirigiu-se á Portugal, com intento de graduar-se na faculdade de medicina da universidade de Coimbra, e ahi fez o curso completo de philosophia natural, depois de haver estudado philosophia racional e moral, e grego.

\*

Por inconvenientes, como falta de mesadas por fallecimento de seu pae adoptivo, vio-se obrigado a interromper os seus estudos, e a voltar ao Maranhão em 1824, ainda com proposito de ir continual-os, si se lhe proporcionassem meios.

Dado ao commercio das musas, desde os mais verdes annos, nunca deixou de cultivar a poesia nas horas que lhe sobravão dos outros estudos, que comprehendêra, e foi durante o tempo em que cursou a a universidade de Coimbra, que compoz entre outras poesias lyricas o seu bello hymno á tarde, que foi reimpresso, em 1861, no Parnaso Maranhense, e é com razão elogiado pelos entendedores.

Ao chegar porém a provincia, ainda estremecida das lutas intestinas que se seguirão a independencia, mudou de intento, e escreveu com ardor juvenil o *Argos da Lei*, em que consignou as suas ideas liberaes, e que logo lhe adquirio muita popularidade.

Eleito deputado á assembléa geral legislativa em 1824, partio para o Rio de Janeiro que lhe abriu campo mais vasto a carreira politica.

Reeleito consecutivamente deputado, por sua popularidade sempre crescente, foi muitos annos secretario da camara dos deputados, iniciou leis importantes, como a da abolição dos morgados, e a da primeira reforma eleitoral, e concorreu para a confecção de outras que o não erão menos, sendo a sua palavra autorisada, senão eloquente, de grande peso na tribuna. . . . .

. . . . . Si concorreu para a revolução de 7 de abril, grande foi a influencia benefica que nella exerceo, empregando seus esforços para que não fossem perseguidos os vencidos, e pedindo tolerancia para com elles do alto da tribuna, com sacrificio de sua popularidade, porque a sua alma patriótica era tão nobre, como generosa.

É fama constante que não quiz ser então regente, e apresentou em seu lugar o seu amigo João Braulio Moniz, que foi nomeado. . . . .

Em 1847 abandonando, de todo a vida politica, que por seu nobre desinteresse e franqueza só lhe occasionára desgostos e decepções, sahio do Rio de Janeiro, e dirigiu-se a Pariz, onde viveo 14 annos da aposentadoria do seu emprego de fazenda, occupado nas suas traducções de *Virgilio* e *Homero*, e quasi totalmente ignorado do Brazil, em cujos destinos tanta influencia exercera.

Em 1861 fez uma viagem á Italia para visitar o tumulo de Virgilio, seu poeta querido, e nelle depôr uma corôa de flores em testemunho de sua admiração por tão singular engenho.

Em 1864 partio para o Maranhão, fazendo viagem por Inglaterra, que desejava visitar; e ahi nos foi roubado por uma morte subita, na idade de 65 annos e alguns mezes, quando se dispunha a vir imprimir no imperio a sua traducção da *Illiada* e da *Odysséa* de Homero, que tinha concluido, e não deve por certo ser menos rica, que a da *Eneida* de Virgilio.

\*

O maior elogio que se pode fazer a um homem de bem, que recusou um dos maiores cargos do imperio, e que tendo tantas occasiões de engrandecer-se sempre despresou as honras e a riqueza, para viver em honrada mediania, acha-se consignado nas seguintes palayras de João Francisco Lisboa, na bella biographia, que lhe compoz: «Os companheiros de

Odorico nas lutas do primeiro reinado (diz o illustrado biographo) chegarão todos ou quasi todos ás maiores honras, e ás mais elevadas posições politicas e sociaes.

«Alguns as deverão sem duvida aos seus talentos fora do commum; outros a destreza e habilidade com que souberão manobrar no mar incerto em que navegão. Mais inflexivel ou menos habil no caminho que preferio, Odorico Mendes tem visto sem pezar todas essas grandezas que lhe não couberão em sorte, pago e satisfeito de haver atravessado a vida conservando-a immaculada até da menor suspeita, que lhe pudesse levemente marear o lustre... Homem moldado á antiga, sua velhice socegada e digna passa-se na pratica de todas as virtudes e na effusão dos sentimentos de amizade, indulgencia e brandura, que sempre caracterisarão a sua alma affectuosa.

Essa placidez porém nem é inerte e egoista, nem esteril».

...Foi Odorico Mendes versadissimo em todo genero de litteratura antiga e moderna, profundo no conhecimento das linguas. de erudição inexgotavel, e o poeta pela ventura mais sabedor de nosso idioma de quantos teem ultimamente florecido no Brazil e em Portugal, como o attestão suas obras impressas, e por imprimir.....

## João Francisco Lisboa.

(A. H. Leal).

Nascem muitas vezes os engenhos privilegiados como a Pallas da Fabula, já revestidos com todas as peças da armadura.

Para essas intelligencias à quem Deus bafejou o sopro do genio não ha disciplinas escolares nem tempo, não são precisos estudos regulares nem mestres para que se formem, desenvolvam e robusteçam: dispensam não raro as doutas academias, volumosas bibliothecas, e o tracto e a convivencia dos sabios.

Afastados dos grandes focos de luz e civilisação, adstrictos por necessidade ao acanhado torrão onde lhes foi o berço, ahi, na solidão do gabinete, bastam-lhes os esforços do raciocinio, allumiados pelas cançadas locubrações que lhes fornecem os fracos meios de que dispõem, para refulgirem com a coroa resplendente e a magestade de reis do pensamento, e como taes serem applaudidos e admirados.

Ao passo que consomem os talentos vulgares horas e muito labor em perceber uma verdade, descobrem-n'a as felizes intelligencias guiadas quasi que só pela inspiração.

... Sem ir pedir emprestado a estranhos, no nosso

Brazil, ainda despovoado, impervio, em sitios separados por sertões de leguas e leguas, e por mares a perder de vista, posso com ufania aponta-los de quilate não inferior, e ahi está avultando entre os primeiros *João Francisco Lisboa*.

Esse engenho peregrino, sem ter sahido do Maranhão até os quarenta e tres annos, ahi se fez o que foi, ahi estudou, ahi adquiriu os conhecimentos que ostentava em seus trabalhos, ahi escreveu jornaes que podem servir de modelo pela linguagem culta e polida, pela elevação do pensamento e acrysolado patriotismo, ahi pronunciou na tribuna parlamentar e judiciaria discursos de que se recordam com enthusiasmo todos quantos o applaudiram, arrebatados pela sua varonil eloquencia, e ahi finalmente compoz, e publicou até o penultimo numero os seus tão lidos e justamente avaliados jornaes de *Timon* que constituem o seu maior padrão de gloria.

---

## Biographia de João Lisboa.

(Francisco Sotero dos Reis).

Nascêo João Francisco Lisboa no lugar denominado Pyrapemas da freguezia de N. S. das Dôres, do Ita-

picurú da provincia do Maranhão, a 22 de março de 1812, e fallecêo em Lisbôa a 26 de abril de 1863, na idade de 51 annos. quando o seu singular talento promettia ainda muito; pois a morte veio sorprehendel-o no meio de trabalhos importantes, taes como a composição da historia do Maranhão para a qual havia colligido materiaes.

Foi commendador da Imperial Ordem da Rosa, membro do Instituto Historico e Geographico do Brazil, e socio correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisbôa.

Era oriundô de uma das principaes familias da provincia, e filho legitimo do lavrador João Francisco de Mello Lisbôa, e de D. Gertrudes Rita Gonçalves Nina.

Orphão de pae em mui tenra idade, devêo a sua primeira educação unicamente aos desvelos maternas.

Na idade de onze annos ja sabia tudo o que então se podia aprender nas escholas de primeiras letras.

Depois de haver recebido a instrucção primaria nesta cidade, para onde viera com sua mãe, voltou com ella á viver no interior, d'onde, aos 15 annos feitos, veio outra vez a esta cidade, e entrou em 1827 de caxeiro na casa commercial do negociante Francisco Marques Rodrigues, cuja estima em breve

adquirio por sua intelligencia e dedicação ao trabalho.

Não se achando porém com disposição para seguir a vida do commercio, na qual não podia cultivar seu espirito como desejava, sahio da casa do referido negociante em principio de 1829, para dedicar-se inteiramente ao estudo das letras

\*

Foi João Francisco Lisbôa por diversas vezes membro da assembléa legislativa provincial, em cuja tribuna proferio alguns discursos mui eloquentes, que se perderão porque a assembléa não tinha tachygrapho que tomasse os discursos de seus membros.

Corre apenas impresso o que proferiu na sessão de 1849, sobre a conveniencia de se solicitar dos poderes do estado uma amnistia para os revoltosos praeiros de Pernambuco.

Exerceu por tres annos o lugar de secretario do governo da provincia, para o qual foi nomeado a 9 de novembro de 1835 pelo presidente Antonio Pedro do Costa Ferreira, depois Senador do Imperio e barão do Pindaré, e do qual pedio exoneração no tempo do successor d'este, porque a politica do governo se achava em opposição com os principios que elle professava.

Até 1840 figurava este homem extraordinario como jornalista, orgão e chefe de um partido: mas, por ha-

ver sido a sua candidatura de deputado a assembléa geral legislativa regeitada pelo mesmo partido cuja causa defendera com tanta habilidade e dedicação, deu-se a novo genero de estudo e poz banca de advogado para poder subsistir com sua familia

O seu singular talento, que já vimos brilhar na imprensa e na tribuna parlamentar da provincia, não brilhou menos na tribuna forense; e taes forão os creditos que logo adquirio n'esta nova carreira, que obteve por ella não só subsistencia, mas uma modica fortuna.

\*

Assim este prodigioso engenho foi unicamente filho de suas obras, tanto na cultura de espirito, como na aquisição dos bens de fortuna, e posição social.

Lisbôa é o genio resplandecendo e dominando por sua mesma força, e por ella, sem o auxilio das escholas para formal-o, e sem as recompensas populares, nem officiaes para animal-o!

Em outro qualquer paiz, em que as lettras fossem mais bem apreciadas, abrir-se-hião as portas do parlamento a um homem illustre por seu talento e habilitações, e teria elle chegado aos altos cargos do estado; no Brazil porem, onde a mediocridade occupa ainda muitas vezes o lugar do verdadeiro merito, foi apenas aproveitado para commissões puramente scientificas, da mesma forma que o seu comprovinciano

não menos illustre, Antonio Gonçalves Dias, como se não fosse a intelligencia quem devesse governar o mundo!

Foi portanto quando exercia a profissão de advogado que compoz por mero desenfado esses inimitáveis retratos phisicos e moraes, o *Jornal de Timon*, em 3 volumes grossos, parte do qual foi composta e impressa na provincia, e parte em paiz estrangeiro: pois em 1855 partio do Maranhão para o Rio de Janeiro, onde residio algum tempo na redacção de diversos jornaes, e de lá para Portugal, eucarregado de uma commissão litteraria e scientifica pelo nosso governo.

Foi tambem em Portugal, d'onde fez excursões á Italia e á França, que compoz a biographia de Manoel Odorico Mendes e a sua inedita vida do padre Antonio Vieira.

Havendo fallecido em 1863 em Lisbôa forão seus restos mortaes transportados para o Maranhão em 1864 pelos extremosos cuidados de sua viuva, e sepultados na igreja do convento do Carmo d'esta cidade, assistindo as exequias tudo quanto n'ella havia de mais nobre em cidadãos, autoridades, corporações, e fazendo-se-lhes as honras funebres que competião a um dos reis do pensamento.

## A. G. Dias.

(A. H. Leal).

Bem dita a hora em que nasce um genio, aqui, alli, além, que importa se for luz benefica que esclareça e guie a humanidade?

A esse outhorga Deus parte de seus attributos, e ordena-lhe que trabalhe e produza, e o mundo dá mais um passo para adiante no stadio do progresso e da perfectibilidade humana impellido por essa nova força.

Quem segredou á Archimedes, ao banhar-se, o principio da fluctuação, a Newton que a maçan cahida da arvore explicava a lei da attração, a Volta a pilha electrica e a Franklin o para-raio, esse embryão na telegraphia electrica, e a Daguerre que a luz pintava?

Como do marmore bruto sahiram bellos e correctos a Minerva de Phidias, a Venus de Milo, o Apollo de Belvedère, o Moisés de Miguel Angelo; da têla sem côr o quadro da Transfiguração e as inimitaveis madonas de Raphael, de Murillo e de Ticiano; da abobada e das paredes da capella Sixtina tão sublimes frescos, assim como todas essas maravilhas artisticas—, tantas estatuas, tantos quadros, tantos

artefactos—, encarnação do bello e do ideal, na arte plastica ?

Quem deu aos cantos de Homero, de Ossian, de Virgilio, de Dante, de Ariosto, de Tasso, de Camões, de Milton, os accentos e imagens que os tornaram impereciveis; e quem suspirou na musica de Bellini, de Rossini, de Donizetti, e de todos estes mestres da harmonia ?

A essencia divinal que se infunde na alma do artista, do poeta, e o esmaltece e dissemelha dos mais homens, tornando-se tambem por isso mesmo seu maior tormento; porque quanto mais arrojados e altivos são seus vôos, é menos comprehendido por seus contemporaneos, e mais rebella-se elle proprio contra a fragil e terrena natureza que o encerra, acaba e comprime.

\*

Admiro e venero a todos esses verdadeiros eleitos do ceu; mas tenho particular predilecção pelo poeta.

Para contemplarem-se os primores da arte plastica é forçoso transportarmo'-nos aos lugares onde são conservados, enquanto que a poesia, como a natureza, onde quer que estejamos nos dá a beber a ambrosia que em suas taças de ouro nos offerece, encantando-nos com as doces harmonias que nos embriagam o espirito.

Na cabeceira do nosso leito de dôr ou de prazer,

no ermo dos desertos, na monotonia dos mares sem fim, na confusão das cidades; na hora do recolhimento, da afflicção ou do desalento, encontramos á mão nosso livro predilecto de versos que nos transmite ao espirito doces e inefaveis extasis, que nos fazem esquecer por momentos o mundo com seus enganos e attribulações.

A despeito do magico condão que tem o poeta de viver parte do tempo em regiões povoadas de bellas illusões e onde a phantasia vò a livre e vê alem dos seculos, não pode com tudo ficar isempto de submeter-se ás circumstancias e accidentes que presidiram a seu nascimento e o rodeiam influindo efficazmente em suas idéas e no modo de as manifestar.

Leiam-se a Illiada, a Eneida, a Divina Comedia, a Jerusalem Libertada, os Luziadas, as tragedias de Shakspeare, as obras de Byron, de Schiller, de Goethe, de Chateaubriand, de Victor Hugo, de Lamartine, que rastrearão n'ellas encarnado o verbo e assignaladas as tendencias e impressões que no seu tempo abalarão profundamente esses entes sobrenaturaes, deixando transparentar em suas mais ethereas inspirações a parte que é da natureza humana.

Acompanhemos a Gonçalves Dias desde o berço até a sepultura, que acharemos em muitos dos seus versos o verdadeiro reflexo dos seus sentimentos, o cunho de sua individualidade dupla.

Poeta objectivo e subjectivo inspira-se e canta, ora a natureza esplendida e luxuosa do Brazil, porque as primeiras impressões que recebeu ao abrir os olhos à luz foram o aspecto das nossas brenhas com a sua solidão magestosa, imponente e sublime; ora suas proprias dôres que o atormentavam, lhe despedaçavam o coração e perturbavam o espirito, vindo a desgraça por tantas vezes amargurar-lhe seus mais brilhantes triumphos e ridentes jubilos.

.....

BIBLIOTHECA PUBL  
do

ESTADO DO MARANH

Biographia de A. G. Dias.

(F. Sotero dos Reis).

Nascêo Gonçalves Dias, a 10 de agosto de 1823, na provincia do Maranhão, em um sitio denominado Boa-Vista, nas terras do Jatobá, cerca de 14 leguas da cidade de Caxias, a cujo districto pertence.

Foi filho do negociante João Gonçalves Dias, e de Vicencia Mendes Ferreira, mulher de côr, e a quem sempre prestou os officios de bom filho, partindo com ella do que ganhava.

Vio-se logo desde os mais tenros annos privado

dos carinhos maternos, porque seu pai, havendo casado em 1829 com D. Adelaide Ramos de Almeida, o tomou para sua companhia, a fim de dar-lhe a educação conveniente.

Destinado a principio á vida commercial, tal foi o talento precoce que desenvolveu na escola de primeiras lettras, que seu pae, mudando de intento, pôl-o a aprender latim com o professor Ricardo Leão Sabino, e resolvendo mandal-o estudar á universidade de Coimbra, o trouxe consigo em 37 para a cidade de S. Luiz do Maranhão aonde fallecêo, quando se dispunha a ir á Portugal tratar-se da phtisica pulmonar, de que padecia, e de que sem duvida por herança foi acommettido o poeta no ultimo periodo de sua vida.

\*

Tendo voltado para Caxias depois do fallecimento de seu pae, propoz-se o Dr. Antonio Manoel Fernandes Junior, então juiz de direito da comarca, obter-lhe da assembléa legislativa provincial, de que era membro, que o mandasse estudar á Europa, á expensas publicas.

A madrasta que o estimava como filho, regeitou a offerta, e fel-o partir para Portugal á sua custa em 1838, afim de estudar em Coimbra, para onde á principio se destinara

A revolta porem occorrida na provincia em 1839,

com o nome de balaiada, em taes apuros poz a esta bôa senhora, que vio-se forçada a interromper as mesadas, que mandava ao entiado.

Privado absolutamente de meios para poder subsistir em paiz estrangeiro, retirou-se elle para a Figueira, donde se dispunha a vir para o Maranhão.

Mas João Duarte Lisboa Serra, que o apreciára no estudo dos preparatorios em Coimbra, referio o facto aos maranhenses que frequentavão a universidade, e que o fizerão voltar do caminho, e desistir do intento, dando-lhe casa, mesa e livros, para continuar os seus estudos.

Sobresahirão entre todos neste acto de generosidade, o referido João Duarte, depois conselheiro de Estado, e os senhores Alexandre Theophilo de Carvalho Leal, Pedro Nunes Leal e Antonio Rego.

Matriculado no curso de direito em 1840, tomou o gráu de bacharel em 1844, e deixou de frequentar o sexto anno por delicadeza para com seu amigo e collega, Pedro Nunes Leal, o ultimo que estava na universidade dos que havião concorrido para a sua formatura, e sobre o qual pesavão então todas as despezas do supprimento . .

\*

. . . . . Por conselho do seu amigo, o Sr. Dr. Theophilo, partio o poeta para o Rio de Janeiro em 1846, onde imprimio os seus «*Primeiros Cantos*»,

que forão recebidos com geral applauso, e elogiados em quasi todos os jornaes da época, sendo depois em Portugal saudado o seu singular talento pelo distincto litterato, A. Herculano.

Apesar porem da celebridade que d'ahi lhe vinha, augmentada ainda com a publicação de seus «*Segundos Cantos*», viveo no Rio de Janeiro cheio de privações, empregando o melhor das horas do dia em redigir, e concertar as discussões das camaras, que se publicavão ora no *Jornal do Commercio*, ora no *Correio Mercantil*.

Exerceo a principio o lugar de secretario do lyceo de Nitheroy, cujo mesquinho ordenado mal podia chegar para a sua subsistencia.

Foi em 1849 nomeado professor de historia e latinitude no collegio de Pedro II, e depois em 1852 official da secretaria de estado dos negocios estrangeiros, logares que, por mais bem retribuidos, já lhe davão para viver com decencia, e sustentar familia, pois por ultimo casára-se com D. Olimpia da Costa, de quem teve uma filha, que morreu em tenra idade.

Encarregado pelo governo de estudar o estado da instrucção publica nas provincias, fez por este tempo uma excursão ao norte do Imperio.

Em 1854 foi enviado em commissão á Europa para estudar o estado da instrucção publica nos paizes

mais adiantados, examinar os archivos e bibliothecas de Portugal e Hespanha, e extrahir d'elles copia de documentos relativos á historia do Brazil.

Em 1860 fez parte da commissão scientifica que se enviou ao Ceará, sendo encarregado dos trabalhos ethnographicos, e dos relatorios da mesma.

\*

Em 1862 partio muito doente para a Europa, a ponto de o darem como fallecido na viagem, e de a sua morte ser lamentada nos jornaes, como facto averiguado.

Apezar de seu máu estado de saúde, foi alli de novo encarregado de extrahir copias dos archivos portuguezes.

Aggravando-se porem de novo os seus padecimentos, regressou de França no brigue *Ville de Boulogne*, que naufragou nas costas de Guimarães, na madrugada do dia 3 de novembro de 1864, e vindo quasi moribundo perecêo no naufragio, tendo seu corpo por sepultura o oceano, mas já nas aguas da patria.

\*

Assim acabou, com pouco mais de 41 annos de idade, um dos mais bellos talentos que ha produzido a terra de Santa Cruz, sem que tivesse a extrema satisfação de fechar os olhos na terra da patria, para onde se dirigia já exausto de forças, apenas anima-

do por um debil sopro de vida, e sem que o seu cadaver, que não poudeser encontrado, apesar de todas as diligencias, tivesse se quer nella o ultimo jazigo! . . . .

Foi G. Dias o maior poeta lyrico de nossos dias, nos dois paizes da lingua portugueza.

«Nenhum dos poetas lyricos seus contemporaneos, quer no Brazil, quer em Portugal levantou a voz tão alto, tomou tons tão variados, e apresentou ainda tanta poesia de estylo, como elle o fez nos seus admiraveis quadros dos *Primeiros, Segundos, e Ultimos cantos*».

---

## Feliciano Antonio Falcão,

(Conego R. Lemos).

Nasceu Feliciano Antonio Falcão, no quartel do Campo de Ourique, da cidade de San'Luiz do Maranhão, á 31 de maio de 1810, tendo por paes legitimos o brigadeiro Manoel Antonio Falcão e D. Maria do Carmo Monteiro.

Dedicado dos mais tenros annos á carreira das armas, assentou praça de cadete a 26 de outubro de 1813; foi promovido a alferes á 4 de julho de 1820:

á tenente á 12 de outubro de 1823: á capitão á 3 de maio de 1825

Por tão rapidos accessos, estaes vendo que este illustre maranhense era um verdadeiro genio militar, que somente por serviços relevantes subia a postos superiores.

De 1825 a 1839, no posto de capitão, commandou a *guarnição* de Caxias, o 11.º corpo de *artilharia de posição*; o 15.º de *caçadores*; a 1.ª companhia de *municipaes permanentes*; o corpo de *policia* (organizado por elle); as forças contra os *Balaíos* e a *brigada pacificadora*, sendo promovido á major, após tantos serviços valiosos, á 9 de outubro de 1839.

De 1830 á 1841 commandou o *acampamento* da Vargem-Grande; á *columna em operações*, as *forças pacificadoras* da provincia do Maranhão; e exerceu o cargo de *Prefeito de Policia* da capital, sendo promovido á tenente-coronel á 18 de julho de 1841.

Deste anno á 1843 commandou o 7.º de *caçadores*; a *guarnição* de Caxias; o 5.º de *fuzileiros*, que exerceu até ser promovido brigadeiro á 3 de março de 1852.

Nas provincias de seu nascimento, de Pernambuco para onde foi transferido, e Parahiba, prestou relevantissimos serviços á paz e á ordem publica, com-

mandando corpos, sujeitando rebeldes, e defendendo a integridade nacional.

\*

O soldado brasileiro (diz o seu biographo) ainda não tivera tempo para encostar a arma e descansar um pouco das fadigas de uma guerra interna, já as nossas relações com o governo de Buenos-Ayres, complicadas pela aleivosa conducta do dictador Rosas, escureciam o horizonte politico dos dous povos, e lhe preparavam novas fadigas e sacrificios.

O governo imperial querendo previnir uma invasão ao Sul do Imperio, formou uma liga com as republicas limitrophes á este ponto contra tão turbulento e importuno visinho, para batel-o dentro do seu proprio dominio.

Bem depressa o pavilhão do Imperio tremulou no terreno do Prata, e se abriu para as nossas armas um novo campo de gloria.

Cazeros com suas torres arredondadas, com seus baluartes inconquistaveis, guarnecido e defendido por numeros esquadões, campeando no meio de extensa esplanada, como um gigante medonho, mostrava aos nossos guerreiros o perigo da lucta, e a difficuldade do triumpho, o que mais realçaria a gloria dos vencedores. Era mister pois que a decidida coragem e bravura dos Brasileiros desvanecesse o desar de suas armas em dias menos felizes no solo Oriental e lhes

rehabilitassem o credito; e Cazeros cahio vencido com toda a sua força e robustez.

Extenuado em conflicto recrescente e vigoroso, o gigante abatido, curvou o cõllo, e o dia da sua queda marcou na historia do Paiz uma época de gloria para nossas armas, um episodio brilhante nos fastos da Nação.

\*

Alli, ao sol do combate lustia a espada do nosso illustre comprovinciano, commandando a segunda brigada da divisão brazileira.

Valente e denodado na refrega, dando maior latitude á grandeza do seu nome, e reduplicando o lustre das acções passadas por novos feitos de valor, avançava impavido para o triumpho por entre as metralhas do inimigo.

*Avança 5.º!* . . . repetia elle ao baiaalhão que levara do Maranhão, percorrendo as filas! *Avança 5.º!* . . .

Estava deseioso de o ver sobresahir na acção!

Os serviços, que prestou nesta campanha, o elevarão ao posto de brigadeiro.

\*

Regressaudo á cõrte, foi nomeado *director do arsenal de guerra e membro do conselho d'administração* para fornecimento do dito arsenal.

Foi ao depois removido para *commandante das armas* da provincia de Pernambuco, cargo que exerceo até o dia de sua morte, 19 de junho de 1853.

Veio ter o tumulto no lugar onde lhe coube adquirir grande parte de sua gloria!

Atacado de uma forte congestão cerebral, a morte ceifou-lhe a vida, pondo termo a uma existencia matizada de gloria; mas seus nobres feitos perduram na memoria dos seus compatriotas!

O governo imperial, em remuneração aos eminentes meritos e assignalados serviços deste eminente cidadão distinguio-o, conferindo-lhe as commendas de S. Bento de Aviz, da ordem da Rosa, dignatario da imperial ordem do Cruzeiro, e as medalhas de distincção outorgadas aos bravos que pelejaram na campanha do Prata!

---

## Joaquim Gomes de Souza.

(Conego R. Lemos).

Quando tiverdes de enumerar as glorias da patria, não deixeis no olvido um nome festejado no mundo scientifico, intelligencia transcendente, verdadeiro genio orvalhado prodigamente pelo rocio do ceu: *Joaquim Gomes de Souza!*

Nascido á 15 de fevereiro de 1829, em Itapicuri-mirim, em breve manifestou superior talento; e,

tendo feito humanidades com incrível celeridade, conquistou, nos cursos superiores, applausos universaes dos condiscipulos, estima illimitada dos professores, nomeada justa e merecida admiração dos apreciadores do merito.

Juncado de odorosas flores foi o estadio percorrido pelo athleta vigoroso; corôas immarcessiveis em profusão choverão sobre a cabeça do lidador que immortalisou-se nas bancadas de alumno, e em pouco tempo sentou-se na cadeira de mestre á que illustron com seu nome.

Cousa notavel! Sciencia, —que á todos custa labores, vigalias, afan penoso de prolongados estudos, de meditação assidua; que nem sempre se alcança em avancados annos, com a respeitavel e magestosa aureola das cans, — Joaquim Gomes de Souza, genio predestinado, a teve copiosa, na flor da juventude, aos vinte annos, n'essa epocha tam feliz, saturada de esperanças, quando todos nós vamos nos encaminhando á estudos mais sérios!

\*

Aos vinte annos, pois, Joaquim Gomes de Souza, era lente da Eschola Central do Rio de Janeiro, tam justamente celebre pelos abalisados professores, como pela elevação das sciencias exactas, que fazem objecto de curso.

E ainda na humilde posição de estudante, pois que

cursava n'esta epocha o quarto anno academico na faculdade de medicina da cõrte, já havia conquistado em brilhante concurso publico, uma cadeira de alto magisterio.

Dizem os annaes academicos que Joaquim Gomes de Souza, na calma de seu gabinete, com profundesa, observação, e segurança, estudando conjunctamente medicina, em cuja faculdade fazia a primeira figura, completára em trez annos todas as materias exigidas no curso de mathematicas e engenharia, que somente em sete annos se cursava na Eschola!

\*

Dotado de tam peregrino engenho, e applicado proficuamente á profundos estudos, conseguiu avultado cabedal de variados conhecimentos em sciencias e litteratura.

Homem de labor constante e erudição consummada, deixou obras de subido valor, completas umas, e esboçadas outras; porem, em todas revelam-se acuradas investigações sobre as sciencias mathematicas e physicas, assumpto de sua especialidade e predilecção.

Escreveu estimaveis *Memorias* sobre a *theoria do som*, sobre o *calculo integral*; publicou em francez uma obra notavel, *Anthologie universelle*; e esboçou outra, monumento capaz de eternisar qualquer corporação de sabios, no genero do *Cosmos* do profundo allemão Alexandre Humbold, quando a politica o ar-

rancou da serenidade dos estudos abstractos, e o chamou às procellosas lides do parlamento.

\*

Fôra impossivel á provincia do Maranhão deixar de testemunhar o apreço em que tinha um dos seus filhos mais conspicuos, sonegando-lhe uma prova manifesta de seu amôr e publica consideração: veio a politica, como interprete do sentimento maranhense: elegeu-o, em successivas legislaturas, deputado á assembléa geral, onde revelou singular talento para as lutas da tribuna parlamentar.

Orador fluente, senhor da palavra, rei do pensamento, Joaquim Gomes de Souza desempenhou papel brilhante no augusto congresso dos sabios do paiz, já nas discussões meramente politicas, já nas controversias, por motivo de interesse publico, que suscitou, ou defendeu.

Breve, porem, foi o perpassar do genio!

De saude arruinada e debeis forças, foi mansa e traiçoeiramente o verme da morte corroendo tam viçosa flôr, até que á 1.º de junho de 1863, longe da patria, á que tanto honrou, em Londres, desprendeu as pétalas do fragil calix, e emmurhecidas rolaram para as vallas do sepulchro!

cursava n'esta epocha o quarto anno academico na faculdade de medicina da cõrte, já havia conquistado em brilhante concurso publico, uma cadeira de alto magisterio.

Dizem os annaes academicos que Joaquim Gomes de Souza, na calma de seu gabinete, com profundesa, observação, e segurança, estudando conjunctamente medicina, em cuja faculdade fazia a primeira figura, completára em trez annos todas as materias exigidas no curso de mathematicas e engenheria, que somente em sete annos se cursava na Eschola!

\*

Dotado de tam peregrino engenho, e applicado proficuamente á profundos estudos, conseguiu avultado cabedal de variados conhecimentos em sciencias e litteratura.

Homem de labor constante e erudição consummada, deixou obras de subido valor, completas umas, e esboçadas outras; porem, em todas revelam-se acuradas investigações sobre as sciencias mathematicas e physicas, assumpto de sua especialidade e predilecção.

Escreveu estimaveis *Memorias* sobre a *theoria do som*, sobre o *calculo integral*; publicou em francez uma obra notavel, *Anthologie universelle*; e esboçou outra, monumento capaz de eternisar qualquer corporação de sabios, no genero do *Cosmos* do profundo allemão Alexandre Humbold, quando a politica o ar-

rancou da serenidade dos estudos abstractos, e o chamou ás procellosas lides do parlamento.

\*

Fôra impossivel á provincia do Maranhão deixar de testemunhar o apreço em que tinha um dos seus filhos mais conspicuos, sonegando-lhe uma prova manifesta de seu amôr e publica consideração: veio a politica, como interprete do sentimento maranhense: elegeu-o, em successivas legislaturas, deputado á assembléa geral, onde revelou singular talento para as lutas da tribuna parlamentar.

Orador fluente, senhor da palavra, rei do pensamento, Joaquim Gomes de Souza desempenhou papel brilhante no augusto congresso dos sabios do paiz, já nas discussões meramente politicas, já nas controversias, por motivo de interesse publico, que suscitou, ou defendeu.

Breve, porem, foi o perpassar do genio!

De saude arruinada e debeis forças, foi mansa e traiçoeiramente o verme da morte corroendo tam viçosa flôr, até que á 1.º de junho de 1863, longe da patria, á que tanto honrou, em Londres, desprende as pétalas do fragil calix, e emmurhecidas rolaram para as vallas do sepulchro!

## Francisco Sotero dos Reis.

(Conego R. Lemos).

Logo no vestibulo do grande seculo, que atravessamos, se apresenta, um acontecimento, que presagia grande resultado na ordem dos tempos: vê a luz da existencia, n'este recanto da terra de Santa Cruz, um ente predestinado a ser uma das mais esplendidas glorias do Maranhão: nasce Francisco Sotero dos Reis.

Á 22 de abril de 1800, o anjo tutelar das letras patrias saudou nos horisontes do Brazil o surgir d'este luminoso astro, que rutilaria bello no céu da litteratura nacional: astro, que diffundiria claridade ingente na sciencia philologica: astro que encaminharia á seguro termo os romeiros da sciencia!

E na verdade, Francisco Sotero dos Reis, em todo seu viajar de apostolo das letras, de perigrino do futuro, qual é o sabio, foi luzeiro fulgente, que dirigiu a mocidade; prudente oraculo da opinião publica; sabio Nestor dos legisladores da provincia; vigilante guarda das instituições do paiz; esclarecido jornalista, que com o prestigio e respeito do seu nome, escudou os actos e opiniões da auctoridade,

firmou o nosso systema politico, e serviu de medianoiro entre o poder e o povo.

Em nada pèse aos contemporaneos asselar com o silencio a opinião presente, que será a da posteridade, quando a voz da campã fôr a só escutada por entre os êchos da fama, soltos pelos innumerados pregoeiros mudos, seus monumentaes escriptos, do real merecimento de F. Sotero dos Reis.

\*

Sahido apenas dos estudos, que iniciou, cursou, e perfez na terra natal, donde jamais se arredou. F. Sotero dos Reis, que havia já bastante se acreditado no conceito de seus conterraneos, por seu merito nas letras, e nas lides da politica, foi sempre distinguido pelo voto popular, que o honrou, e á que nobilitou, elegendo-o para os mais elevados cargos á que se pode attingir na provincia.

A principio membro do *conselho provincial*, ao depois deputado a *assembléa legislativa*, nesses lugares da confiança do povo, como em todos que occupou, se houve o illustre maranhense com a sisudez, criterio, sciencia, e integridade, que n'elle se identificaram, adquirindo d'ess'arte, nos corpos collectivos, tal ascendencia sobre seus iguaes, que em todos os assumptos se esperava com ancia seu parecer para deliberar-se em ultimo lugar.

Entre os eleitores poderia haver mudança ou

accordo á cerca de outros eligendos, mas sobre F. Sotero dos Reis não havia questão, chapa, ou combinação politica: era o deputado legitimo, e natural, para todos os partidos, crédos, fuzões, ou grupos.

Ora, quando se conquista entre seus conterraneos igual ascendente e posição, é por certo em consequencia do justo renome que se tem ganheado: as honras são tanto mais valiosas quanto espontaneas.

E apesar disso, F. Sotero dos Reis era austero em sua moral, rigido em seus principios, severo em suas opiniões, e convicções, as possuia profundas, e não seriam tenues aragens do bafejo popular, que as fariam desnortear.

Entretanto, perguntarão estranhos, porque, oh! maranhenses, vós, que sempre distinguistes F. Sotero dos Reis, o não elevastes á dignidade de senador do imperio?

Toda a provincia tambem se amargura por isso; toda a provincia tambem pergunta porque o não fizemos senador?

Porém, é o caso de applicar se a resposta do celebre romano que dizia aos que incriminaram Roma por não ter collocado a estatua de Catão no lugar reservado aos grandes homens da patria: «A melhor estatua que se poderia erigir á Catão, é o pergunta-

rem por ella os nacionaes e estrangeiros apenas entrados no Pantheon !»

\*

F. Sotero dos Reis distinguuiu-se muito na politica local, onde exerceu maxima influencia: porem, onde firmou verdadeira reputação de homem de genio, illustração, e tino, foi no jornalismo

Causa pasmo só o emunerar a quantidade de periodicos que assiduamente redigiu com assombrosa facundia, mestria e fecundidade. Era o Briareu da imprensa.

De 1825 á 1863 redigiu prodigioso numero de jornaes politicos, litterarios, e scientificos, que acarea-ran á si a indisputavel gloria de ser considerado o decano do jornalismo maranhense.

Entre os periodicos de mór formato, circulação, importancia, e duração por elle redigidos, contam-se. o *Maranhense*, *Constitucional*, *Investigador*, *Revista e Publicador Maranhense*.

Na redacção desses e varios outros periodicos, solidificou o conceito de philologo profundo, grammatico abalisado, eximio conhecedor da lingua, familiar dos classicos, reputação que jornaleiramente avultava no magisterio.

\*

É este, o (magisterio), o vasto theatro onde manifestou-se de maneira assaz magestosa o opulento genio de F. Sotero dos Reis.

Joven ainda, começou no professorado a dividir com a mocidade os inapreciaveis thesouros do saber, e formou profusa, abundante, e enriquecida progenie de alumnos, que todos hoje figuram na republica das lettras.

O modo pelo qual exercia o magisterio, o saber profundo, a lucidez do methodo, a paciencia illimitada, a bondade paterna, a mansuetude candida, a benevolencia sabia, a indulgencia respeitosa, a simplicidade angelica de F. Sotero dos Reis não carecem de patentear-se em frases descoradas quando a geração hodierna, leccionada por elle, se levanta entusiasta para tributar-lhe unanimes applausos—digo mal - para erigil-o em apothéose !

\*

O professorado de F. Sotero dos Reis não foi esteril.

Adquiriu, ensinando, um cabedal scientifico tam valioso e succulento, que fôra impossivel guardal-o, reserval o para si, e confiar ao tumulo, com o despojo mortal, os activos instrumentos com que nobilitou o espirito, que por seu turno devia opulentar o de outrem.

Todos sabiam, conheciam, e estavam convictos que era um litterato conspicuo em todos os ramos; todos o reputavam na melhor nota; todos o tinha n na melhor conta: mas, a modestia com que se acobertava,

e em que se acastellava, não permittia, se quer, que se lhe visse um só dos variados e primorosos trabalhos, que a desconfiança e sagacidade de verdadeiros amigos esmerilhavam por descobrir.

Á medo indifferentemente, em licções particulares, dictava estimaveis postillas de grammatica, ás quaes acoimava de erros, incorrecções, etc. quando é creado nesta cidade um collegio importante, o *Instituto de Humanidades*, dirigido por seu proprietario o illustre Sr. Dr. Pedro Nunes Leal.

Occupando simultanea, ou revezadamente, n'aquelle optimo estabelecimento as cadeiras de Grammatica Philosophica, Litteratura e Latinidade, F. Sotero dos Reis, á instancias do prestante Sr. Dr. Leal, e a sollicitações *importunas* de amigos admiradores, que souberam vencer as argucias da modestia do sabio velho, consentiu que se desse a estampa as seguintes obras: *Postillas Grammaticaes*, em um volume; *Grammatica Portugueza*, um volume; a traducção dos *Commentarios de Caio Julio Cezar* e o *Curso de Litteratura Portuoueza e Brazileira*, do qual se acham publicados quatro volumes

\*

Portanto, charos alumnos, F. Sôtero dos Reis é um maranhense illustre por muitos e sobejos titulos: politico, jornalista, professor, litterato, e todos esses bellos predicados exaltados no maior gráu de nobreza

d'alma, de integridade, de proficiencia, e de consummado saber.

É um typo, que deveis ter sempre em vista, archivado na memoria e no coração; é um perfeito modelo de trabalho: porque, sem haver sahido do berço natal, instruiu-se, illustrou-se, immortalisou-se.

Mui incompetente para dár qualquer parecer sobre suas obras, nas quaes tereis de formar vosso gosto litterario, fazer vossa instrucção, completar vossos estudos, tereis um dia de applaudir com os sabios o merecimento d'ellas, e collocar sobre o tumulo do nosso mestre um ramallete de perpetuas, que será ao mesmo tempo o testemunho da saudade e do reconhecimento.

---

## Candido Mendes d'Almeida.

(Conego Dr. Mourão).

Annunciou o telegrapho a tristissima noticia do fallecimento do illustre maranhense e fervoroso catholico, Senador Candido Mendes d'Almeida.

Foi uma dolorosa surpresa para nós, quando ainda no passado vapor enviou-nos elle um seu discurso

correcto, pronunciado acerca de varios assumptos religiosos !

A morte vae abrindo claros, difficeis de preencher, nas fileiras dos catholicos, que têm assento na Câmara vitalicia.

Zacharias de Goes e Vasconcellos, Firmino Rodrigues da Silva, Jeronymo Martiniano Figueira de Mello, que com o sabio Senador maranhense, formavam a gloriosa patrulha, sempre alerta, sempre prompta em acudir em defeza dos direitos da Igreja Catholica, tombaram no pô do sepulchro; mas o Brazil inteiro prantea a perda irreparavel desses varões dotados de talento, patriotismo e peregrinas virtudes.

Entre todos, porem, destacava-se o vulto austero do Dr. Candido Mendes d'Almeida pela sua irreprehensivel orthodoxia, vasta erudição, e dedicação sem limites á Religião que professamos.

\*

O que foi o illustre morto, sabe-o o Brazil inteiro. Calam-se juncto ao tumulo as paixões, que refervem durante a vida. Ao cerrar-se a sepultura, que guarda os despojos mortaes do que foi entre os vivos, Senador Candido Mendes d'Almeida, todos virão, sem distincção de opiniões religiosas e politicas, prestar homenagem ao inclyto cidadão, benemerito das lettras, assiduo e vigoroso defensor das instituições patrias.

Foi, durante a questão religiosa, que o caracter

puro do sabio maranhense, cuja morte cobre hoje de lucto o Brasil, mais se apurou no crisol das contradicções!

Rompeu temerosa lucta com dois Bispos brasileiros, que foram injusta e illegalmente encerrados em prisões.

No começo do negrejado conflicto, do lado dos adversarios da Igreja estavam o poder, a riqueza, os applausos da populaça fluminense, a penna de jornalistas a gottejar injurias, calumnias e satyra indecente; do lado da Igreja estava um partido humilde, perseguido, desamparado, sem festejos e glorias de rumor.

De que parte levantou-se o Senador Candido Mendes d'Almeida?

Poz a sua palavra convencida, poderosa pela sciencia, ao serviço da verdade catholica, e affrontou sem hesitar os doestos, que de todos lados irrompiam contra os espontaneos defensores dos gloriosos confessores da fé, arrastados perante o supremo Tribunal de Justiça.

Foi neste doloroso periodo que mais elevou-se o erudito maranhense; glorificou-se sem palmas, sem applausos; enobreceu-se pelo cumprimento de um dever sagrado; impoz-se ao respeito de todos pela fidelidade á suas crenças, pela generosidade, com que abraçou a causa dos opprimidos.

A memoria de Candido Mendes d'Almeida se per-

pétuará na historia, servindo de animação e exemplo aos que sem restricções empregarem as faculdades do espirito e os enthusiasmos do coração em prol dos direitos da Religião Catholica Apostolica Romana.

Onde houver neste paiz um coração catholico echoará dolorosamente a noticia do fallecimento do perclaro Senador, roubado á patria pela mão inexoravel da morte, quando precisamos congregar todas as energias, todas as dedicações para defender a arca santa de nossas crenças.

Se nossa confiança na bondade de Deus não fosse sem limites, diriamos que a perda do distinctissimo catholico devia desalentar-nos. Mas não, a Providencia suscitará novos defensores, que saberão imitar tão glorioso exemplo, e a semente da verdade profusamente derramada no solo brasileiro brotará em tempo opportuno.

\*

Se a Igreja perdeu um defensor illustrado, prudente, experimentado, as sciencias pranteam o desaparecimento de um cultor tenaz.

O Senador Candido Mendes possuia estupenda erudição. Era perito nas sciencias ecclesiasticas, fallava com proficiencia em Theologia moral, dogmatica, direito canonico, historia ecclesiastica, &. Em seus discursos sobre controversias religiosas jogava com

espantosa facilidade com todos esses ramos das sciencias sagradas.

Deixou obras de direito de grande folego, bem como de Geographia, em cuja sciencia não teve igual.

Infatigavel trabalhador, aproveitava todas as horas para o estudo da litteratura, conhecendo perfeitamente os classicos latinos e portuguezes

«Homens dessa estatura, disse um judicioso escriptor, servem, na orographia moral do mundo, para assignalar os mais altos cimos do engenho humano».

\*

Não possuímos infelizmente uma biographia do illustre Senador Candido Mendes d'Almeida. Para satisfazer aos nossos leitores, que desde já quizerem conhecer algumas circumstancias da vida do sabio catholico, cuja morte com profundissima magoa annunciamos, reproduzimos aqui as seguintes palavras do «Paiz»:

«Nasceu o Senador Candido Mendes de Almeida na cidade do Brejo em 14 de Outubro de 1812; formou-se em direito na academia de Olinda; foi por varias vezes deputado á assembléa geral, e escolhido senador á 13 de Maio de 1871, tomando assento a 19 do mesmo mez, indo occupar a cadeira que fora occupado pelo Visconde de Alcantara, barão de Pindaré e Conselheiro Dias Vieira.

«Exerceo o lugar de secretario da provincia e lente de geographia do Lyceu Maranhense, e na Côrte o de chefe de secção da secretaria da justiça. Era socio do Instituto Historico, e de muitas das mais acreditadas sociedades scientificas da Europa.

«Era condecorado com o officialato da Rosa, commenda da Conceição de Portugal, cavalleiro de S. Gregorio Magno de Roma e outras»

Não teve o illustre morto titulos heraldicos, não exerceu altas funcções no Estado, nunca assentou-se nos Conselhos da Corôa.

Faltava-lhe merito?

Não, mas dizem que seu alferro ao Catholicismo foi um perenne obstaculo para subir a estas regiões. Se esta foi a razão, devemos lastimar o paiz que não sabe galardoar longos e valiosos serviços a um cidadão sem macula na vida publica e particular, e cercado da refulgente aureola da sciencia.

Verdade é que titulos honorificos em nada accrescentam a homens da estatura de Candido Mendes d'Almeida.

\*

Ao fechar estas linhas, escriptas ao correr da penna, e ainda sobre a impressão dolorosissima, que causou-nos o infausto acontecimento, pedimos aos catholicos e principalmente aos Sacerdotes da diocese maranhense que orem pelo repouso eterno do illustre

morto. É uma divida de gratidão. Nenhum homem politico prestou ao Brazil serviços tão valiosos, tão constantes, como o finado Dr. Candido Mendes d'Almeida.

A «Civilisação», cobrindo-se de lucto, dá um testemunho publico de funda saudade e sincera gratidão áquelle que deu-lhe desde sua fundação tantas animações, e auxiliava-a com suas luzes e conselhos.

Um dos redactores deste periodico teve a fortuna de conhecer intimamente o Senador Candido Mendes, e pôde admirar-lhe na vida domestica extraordinarias virtudes.

Esposo extremoso, pai desvellado, amigo sincero, reunia o grande homem em sua pessoa qualidades de espirito e de coração taes, que o faziam amado dos que o cultivaram no recesso sagrado do lar.

Candido Mendes d'Almeida, catholico de crenças e tambem de pratica, observava as leis da Igreja com uma simplicidade que encantava. Vimol-o algumas vezes no templo a edificar por seu exemplo de piedade christã, e dentro de sua casa tudo se modelava pelos principios austeros da nossa santa Religião.

Era um christão completo, e por si só valia uma apologia do Catholicismo romano, pois homem tão douto, tão independente, não abraçaria, no meio dos motejos da incredulidade, uma crença falsa e vã.

Embora distantes, enviamos a desolada viuva, e a

seus dois filhos, nossos pezames mui sinceros. A fê christã, que todos abraçamos, dar-lhes ha a conso-  
lação, pois acreditamos que varão tão justo está  
gosando no céu o premio de suas virtudes.

---

## Traços biographicos do Conego Raymundo Alves da Fonseca. (1)

(Artigo publicado na «Civilização»).

Filho legitimo de David Alves da Fonseca e de D.  
Maria Francisca da Fonseca, nasceu Raymundo Alves  
da Fonseca á 26 de Julho de 1842, na villa de Santo  
Antonio de Jeromenha, provincia do Piauhy.

---

(1) Collocando o nome do Padre Fonseca entre as glorias  
maranhenses, não queremos roubar á Provincia do Piauhy, o  
justo direito que tem de contal-o entre os seus filhos illustres,  
já por lhe ter servido de berço, já por lhe haver propor-  
cionado recursos para estudar.

Assim procedendo apenas reconhecemos a bôa parte de  
gloria que tambem cabe ao Maranhão, pois si no Piauhy  
teve o Padre Fonseca o berço, no Maranhão tem elle o  
tumulo; si do Piauhy recebeu recursos para instruir-se, ao  
Maranhão deveu elle essa mesma instrucção, no Maranhão  
cursou e perfez os seus estudos, no Maranhão residiu a mais  
larga e importante parte de sua vida, no Maranhão recebeu  
o sacerdocio, exerceu o ministerio sagrado, derramou a  
instrucção e completou sua missão sobre a terra.

Sem meios para dar-lhe instrucção superior, seus paes recorreram ao governo provincial, que enviou-o como pensionista para o Maranhão afim de concluir no Seminario de Santo Antonio, onde ainda então funcionava o curso de humanidades, os estudos tão bem começados em Theresina.

À 11 de Julho de 1860 matriculou-se no Seminario.

Findos os estudos de humanidades como pensionista da Provincia do Piauhy, matriculou se o joven piauhyense no curso theologico do mesmo Seminario, afim de seguir a carreira ecclesiastica, para a qual desde cedo foi chamado por Deus.

Os seus talentos e a distincção com que fez os seus exames ainda hoje podem ser attestados por seus condiscipulos e alguns mestres que ainda existem.

\*

Pouco tempo depois de sua entrada no Seminario recebeu a tonsura clerical, e os quatro graus de ordens menores, em 16 de Março de 1861, sendo então Bispo da diocese o Sr. D. Manoel Joaquim da Silveira Ordenado subdiacono em 29 de Julho de 1866 e diacono em 15 de Agosto do mesmo anno pelo Sr. D. Luiz da Conceição Saraiva, foi ainda diacono, nomeado Vice-Reitor e Secretario do Seminario Menor, em 10 de Julho de 1867.

A sua ordenação sacerdotal, feita pelo Sr. D. Luiz na Igreja Cathedral, teve lugar á 9 de Setembro de 1867. Nomeado vigario encommendado da freguezia de N. S. das Dôres de Theresina, no Piauhy, por Provisão de 4 de Setembro do mesmo anno, (data da criação da mesma freguezia) e por conseguinte 5 dias antes de sua ordenação, alli cantou a sua primeira Missa e exerceu com zelo o ministerio parochial até que, chamado depois de alguns mezes pelo Prelado diocesano, foi reintegrado em principio de 1868 no cargo de Vice-Reitor do Seminario Menor, cargo que exerceu por espaço de dous annos.

Em principio de 1870, tendo pedido a sua dimissão de Vice-Reitor, associado a dois outros Sacerdotes fundou o Collegio da Immaculada Conceição, estabelecido primeiramente em um arrabalde e depois no centro mesmo desta cidade.

Ainda director d'esse estabelecimento foi por Carta Imperial de 20 de Novembro de 1874 nomeado capellão-tenente do corpo ecclesiastico do exercito.

\*

Extincto o collegio em fins de 1876, foi o Padre Fonseca chamado em começo de 1877, pelo Rvm. Sr. Arceidiago Dr. Manoel Tavares da Silva, então Vigario Capitular, para coadjuval-o na importante reforma então havida no Seminario Maior, sendo para isso nomeado Professor de Historia Sagrada e

Ecclesiastica, por Portaria de 27 de Janeiro de 1877 e Vice-Reitor do mesmo estabelecimento por Portaria de 1.º de Fevereiro do mesmo anno.

Em 4 de Dezembro ainda d'esse anno foi por Carta Imperial promovido por *merecimento* á capellão-capitão do exercito.

Sendo professor substituto da cadeira de Philosophia do Lyceu desta capital foi, por fallecimento do lente cathedratico, provido vitaliciamente na mesma cadeira por Portaria da Presidencia da Provincia, de 13 de Agosto de 1878.

Em 31 de Março de 1881, anniversario da Sagração Episcopal do Exm. Sr. D. Antonio Candido de Alvarenga, foi pelo mesmo Exm. e Rvmo. Sr., nomeado Conego honorario da Cathedral d'esta Diocese.

Tendo sido por aviso ministerial declarados incompativeis os cargos que exercia de Professor de Philophia do Lyceu e de Capellão do Corpo Ecclesiastico do exercito e tendo de optar por um d'elles, preferiu o de Professor de Philosophia por amor á instrucção da mocidade, que era com o da salvacão das almas o objecto incessante de seu zelo, e deu sua dimissão de capellão-capitão, (cargo que lhe offerecia melhores vencimentos) dimissão que lhe foi concedida por Decreto de 29 de Outubro de 1881.

Foi por concurso promovido á dignidade de Mestre-

Escola da Cathedral e n'ella collado em 20 de Maio de 1882.

Por duas vezes pelo Exm. Sr. D. Antonio, foi nomeado para o honrosissimo e importante cargo de Governador do Bispado, uma vez em 3.º e outra em 2.º lugar.

Eis os ligeiros traços biographicos do Conego Raymundo Alves da Fonseca.

É inutil dizer que em todos os cargos que occupou, tão variados quão importantes, se houve sempre com modestia, pureza d'intenção, abnegação e zelo, dignos d'um verdadeiro ministro de Christo.

---

## Doença e morte do Conego Fonseca.

(Artigo do Conego Dr. Mourão, estampado na «Civilisação»).

Foi longa e dolorosa a doença do Conego Raymundo Alves da Fonseca. Os primeiros symptomas do terrivel mal appareceram em Abril do anno 1883. O conego Fonseca não ligou a isto importancia, imaginou ser um incommodo passageiro. Em Maio porrem o mal inquietou-o, e elle chamou para assistil-o o illustrado Dr. Antonio dos Santos Jacintho, que

diariamente visitava-o, estudando a molestia, e combatendo-a com os recursos da sciencia

Em Novembro apresentou o Conego Fonseca uma melhora, que nos consolou bastante; parecia conquistada a saude, de modo que elle pôde tomar parte em toda a festividade de Nossa Senhora da Conceição, celebrada em começo de Dezembro. Entretanto o illustrado medico assistente não estava tranquillo, e suas inquietações o levaram a aconselhar uma viagem a Paris, onde a medicina offerecia todos os melhoramentos modernos.

Vimol-o partir no dia 11 de Dezembro com desasocego, mas ainda nutriamos a esperanza de vel-o curado e restituído aos nossos affectos.

Chegando a Paris o illustre doente foi logo examinado por especialistas de grande nomeada, e estes communicaram aos Padres Lima e Ferreira, ambos desta diocese, o tristissimo desengano de que a molestia era fatal. O venerando Superior de S. Sulpicio, a quem foi o nosso querido doente recommendado, d'accordo com os medicos, resolveu fazel-o voltar. Era ao menos uma consolação—morrer na patria e nos braços dos seus amigos!

Cabe-nos notar aqui a grande solicitude, que teve o sabio e virtuoso Superior Geral dos Sulpicianos e Vigario Geral de Paris para com o Conego Fonseca.

Resolvida a volta, quiz o illustre doente passar pela cidade de Lourdes, o maior centro de devoção actual á Virgem Immaculada. Alli celebrou elle a derradeira Missa, e fel-o entre lagrimas e gemidos, como elle mesmo nól-o assegurou.

Penosissima lhe foi a volta e talvez não tivesse resistido á longa viagem se a caridade dos bons Padres Lima e Ferreira não o assistisse constantemente.

\*

Não podemos descrever a dolorosa impressão, que tivemos, vendo o entrar carregado em uma cadeira no Seminario de Santo Antonio, profundamente abatido e commovido (2 de Março de 1884). Quando abraçou o Conego Dr. Mourão disse: *Venho morrer em seus braços; está tudo acabado*—e rios de lagrimas rebentaram dos olhos de ambos

Restituído á sua cella, sentiu alguma consolação espiritual, vendo-se rodeado de seus amigos, que procuraram suavisar-lhe, ao menos moralmente, os crueis soffrimentos. Homem profundamente religioso, acostumado á confissão frequente, o Conego Fonseca teve á consolação ineffavel de receber diariamente a divinissima Eucharistia. O nosso egregio Prelado permittiu que se celebrasse a Missa no quarto do enfermo, e era digna de reparo á attitude devota que elle mantinha durante todo aquelle grande acto.

Sabe o publico que elle trouxe uma bella estatua

de Nossa Senhora de Lourdes e que teve a felicidade de vel-a benta e collocada em um altar na igreja de S. Antonio. Nesse dia passou o doente em fervente oração.

\*

Passaram-se os dias, parecia que a morte se avisnhava, por isso o Revm. Sr. Dr. Mourão julgou chegado o momento de preparal-o á receber os derradeiros sacramentos.

Assim se fez! Confessou-se o enfermo, assistiu a Missa e recebeu o Sagrado Viatico administrado por S. Exc. Revm.<sup>3</sup> Quando o venerando Prelado ungiu-o, estavam presentes todos os Padres e Seminaristas de S. Antonio, e ninguem podia conter as tristes emoções. O enfermo, em plena lucidez de espirito, seguia com visivel piedade as ceremonias e palavras do celebrante. Findo o acto, chamou o Conego Fonseca os Padres e Seminaristas, dirigiu-lhes algumas palavras, pedindo perdão de qualquer falta. Scenas como estas, ninguem as assiste de olhos enxutos e coração alegre.

Era tempo; um dia depois o enfermo já não se exprimia com facilidade; pouco attendia ás cousas e pessoas que lhe appareciam; entretanto ainda rezava.

Algumas vezes, o Sr. Dr. Mourão approximando-se d'elle, lhe suggeria actos de amor de Deus, ou com elle rezava a Ave-Maria. Sua alma parecia

toda embevecida, recitando a saudação angelica, ou dizendo em voz pausada: *Meu Deus, eu vos amo sobre todas as cousas e de todo o meu coração—Jesus, tende piedade de mim!*

Uma vez pergunta lhe o Conego Mourão: *Quer ir para o Ceo?* *Quero sim,* respondeu. *Está prompto?* *Estou.*

O mal porem se aggrava de modo espantoso; mal podia pronunciar algumas palavras. Pareceu-nos a principio ser delirio, mas depois verificou-se que era uma paralytia incompleta nos orgãos locutorios, pois dava elle signaes de conhecimento claro. Ninguém podia vel o naquella agonia, já quasi esqueleto sem ter o coração profundamente compungido. Entretanto dia e noite era elle assistido pelo Exm. Sr. Bispo, pelos Padres e Seminaristas; todos o estimavam, todos oravam por elle.

Os Srs. Conego Gil e Padre Silvino levaram o heroismo da amisade a ponto de prestar-lhe os mais humildes serviços, e o doente, não já por palavras, mas por signaes inequívocos, mostrava-lhes confiança e affecto.

Na quarta-feira (24 d'Abril) passou por uma grande crise. Pereceu-nos que a alma ia desprender-se do corpo. O Exm. Sr. Bispo, acompanhado pelo Sr. Conego Dr. Mourão, recitou juncto do mori-

bundo o officio da agonia. Mas ainda não era chegada a hora. Tres dias se passaram, e o doente parecia mais socegado, ate que no domingo (27 de Abril) desde as 6 1/2 da tarde entrou de novo em agonia, e ás 8 horas da noite, quando na igreja de S. Antonio se dava a benção do Santissimo, exhalava elle o ultimo suspiro nos braços do Exm. Sr. Bispo diocesano, do Revm. Conego Gil e mais dois alumnos do Seminario maior.

Os Srs Drs. Santos Jacintho (medico assistente), e Maya, Fernandes, Affonso Saulnier e Nina, que extraordinariamente o examinaram, mostraram pelo doente vivissimo interesse. Nossos agradecimentos a esses conspicuos medicos.

\*

Morto o Conego Fonseca, grande foi o pesar de seus amigos. Pelas 9 horas da noite, a Igreja de S. Antonio dobrou á finado, e esses tristes signaes espalharam logo a tristissima nova

Revestido o cadaver com as vestes sacerdotaes, collocado no feretro ás 4 horas da madrugada, foi processionalmente levado á Igreja onde se achava preparada a urna. Celebraram-se muitas Missas; commungaram as pessoas devotas, resou-se o officio divino, e ás 7 horas da manhã cantou-se a Missa de *requiem* e deram-se as absolvições do Ritual. S. Exc Rvm.<sup>a</sup> assistiu a todos os actos.

Caso notavel! Chega inesperadamente o Exm. Sr. Bispo do Pará e com o nosso Prelado acompanhou o cadaver do nosso chorado amigo até a porta da Igreja. Providencial homenagem prestada ao morto por dois illustres Principes da Igreja brazileira.

A tristeza estava pintada em todos os semblantes, muitas vezes a dôr mal sopeada rompia em pranto desfeito. A multidão, que encheu a igreja e acompanhava o defunto, bem mostrava a dôr, que lhe ia dentro do peito. Todas as classes estavam representadas, e massa enorme de povo acompanhou o corpo até a ultima morada. O povo prestava assim merecido preito ao ministerio Sacerdotal e ás virtudes do morto.

O prestito funebre, presidido pelo Rvm. Sr. Dr. Mourão, compunha-se de conegos, Sacerdotes, Seminaristas, e pessoas de todas as graduações. Manifestação imponente e espontanea!

Poucos enterros ha visto o Maranhão tão concorridos como este.

O finado Conego Fonseca teve tambem officio funebre na igreja de São Pantaleão, e repousam seus despojos mortaes n'uma catacumba do Cemiterio publico.

\*

A morte de Conego Raymundo Alves da Fonseca é um acontecimento doloroso para a diocese mara-

nhense, que durante largo tempo o hade prantear como Sacerdote douto e ornado de peregrinas virtudes, exclusivamente votado aos altos interesses da Igreja Catholica.

Não ha nesta cidade um só coração bem formado, uma só alma siaceramente christã, indifferente ao passamento de tão conspicuo Ministro do altar.

E nós, que o tivemos sempre como o compa-  
nheiro fiel de tantas luctas, como o amigo e confi-  
dente de todos os dias, como o irmão querido, não  
segundo a carne e o sangue, mas segundo o espirito  
de Deus, que nos uniu por laços estreitissimos, cum-  
primos hoje o dever sagrado de fazer conhecida  
aquella grande alma, que voou para o ceo no dia 27  
d'Abril (de 1884)

Altos juizos de Deus! Nunca pensamos ver a dio-  
cese tão cêdo privada desse illustre Sacerdote em  
plena florescencia de seu opulento talento, e quando  
seu coração abrigava tantas esperanças de fortalecer  
e desenvolver entre nós a fé catholica!

Deus, cuja sabedoria é vasto oceano sem fundo e  
sem margens, assim o quiz, para fins misericor-  
diosos, que não podemos ainda escrutar, e que o fu-  
turo talvez os venha illuminar.

\*

O Sacerdocio catholico não é somente um officio,  
uma funcção nobillissima da sociedade religiosa, é

uma dignidade altíssima, uma graça prodigiosa, uma aureola, que cinge a fronte de um homem, distinguindo-o de seus semelhantes, dando-lhe uma auctoridade sobrenatural, que escapa a comprehensão humana.

A incredulidade hodierna, combatendo grosseiramente o Sacerdocio christão, deu-lhe maior brilho e realce. Em noite cerrada é que os pharões despedem raios mais fulgurantes

No firmamento celeste ha estrellas de todas as grandezas e de diferentes sciintillações. Assim acontece na Igreja. O mais humilde Sacerdote deverá sempre illuminar o povo —sois a luz do mundo—, prometteu Jesus Christo, mas alguns ha que receberam do Creador dons extraordinarios e sabem atrahir as multidões pelo encanto irresistivel de suas egregias qualidades.

\*

Tal foi o Conego Raymundo Alves da Fonseca, Sacerdote de primeira ordem por seus costumes irreprehensiveis, por sua intelligencia lucida, por seu estudo indefesso e por seu generoso coração. Levou o nosso semore lembrado amigo á sepultura a sua estola Sacerdotal immaculada: elle honrou até a morte o ministerio ecclesiastico. Esta sociedade em que elle viveu e morreu, sabe que não é exagerada a nossa affirmacão. A geração actual, que o conheceu,

amou e venerou, dá testemunho unanime do valor moral do Sacerdote, cuja campã está ainda ensopada pelas lagrimas de seus numerosos amigos.

Mas deixemos na sombra a vida intima do nosso finado; essas penitencias ignoradas, esses sacrificios occultos, esse doloroso combate da alma virtuosa contra as paixões e concupiscencias da natureza corrompida; tudo isto não deve ser exposto á olhares profanos, porque é o santuario de Deus, é o horto divinamente regado pela graça de Jesus-Christo; esses thesouros que o mundo incredulo não conhece, serão alumados no dia das grandes revelações do Senhor. Não precisamos lançar olhos indiscretos nas profundezas dessa consciencia delicada, basta contemplar a vida publica do nosso chorado amigo, sempre modelada pelas maximas do Evangelho.

\*

Consagrava o Conego Fonseca á Santa Igreja os affectos de um filho dedicadissimo; identificado com seus interesses, enthusiasmava-se com seus triumphos e chorava em suas tribulações; consagrava ao culto divino tempo e haveres; entregava-se sem descanso ao penoso ministerio do confessionario, e frequentemente doutrina o povo da cadeira Sagrada. Não se poupava á sacrificios, quando se tratava de defender a fé catholica; sua abnegação sem limites levou-o a ser vilipendiado em papeis publicos por amor da

nobre causa a que votara sem restricções sna utilissima existencia.

Escriptor notavel, o Conego Fonseca foi um dos mais assiduos redactores da *Civilisação*, e muito correu para levantar-lhe os creditos litterarios. No meio da lucta religiosa, revelou-se esclarecido apologistista da verdade e argumentador de vigoroso pulso; manejando a satyra com arte não vulgar, conquistou geraes applausos em todo o imperio. Os adversarios da Igreja fugiam espavoridos, quando o distincto Sacerdote, cedendo ás circumstancias de tempo, lugar e pessoas, vibrava o estilete acerado e penetrante da critica. Não era a injuria atirada como punbadas ao rosto dos impios, era a satyra fina, original, ornada de documentos preciosos, lições proveitosas, e conceitos de Moral purissima.

Rindo, castigava a petulancia; rindo, instruia os ignorantes; rindo, dava salutaes conselhos.

Por uma applicação constante aos estudos, chegou a tornar-se erudito, tinha fome de sciencia; não perdia tempo em palestras vãs, em passeios inuteis; mergulhava o espirito em livros bons, donde colheu o saber, que o publico admirava com justa razão. Não possuia talvez um espirito demasiado prompto, um genio que adevinha as questões e subitamente as resolve; indagador paciente adquiriu com o suor do rosto vastos conhecimentos em *Philosophia* e *His-*

toria, que lhe grangearam auctoridade incontestavel nestas materias. As lettras perderam nelle um cultor infatigavel, e sua reputação transpoz as fronteiras da provincia, em que residia.

\*

Não podemos fazer agora o elogio completo desse Sacerdote veneravel: em nosso espirito atribulado ainda echoam como notas agonisantes os seus derradeiros gemidos; falta-nos neste momento o repouso d'animo, indispensavel á um trabalho de longo folego.

Vae este esboço sem ordem nem elegancia, porque não conseguimos, máo grado reiterados esforços, acalmar de todo as angustias, que nos atormentam.

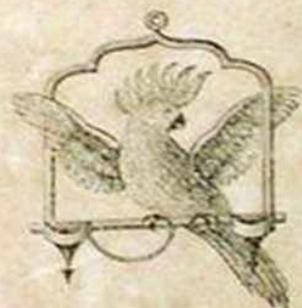
Podiamos lembrar o completo desprendimento do Conego Fonseca aos bens e honras do seculo; seu espirito de beneficencia velado pela modestia e reserva; sua obediencia inteira á hierarchia ecclesiastica; sua fervorosa devoção; sua humildade profunda; seu desprezo ás ostentações. Mas tudo isto está na consciencia publica, dispensa commentarios.

Acabou elle confortado com todos os Sacramentos e acompanhado com as orações da Igreja, por isso não nutrimos duvidas sobre a sorte, que a justiça divina lhe reservou; está sem duvida repousando no seio de Deos, embriagado em delicias ineffaveis.

Esta é a esperança que nos alenta o coração ferido pela intensa magoa da cruel separação, e pela funda saudade, que nos acompanhará durante a vida.

Teu corpo, querido amigo, encerrado no sepulchro, aguarda a resurreição final; mas tua alma banhada no sangue do Redemptor já está vendo a face de Deus, e dessa habitação feliz não esquecerás sem duvida os que te amaram.

Se porem, ó Deus de infinita misericórdia! algumas imperfeições (a poeira da vida terrena) ainda impedem o vosso servo de gosar a bemaventurança, aceitai as preces e gemidos da nossa alma como satisfação sufficiente, dando-lhe já O REPOUSO ETERNO E FAZENDO BRILHAR A SEUS OLHOS A LUZ PERPETUA.



BIBLIOTHECA PUBLICA  
do  
ESTADO DO MARANHÃO

# INDICE

---

## PRIMEIRA PARTE

|                                               | Pag. |
|-----------------------------------------------|------|
| A Cruz. . . . .                               | 1    |
| Os romances. . . . .                          | 6    |
| O Messias promettido . . . . .                | 8    |
| Nascimento de Jesus . . . . .                 | 9    |
| Os trabalhos e soffrimentos de Jesus. . . . . | 12   |
| Bens transitorios. . . . .                    | 15   |
| O sacerdocio christão . . . . .               | 16   |
| A Igreja e seus Apostolos. . . . .            | 20   |
| A preguiça . . . . .                          | 24   |
| A mulher no mundo pagão . . . . .             | 25   |
| A mulher e o christianismo . . . . .          | 28   |
| Jogos. Damnos que causam. . . . .             | 31   |
| O tempo . . . . .                             | 33   |
| Amor dos inimigos . . . . .                   | 36   |
| Ama o teu inimigo . . . . .                   | 41   |
| A palavra . . . . .                           | 43   |
| A maledicencia . . . . .                      | 45   |
| A Igreja . . . . .                            | 48   |
| Stabat Mater . . . . .                        | 51   |
| Caridade. . . . .                             | 62   |
| Dia de finados. . . . .                       | 63   |
| A alma . . . . .                              | 59   |
| O mundo. . . . .                              | 65   |
| Os escandalos . . . . .                       | 68   |
| Os máos livros. . . . .                       | 70   |
| O carnaval . . . . .                          | 72   |
| Amor paterno . . . . .                        | 75   |
| A Civilisação . . . . .                       | 77   |
| O estudo . . . . .                            | 80   |
| Instrucção e educação . . . . .               | 82   |
| A necessidade . . . . .                       | 83   |
| Amigos do meu . . . . .                       | 85   |

BIBLIOTHECA PUBLICA  
do  
ESTADO DO MARANHÃO

11

SEGUNDA PARTE

PAGINAS HISTORICAS.

|                                                    | Pag. |
|----------------------------------------------------|------|
| Combate dos Horacios e Curiacios . . . . .         | 87   |
| Coriolano. . . . .                                 | 90   |
| Triumpho de Scipião. . . . .                       | 93   |
| Os triumviros. . . . .                             | 96   |
| Grandesa de Cesar. . . . .                         | 98   |
| Assassinato de Julio Cesar . . . . .               | 100  |
| Octavio Augusto . . . . .                          | 103  |
| O seculo de Augusto. . . . .                       | 105  |
| Presagios da ruina de Jerusalem. . . . .           | 108  |
| Assedio e ruina de Jerusalem. . . . .              | 111  |
| Desgraça dos Judeus. . . . .                       | 115  |
| Jerusalem . . . . .                                | 117  |
| Batalha de Lepanto . . . . .                       | 118  |
| Jesuitas . . . . .                                 | 123  |
| Execução de Malagrida. . . . .                     | 126  |
| Cavallaria . . . . .                               | 130  |
| Cavalleiros andantes. . . . .                      | 132  |
| Guilherme Tell. . . . .                            | 135  |
| Vesperas da invasão de Roma (1870) . . . . .       | 138  |
| O exercito piemontez ás portas de Roma. . . . .    | 140  |
| Roma assaltada (20 de setembro de 1870) . . . . .  | 144  |
| O Papa durante o assalto de Roma. . . . .          | 148  |
| Pio IX depois da invasão de Roma. . . . .          | 151  |
| Crueldades dos invasores de Roma. . . . .          | 152  |
| Partida dos soldados pontificios . . . . .         | 154  |
| Sacrilegios sobre sacrilegios. . . . .             | 156  |
| Christovão Colombo. Descoberta da America. . . . . | 160  |
| Colombo e seu projecto. . . . .                    | 161  |
| Partida de Colombo . . . . .                       | 165  |
| Travessia do Atlantico. . . . .                    | 166  |
| Terra! Terra! A America. . . . .                   | 168  |
| Regresso de Colombo á Europa . . . . .             | 169  |
| Segunda viagem de Colombo . . . . .                | 170  |

# III

|                                             | Pag. |
|---------------------------------------------|------|
| Colombo regressa á Europa . . . . .         | 172  |
| Terceira viagem de Colombo . . . . .        | 173  |
| Negra ingratidão. Morte de Colombo. . . . . | 176  |
| Portugal na vanguarda da Europa . . . . .   | 177  |

## TERCEIRA PARTE

### PAGINAS DA HISTORIA BRASILEIRA.

|                                                                                         |     |
|-----------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Descobrimto do Brasil. . . . .                                                          | 181 |
| Primeira invasão hollandesa no Brasil. . . . .                                          | 185 |
| Invasão hollandesa em Pernambuco. . . . .                                               | 186 |
| Batalha naval. . . . .                                                                  | 189 |
| Traição de Calabar. . . . .                                                             | 192 |
| Maurício de Nasseau . . . . .                                                           | 195 |
| Lévantamento geral contra os hollandezes . . . . .                                      | 197 |
| Fim da guerra hollandesa . . . . .                                                      | 200 |
| Primeiras ideias de independencia do Brasil . . . . .                                   | 202 |
| Conspiração em Minas-Geraes. . . . .                                                    | 203 |
| Revolução em Pernambuco . . . . .                                                       | 205 |
| Vesperas da independencia do Brasil, viagem do<br>principe D. Pedro á S. Paulo. . . . . | 208 |
| Chegada de D. Pedro á capital de S. Paulo. . . . .                                      | 210 |
| Passeio de D. Pedro ao Ypiranga. . . . .                                                | 213 |
| Brado do Ypiranga. Independencia ou morte . . . . .                                     | 216 |
| Despedida de D. Pedro aos Paulistanos . . . . .                                         | 229 |
| Regresso de D. Pedro ao Rio de Janeiro. . . . .                                         | 222 |
| Acclamação do primeiro Imperador do Brasil . . . . .                                    | 225 |
| Guerra do Paraguay . . . . .                                                            | 229 |
| D. Vital, Bispo de Olinda . . . . .                                                     | 231 |
| D. Vital pronunciado, preso, amnistiado . . . . .                                       | 234 |
| D. Vital na Europa. . . . .                                                             | 238 |
| D. Vital no Brasil. Terceira viagem á Europa.<br>Morte de D. Vital . . . . .            | 241 |
| Espirito de D. Vital . . . . .                                                          | 246 |
| Zacharias de Goes e Vasconcellos . . . . .                                              | 250 |

## QUARTA PARTE

## GLORIAS MARANHENSES.

|                                                                     | Pag. |
|---------------------------------------------------------------------|------|
| Manoel Odorico Mendes . . . . .                                     | 255  |
| João Francisco Lisboa . . . . .                                     | 260  |
| Biographia de João Lisboa . . . . .                                 | 261  |
| Antonio Gonçalves Dias . . . . .                                    | 266  |
| Traços biographicos de A. Gonçalves Dias . . . . .                  | 269  |
| Traços biographicos do Conego Raymundo Alves<br>da Fonseca. . . . . | 293  |
| Doença e morte do Conego Fonseca. . . . .                           | 297  |

FIM DO PRIMEIRO VOLUME.

BIBLIOTHECA PUBLICA  
do  
ESTADO DO MARANHÃO